

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

RÚBIA GUIMARÃES RIBEIRO

TODO LO QUE INTERESA A LA MUJER:
DISCURSOS SOBRE SAÚDE NA REVISTA *PARA TI*

PORTO ALEGRE

2012

RÚBIA GUIMARÃES RIBEIRO

TODO LO QUE INTERESA A LA MUJER:
DISCURSOS SOBRE SAÚDE NA REVISTA *PARA TI*

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a MARIA HENRIQUETA LUCE KRUSE

PORTO ALEGRE

2012

CIP - Catalogação na Publicação

Ribeiro, Rubia Guimarães

Todo lo que interesa a la mujer: discursos sobre
saúde na revista Para Ti / Rubia Guimarães Ribeiro.

-- 2012.

105 f.

Orientadora: Maria Henriqueta Luce Kruse.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de
Pós-Graduação em Enfermagem, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Mídia. 2. Estudos culturais. 3. Corpo. I.
Kruse, Maria Henriqueta Luce, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RÚBIA GUIMARÃES RIBEIRO

Todo lo que interessa a la mujer: discursos sobre saúde na revista Para Ti.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em Porto Alegre, 16 de agosto de 2012.

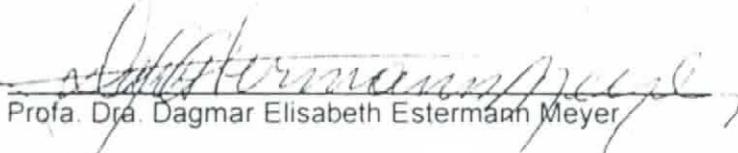
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Henriqueta Luce Kruse

Presidente da Banca – Orientadora

PPGENF/UFRGS



Profa. Dra. Dagmar Elisabeth Estermann Meyer

Membro da banca

PPGEDU/UFRGS



Profa. Dra. Dora Lúcia Leidens Corrêa de Oliveira

Membro da banca

PPGENF/UFRGS



Profa. Dra. Mariene Jaeger Riffel

Membro da banca

EENF/UFRGS

Ao Arthur, minha luz.

Ao Antonio, meu suporte.

À minha família, meu alicerce.

Aos amigos, meus reforços.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas que merecem meus agradecimentos pela contribuição na realização desta dissertação! Pessoas sem as quais certamente não teria sido possível realizar este trabalho. Sei que quando escolhemos percorrer um caminho complexo como esse, precisamos de apoio, compreensão e ajuda dos que estão próximos. Sem isso, o solitário e árduo trabalho da escrita não seria possível.

Muito obrigada a minha orientadora, professora Maria Henriqueta Luce Kruse. Sinto que, desde que nos conhecemos, há sete anos, essa orientação vem se desenvolvendo. Não apenas em relação a esta dissertação, mas na forma com que ela me ensinou a olhar em volta. Obrigada por ter me apresentado uma maneira diferente de ver o mundo. Levar-te-ei sempre em minhas lembranças, e espero que nossa amizade continue por muito tempo.

Obrigada às professoras Dora Oliveira, Mariene Riffel e Dagmar Meyer pela gentileza em aceitarem o convite para participar da banca avaliadora de meu trabalho. Admiro cada uma de vocês e sei que tenho muito a aprender com suas contribuições.

Tenho muito a agradecer às colegas do grupo de orientação que me deram sugestões e ajudaram a discutir tantas ideias do nosso referencial. Sem essas discussões certamente não teria o olhar que tenho. Obrigada Stefanie, Camila, Franciele, Giselda, Dayane, Aline. Agradeço também àquelas que não fazem mais parte do grupo, mas que, quando iniciei o mestrado, foram muito parceiras: obrigada Flávia e Daniela; saibam que suas contribuições me ajudaram a dar “o pontapé inicial” nessa caminhada.

Aos meus grandes amigos, verdadeiros companheiros que tenho certeza que conquistei para o resto de minha vida. Vocês sabem que sem nossos momentos de descontração eu não levaria tão tranquilamente este processo de escrita. Karen, Matheus, Kátia, Clayton, Nádia e Délcio: obrigada pelos finais de semanas, pelas jantadas, pelos risos. São momentos assim que nos dão fôlego para as horas sérias e ajuizadas. E a minha grande amiga Simone, obrigada por ser tão especial em minha história, por me entender tão bem e me mostrar como é uma verdadeira amizade.

Ao meu marido, amigo e parceiro de todas as horas, Antonio: muito obrigada pelo carinho, pela paciência e por me ajudar a enxergar os obstáculos de maneira objetiva e otimista. Estejas certo que tua serenidade foi essencial nos momentos difíceis desse processo. É muito bom poder contar com alguém que sempre oferece o que tem de melhor.

À minha mãe Eva, agradeço pela disponibilidade em me ajudar. Em todos os momentos que precisei, fui prontamente atendida. Mãe, se não fosse tua dedicação ao cuidar do meu filho, deixando-o feliz mesmo quando eu precisava me ausentar, certamente não teria conseguido encarar a difícil tarefa de escrever uma dissertação.

À minha irmã Nádia, obrigada pelos momentos de escuta, quando por horas desabafava minhas inquietações. Sei que paciência e interesse foram companhias constantes em nossas conversas. Minha irmã Silvana: saiba que mesmo não nos vendo todos os dias, não tenho dúvidas do quanto torces por mim e do quanto estás sempre disponível para me ajudar no que for preciso. Aos meus sobrinhos, Pablo e Guilherme; obrigada por, em diversas situações, brincarem com meu filho enquanto eu lia um texto ou escrevia algumas palavras. Amo vocês!

Por último, gostaria de agradecer à pessoa mais importante da minha história: Arthur, muito obrigada por alegrar minha vida, descontrair meus dias e animar as horas em que o desânimo parecia imperar. Agradeço todos os dias por ter um filho exatamente como tenho. Te amo pelo que tu és e pela pessoa que me tornei depois que fui mãe.

Bem poderíamos [...] admirar o homem pelo fato de ser ele um poderoso gênio da arquitetura: ele conseguiu erigir uma catedral conceitual infinitamente complicada sobre fundações movediças, de qualquer maneira sobre água corrente. Na verdade, para encontrar um ponto de apoio em tais fundações, precisa-se de uma construção semelhante às teias de aranha, tão fina que possa seguir a corrente da onda que a empurra, tão resistente que não se deixe despedaçar a mercê dos ventos.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Esta dissertação analisa os discursos sobre saúde e os investimentos nos corpos das mulheres em uma revista feminina, considerando que somos subjetivados por determinadas ideias acerca da saúde que circulam nos discursos que nos atravessam. Tal processo de subjetivação acontece de diferentes maneiras, sendo a mídia uma das mais importantes. O estudo é de natureza qualitativa, tendo como base os Estudos Culturais, em sua versão pós-estruturalista. As análises são apoiadas em ferramentas sugeridas pelo filósofo Michel Foucault, como discurso e poder, bem como seus deslocamentos, governo e biopoder. Constituíram o corpus da pesquisa 23 exemplares da revista argentina *Para Ti*, datados de 2 de janeiro até 25 de junho de 1940. Organizo as análises em dois marcadores, que indicam traços distintivos, sinalizadores de determinados sentidos nas análises. No primeiro deles, intitulado “mulher: a responsável pela saúde da família”, destaco os diferentes artifícios que posicionam as mulheres como responsáveis pela saúde da família. No segundo marcador, “imperativo da saúde: governo da vida e do corpo”, mostro maneiras como as leitoras vão sendo subjetivadas para que mantenham a sua saúde e de seus familiares. Ao conduzir suas condutas em diferentes esferas da vida, a Revista vai governando as mulheres e suas famílias, tendo como objetivo o governo da população, onde todos e todas aprenderão a ser saudáveis.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Mídia. Corpo humano.

ASBTRACT

The thesis analyzes the discourses about health and the investments in women's bodies made by a women's magazine, considering that we are rendered subjective by certain ideas about health which are part of the discourses that surround us. This process of subjectification is manifested in different ways, the media being one of the most important. The study is of qualitative nature, based on Cultural Studies, in their post-structuralist version. The analyses are supported by tools suggested by philosopher Michel Foucault, such as discourse and power, as well as their displacements, government and biopower. The research corpus is comprised of 23 copies of the Argentinean magazine *Para Ti* (For You), dated from January 2 to June 25, 1940. The analyses are organized by two markers, which indicate the distinctive traits that highlight certain meanings in the analyses. In the first one, entitled "woman: responsible for family health" the different artifices, which position women as the ones in charge of families' health, are highlighted. In the second marker, "imperative for health: governing life and body" the ways in which female readers are subjectified to take care of their own health, and that their families' as well, are presented. By steering their conduct in different areas of life, the Magazine governs women and their families, with the aim of governing the population in a way in which all will learn to be healthy.

Keywords: Cultural Studies. Media. Human Body.

RESUMEN

La disertación analiza los discursos sobre la salud y las inversiones en los cuerpos de las mujeres de una revista femenina, teniendo en cuenta que nos constituimos como sujetos por determinadas ideas acerca de la salud que circulan en los discursos que nos atraviesan. Este proceso de subjetivación sucede de diferentes maneras y una de las más importantes son los medios masivos de comunicación. El estudio es de carácter cualitativo y tiene como base los Estudios Culturales en su versión post – estructuralista. Los análisis se sustentan en las herramientas sugeridas por el filósofo Michel Foucault, en tanto discurso y poder, así como también en sus desplazamientos: gobierno y biopoder. El corpus de la investigación lo constituyen veintitrés ejemplares de la revista argentina *Para Ti*, publicados del 2 de enero hasta el 25 de junio de 1940. Los análisis se organizan en dos marcadores que indican los rasgos distintivos y determinan los sentidos del análisis. El primero de ellos, titulado “La mujer: la responsable de la salud de la familia”, destaca las diversas estrategias que posicionan a las mujeres como responsables de la salud de la familia. El segundo marcador, “Imperativo de la salud: gobierno de la vida y el cuerpo” muestra las maneras por las cuales las lectoras van siendo subjetivadas para que mantengan su salud y la de su entorno familiar. Al conducir sus conductas en diferentes esferas de la vida, la revista va direccionando a las mujeres y sus familias teniendo como objetivo el control de la población donde todos y todas aprenderán a ser saludables.

Palabras clave: Estudios Culturales. Medios de Comunicación. Cuerpo Humano.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Seções da <i>Para Ti</i>	36
---	----

SUMÁRIO

1 OS SENTIDOS DESSA ESCRITA	11
2 UMA PEQUENA HISTÓRIA DO CORPO E DA MÍDIA	23
3 COMO LI A <i>PARA TI</i>.....	29
4 O MUNDO EM 1940	38
5 O QUE INTERESSA A MULHER.....	58
5.1 MULHER: A RESPONSÁVEL PELA SAÚDE DA FAMÍLIA	61
5.2 O IMPERATIVO DA SAÚDE: GOVERNO DA VIDA E DO CORPO.....	73
COMO NOS TORNAMOS O QUE SOMOS	92
REFERÊNCIAS	97

1 OS SENTIDOS DESSA ESCRITA

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (LARROSA, 2002, p. 21).

Longevidade, vida, exercício, fruta, verdura, medicação, sono, lazer, peso. O que essas palavras podem ter em comum? Depende. Um professor de português poderia dizer que, ao pensar no sentido de tais palavras, elas podem não ter uma relação semântica entre si. É uma visão dentre muitas possíveis. Para mim – enfermeira, mulher, mãe –, elas têm uma relação indissociável com a saúde. No entanto, poderiam ser usadas muitas outras palavras para invocar o que têm circulado sobre a busca incessante da saúde. Escolhi aleatoriamente as primeiras que vieram ao meu pensamento para ilustrar a variedade de questões que a saúde engloba, determina e se apropria. Foram essas expressões que hoje, aqui e agora, com 32 anos, surgiram quando comecei a pensar sobre o assunto. Talvez minha mãe, com a idade que tenho, usaria outras palavras para pensar sobre saúde. De repente minha avó, aos seus 32 anos, falasse coisas bem diferentes sobre esse tema. Ou quem sabe os pensamentos de minha avó ou de minha mãe sobre a saúde se aproximassem bastante do meu. Será? Talvez, de repente, quem sabe: são essas as expressões que consigo usar para pensar sobre a saúde em um tempo que não faz parte do que vivo agora. Neste momento, não consigo ir além delas.

Sei que fui subjetivada por determinadas ideias acerca da saúde, a partir dos discursos que circulam, do que apreendi no decorrer de minha vida. Esse processo de subjetivação acontece de diferentes maneiras, mas acredito que uma das mais importantes se dê através dos discursos que circulam na mídia. A mídia faz parte de nossa rotina, influenciando nossas ações e, mais do que isso, nos ensinando a agir. Existem diferentes meios de comunicação que fazem parte da nossa cultura, que têm presença constante na vida de todos nós. Os conteúdos veiculados por eles nos atingem diretamente. A mídia nos interpela, produz modelos de vida, nos mostra como devemos agir e o que devemos fazer nas mais variadas situações. Ela exerce importantes efeitos socializantes por meio de seus exemplos e de suas variadas “posições de sujeito”, valorizando determinados modos de ser e desvalorizando outros (KELLNER, 2001). Esses ensinamentos fazem parte de uma gama de estratégias pedagógicas que, ao circularem no contexto social, interpelam os sujeitos, promovendo a educação e o governando os

indivíduos (ANDRADE, 2004). Não podemos esquecer que são diversas as instâncias que exercem pedagogias culturais, mas acredito que a mídia ocupa um lugar privilegiado nesse processo, visto que atinge um grande número de pessoas.

Para ilustrar a importância que a mídia assume na transmissão de conhecimentos sobre a saúde, trago um recente exemplo da mídia televisiva. Quem assistiu ao programa *Fantástico*, exibido pela rede Globo nos domingos à noite, nos meses de março a junho de 2011, pôde acompanhar dois apresentadores iniciarem um programa de exercícios e reeducação alimentar em busca da tão sonhada “medida certa”; aliás, era esse o título bastante sugestivo do quadro. Nele, era enfatizado que determinadas medidas, individualizadas e orientadas a cada um dos apresentadores, lhes ajudariam a manterem-se, além de mais magros, mais saudáveis. O quadro citado ilustra a capacidade que a mídia tem de educar a população, ao ensinar comportamentos saudáveis e prescrever estratégias em busca da saúde. No entanto, os ensinamentos transmitidos pelos meios de comunicação circulam por diferentes mídias, não se detendo apenas à televisão. A mídia impressa também coloca em circulação discursos educativos de maneira igualmente eficaz e abrangente. Jornais, revistas, artigos científicos dão sugestões, prescrevem e ensinam modos de vivermos saudavelmente. Programas, reportagens, entrevistas; múltiplas maneiras para aprender a ser saudável e mudar o estilo de vida.

Podemos pensar que, hoje em dia, o que não está na mídia não acontece: é na mídia que as coisas mais aparecem e circulam. Mas será que sempre foi assim? Será que ela sempre teve essa postura educadora? Será que os conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação sempre exerceram as chamadas pedagogias culturais? Como vivo nesse tempo e sou também fruto das interpelações que a mídia exerce em nossas condutas, acredito que os meios de comunicação sempre tiveram o poder de subjetivar pessoas, ao escolher determinados discursos e não outros para colocar em circulação, de acordo com o contexto social e cultural no qual estão inseridos. Pensando nesse poder como algo que “opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos” (FOUCAULT, 1995, p. 243), penso que cada época diz o que é possível dizer, assim como o que não é dito também depende de determinadas condições existentes: “é sempre na manutenção da censura que a escuta se exerce” (FOUCAULT, 2007, p. 13). Para ilustrar essa ideia, cito um exemplo referente à mídia brasileira do início século XX: a imprensa começava a assumir um lugar privilegiado de informação e difusão do crescente otimismo vivido em meio aos lucros de exportações, devido à nascente produção fabril, ao crescimento do setor de serviços, ao avanço nas comunicações e ao letramento da população (LUCA, 2005). Naquele momento, a

mídia teve sua função intensificada em meio às condições que possibilitaram o aumento da visibilidade dos meios de comunicação.

Essas considerações sustentam a questão central de minha pesquisa: conhecer os ensinamentos de saúde e os investimentos nos corpos das mulheres veiculados em uma revista feminina do ano de 1940: a *Para Ti*, uma revista argentina com publicação semanal que circula até hoje. A escolha dessa revista se deu primeiramente pela concessão por parte de minha orientadora, que a obteve através de meios familiares. Naquela época, esses exemplares foram encadernados e levados por uma mulher para auxiliar nas atividades relacionadas ao casamento. Além disso, havia grande circulação entre o público feminino, com a tiragem variando entre 250.000 e 280.000 exemplares – um número bastante expressivo quando o mundo estava em plena II Guerra Mundial. Naquele momento, restava às mulheres ampliar suas funções relativas aos cuidados domésticos, visto que os homens eram convocados a lutar. Dessa forma, cabia à Revista não apenas o papel de entretenimento, mas de auxílio, com sugestões sobre assuntos diversos, entre eles a saúde da mulher e da família (KRUSE, 2009). Sendo a *Para Ti* a primeira revista feminina da América Latina, seus exemplares circulavam com facilidade no Brasil, onde ela era muito lida. Considerando a influência dos ensinamentos articulados pela mídia, desejo destacar a pedagogia da saúde e a divulgação das práticas corporais pela mídia impressa porque acredito que os discursos das revistas vêm produzindo o corpo da mulher ao longo do tempo. Antes de iniciar cada capítulo, trouxe algumas imagens da Revista que achei especialmente interessantes. Para essas escolhas, não fui guiada por nenhuma teoria, apenas escolhi tais ilustrações porque acredito que elas dialoguem com meu texto e podem ajudar meus leitores a pensar nas maneiras como eram apresentados os conteúdos da *Para Ti*.

A partir das ideias expostas até aqui, gostaria de dizer de onde falo, de que lugar proponho minhas indagações e realizo minha escrita. Identifico-me com o pós-estruturalismo, uma postura filosófica, um modo de pensamento que nos permite pensar no sujeito, em suas práticas e em seus modos de subjetivação de novas e diferentes maneiras. Tal postura questiona os pressupostos universalistas da racionalidade, assim como o cientificismo das ciências humanas. Essa perspectiva suspeita de argumentos transcendentais, não acredita em discursos que queiram representar uma síntese ou supor uma universalidade. Além disso, também tem como característica a analítica de poder tomada por Foucault, seu diagnóstico do “saber–poder”; a visão de que o poder é produtivo e que também cria novos saberes, o caráter de dispersão que o poder possui, não estando localizado em um único ponto (PETTERS, 2000). Por isso, o pós-estruturalismo nos possibilita trabalhar com a noção de corpo como

uma consequência sociocultural, como produto e efeito de relações de saber-poder (SCHWENGBER, 2006).

Folheando as *Revistas Para Ti* de 1940, algumas questões começaram a esboçar-se: como determinadas práticas corporais foram se organizando ao longo do tempo? Como eram apresentados os discursos sobre saúde e quais eram os investimentos nos corpos das mulheres no início do século XX? Acredito que, ao ensaiarmos algumas respostas para essas questões, podemos problematizar as maneiras como se dão as práticas corporais nos dias de hoje. Não buscarei uma linearidade, uma continuidade dos discursos que circularam em 1940 e que circulam hoje, ou um amadurecimento de ideias recorrentes. O que desejo é mostrar como os discursos emergiam, como foram sendo excluídos ou se repetiam, de acordo com as condições sociais e políticas de cada época. É importante destacar as palavras de Sant'Anna (1995a), que evidenciou que os regimes de visibilidade que definem a verdade do corpo, da saúde e da doença em cada época são provisórios. A partir disso, não tomo a contemporaneidade como o produto final de um progresso; minha intenção é pensar as diferentes maneiras que permitiram o aparecimento de certos discursos. De acordo com Kruse (2004), ao pensarmos como Foucault, fica evidente que a importância não está em procurar as transformações que um determinado objeto sofreu ao longo do tempo em uma dada cultura, mas tornar problemático e histórico o que vemos como natural. Portanto, ao tentar buscar as condições de possibilidade do surgimento dos modos de ver e descrever o corpo saudável que conhecemos hoje, retorno às revistas de 1940 para poder traçar a partir desse material uma determinada historicidade para os corpos:

Nada nos chega do passado que não seja convocado por uma estratégia, armado por uma tática, visando atender alguma demanda de nosso próprio tempo. O fato histórico é sempre sangue coagulado que volta a escorrer impulsionado por algum sonho, ferida que se faz no presente pela descoberta da violência lancinante que o separou do passado, brasa que volta a queimar após ser reavivada pelo gesto que remove as cinzas que a haviam apaziguado. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2000, p. 123).

O fato de existirem diversas pesquisas que problematizam os discursos sobre saúde veiculados em revistas femininas contemporâneas me instigou a investigar esses discursos em uma revista de uma época passada. Os estudos mais recentes tentaram relacionar o corpo feminino à função pedagógica que a mídia exerce sobre esses corpos hoje, analisando os modos como ela interpela as leitoras atuais. Sandra Andrade (2002), por exemplo, discutiu as representações do corpo feminino produzidas e veiculadas na *Revista Boa Forma*. A autora analisou um programa da revista intitulado *Desafio de Verão*, nos anos de 1999, 2000 e 2001,

que tratava de dietas alimentares e exercícios físicos. Cíntia Strim (2011) mostrou como os conceitos contemporâneos de saúde como um “mais”, molecularização do corpo e otimização da beleza apareciam na *Revista Claudia*, nos anos de 2008 e 2009, bem como as estratégias utilizadas na produção de estereótipos dos corpos femininos na atualidade. Márcia Luíza Figueira (2002) estudou as representações do corpo adolescente feminino produzidas e veiculadas pela *Revista Capricho* nos anos de 2000 e 2001. Maria Simone Schwengber (2006) discutiu alguns dos modos como diferentes discursos da *Revista Pais e Filhos* investiam no corpo grávido. Ela pensou nesse método educativo como uma dimensão importante de um processo contemporâneo mais amplo, o qual definiu como “politização do feminino e da maternidade”. Para promover essa discussão, ela examinou a Revista no período de 1968 a 2004. Esses são alguns dos trabalhos existentes atualmente dentro da perspectiva que apontei que nos ajudam a pensar nos modos como alguns artefatos da mídia impressa ensinam determinadas lições sobre corpo e saúde às suas leitoras.

Na esteira dessas problematizações, propus analisar os ensinamentos de uma revista de 1940, época em que as mulheres assumiam outros papéis, ou em que esses papéis apareciam com ênfases diferentes das que lhes são dadas hoje. Naquela época, o papel de esposa e mãe era prioridade, sendo difícil pensar na mulher como profissional independente, que sente prazer, que pode se divorciar ou escolher ser solteira. Kruse (2009) conta que, na década de 40, a *Revista Para Ti* encontrava-se em um contexto no qual as mulheres tinham como função fundamental cultivar o amor e a felicidade entre os que estavam a sua volta, cuidando principalmente do bem-estar de seu marido. O corpo ideal estava a serviço da busca pelo sucesso almejado pelas mulheres, que naquela época consistia em conseguir um marido, filhos, uma casa e o consequente respeito da sociedade por ser alguém que alcançasse tal condição: “[...] a mulher tinha que ser cheirosa, sem rugas, com hálito fresco e, mesmo se fosse gorda, não tinha problema, pois usando corpete, ela tinha chance de arrumar um marido” (KRUSE, 2009, p. 31). Período, espaço e pensamentos diferentes que, de alguma maneira, constituíram as condições de possibilidade para se pensar o que seria um corpo saudável. Não me compete questionar se era pior, ou melhor, mas sim compreender as condições que possibilitaram a existência dos discursos que hoje circulam.

* * *

As revistas como integrantes do universo midiático podem ser pensadas a partir de seu caráter pedagógico, porque seus discursos são endereçados a determinado público, sendo

acionadas diferentes estratégias para interpelar as pessoas. O que assistimos na televisão, o que lemos nas revistas e o que ouvimos no rádio constituem artefatos culturais que exercem influência no que pensamos de nós mesmos, em nossas identidades (ANDRADE, 2004). Considerando que as pessoas estão constantemente em contato com tais mídias, fomos e continuamos sendo alvos desses discursos. Existiram e existem diferentes estratégias de produção de verdades em nossa sociedade, mas acredito que as revistas são importantes aliadas na proliferação de “táticas” na busca da saúde.

Durante minha graduação, quando fui bolsista de Iniciação Científica, tive a oportunidade de estudar as ideias do filósofo Michel Foucault. Tais ideias me estimularam a olhar para o corpo por essa perspectiva. Em meu trabalho de conclusão de curso (RIBEIRO; KRUSE, 2007), analisei os encartes do *Caderno Vida* que circulam aos sábados no Jornal *Zero Hora*. Olhando para as matérias que continham discursos a respeito do corpo, procurei avaliar como se referiam ao corpo, que prescrições divulgavam, quais modos de relacionamento com o corpo privilegiavam. Nas análises, observei que o jornal referia-se recorrentemente a um possível corpo ideal, ensinando o que devemos fazer para ter esse corpo e apresentando reportagens e matérias que enfatizavam por que devemos ter o corpo ideal. Percebi que o corpo idealizado é, além de magro e jovem, também saudável. Dessa forma é construída uma poderosa rede discursiva que interpela os leitores sob os mais variados aspectos de suas vidas, sendo quase impossível ficarmos fora desse discurso (RIBEIRO; SILVA; KRUSE, 2009). O resultado desse trabalho me estimulou a estudar os modos como a mídia instigava seu público a seguir determinados padrões de comportamento e de estilos de vida, a conquistar o corpo considerado saudável em uma época diferente da época em que vivo, para ver como foram sendo construídos esses discursos acerca da saúde e, de alguma maneira, tentar compreender um pouco como viemos a nos tornar o que somos.

Por causa das considerações expostas até aqui, dentre outras que apresentarei no decorrer de meu trabalho, surgiu o interesse em realizar essa pesquisa. Admitindo que sou leitora de revistas femininas e que, como enfermeira, me interessa muito pela temática da saúde, instigava-me conhecer os discursos que circulavam sobre o corpo na primeira metade do século XX, particularmente em 1940, em plena II Guerra Mundial. Naquela época, a expectativa de vida era menor do que hoje. Além disso, era o homem quem representava o ideal do ser humano; a mulher era valorizada principalmente por sua capacidade reprodutiva. Então, interessava-me analisar se os discursos sobre saúde e os investimentos nos corpos saudáveis eram tão evidentes e insistentes como hoje. Assim, optei por observar como a *Revista Para Ti*, interpelava suas leitoras em relação aos seus corpos. Essa revista destinava-

se exclusivamente ao público feminino, e essa finalidade já era explicitada na capa: “*Todo lo que interesa a la mujer*”¹ (PARA TI, 1940, p. 3). Acredito que as revistas são também um lugar de memória e de escrita da história, um lugar que conta a história da mulher e de sua saúde.

Para lançar um olhar analítico sobre as revistas *Para Ti* do ano de 1940, pensei em levar em conta a época de sua publicação, bem como sua contextualização histórica-cultural. Foucault (2007) ressalta que a história só define um elemento, considerando as séries diversas e entrecruzadas da qual ele faz parte. Desse modo, contextualizei a década de 1940 em um capítulo específico porque sei que essa contextualização é imprescindível na busca de possíveis respostas para minhas diversas questões: como os discursos das práticas corporais sobre saúde na *Revista Para Ti* regulavam e governavam suas leitoras? Como esses discursos se constituíam nas revistas? Quais estratégias a Revista usava para organizar esses discursos? Que instituições e sujeitos estavam envolvidos na produção dos discursos contidos nessas revistas? Para ilustrar minha intenção, faço uma metáfora: procurei olhar para os discursos como se fossem múltiplos e diferentes “nós” dispersos em um grande “tecido”, onde supus que encontraria uns mais “apertados” que outros. A partir dessa analogia, pretendi realizar um esforço no sentido de “puxar os fios”, desatando os nós ou apenas “soltando” os mais apertados, a fim de tornar esse tecido menos “emaranhado”, para que se tornasse mais nítida a definição de sua trama.

Mas como se estabelecem, em que contexto se constituem os discursos sobre o corpo considerado saudável? Deixo algumas pistas a partir de determinadas leituras realizadas em torno de meu problema de pesquisa. Acredito que eles são constituídos em uma situação discursiva que define determinadas formas corretas e incorretas de viver. Essas formas fazem parte de um artifício de transmissão do conhecimento especializado, destinado a uma população tida como leiga, que precisa aprender o que não sabe, conhecer o que desconhece, se familiarizar a respeito de sua saúde e de suas maneiras de viver de forma saudável ou não. Meyer et al. (2006) contam que esse processo fica mais claro quando consideramos que as práticas sanitárias que foram proeminentes no século XX alcançaram estabilidade através do saber científico, com sua objetividade, neutralidade e universalidade. É o modelo clássico saúde–doença que sustenta a imposição de determinados comportamentos tidos como corretos para alcançar a saúde. A partir disso, passamos a acreditar na “[...] suposição de que

¹ Optei manter em espanhol todos os excertos utilizados da *Revista Para Ti*, porque acredito que, quando traduzimos um texto, corremos o risco de comprometer seu sentido.

comportamentos ‘não educados’ por esses padrões são insuficientes, insalubres e inadequados [...]” (MEYER et al., 2006, p. 1336).

O corpo saudável faz parte dos diversos ensinamentos poderosos do período moderno – que teve seu ápice na primeira metade do século XX – e tem como aliado o discurso científico biomédico que lhe confere um status verdadeiro e inquestionável. Sabemos que as raízes das ciências biomédicas encontram-se na ciência moderna, em que a medicina se organiza. A ciência pretende influenciar os fenômenos vitais assumindo uma postura neutra nessa interferência (SILVA, 2001). Pensamos na ciência moderna como se fosse única, e os saberes que não pertencem a esse seletivo grupo são considerados não legítimos (SANTIN, 2002). A mídia se alia ao discurso científico, e essa ligação garante a ela legitimidade e credibilidade. Isso tudo representa para nós nada menos do que a verdade, atendendo a nossa crescente vontade de verdade. A ciência assume um papel decisivo na produção dos discursos considerados verdadeiros. Certamente podemos pensá-la como o mais poderoso regime de verdades inventado na modernidade (COSTA, 2002).

A ciência constrói verdades. Latour (2001) nos ajuda a refletir sobre isso quando diz que a ciência nos vincula a um mundo construído. Mapas, diagramas, gráficos nos são mostrados como equivalentes a realidades precisas e inquestionáveis. No entanto, essas realidades são modos de apresentar o mundo, e assim como podem nos aproximar também podem nos afastar dele. Podemos pensar nos discursos da saúde que circulam nas revistas como uma representação dentre outras representações possíveis. Ao pensarmos que o discurso científico é apenas um entre outros discursos existentes, podemos lançar sobre ele um olhar analítico. No entanto, problematizar o discurso científico não é tarefa fácil, visto que sua aceitação é quase unânime e seu poder de verdade é considerado absoluto e único. Ele acredita que desvela a verdade das coisas, como se ela estivesse em algum lugar esperando que alguém a descobrisse. Mas penso que adotar a postura do referencial pós-estruturalista – que coloca tudo sob permanente suspeita, tanto em relação a nós mesmos quanto ao que nos é dado como finalizado, verdadeiro e inquestionável – nos ajuda a lançar sobre essas verdades um olhar mais desconfiado, fazendo dessa desconfiança uma companheira inseparável e primordial para seguirmos esse complexo caminho (VEIGA-NETO, 2007).

A relação existente entre ciência e verdade pode ser bem ilustrada através das ideias de Foucault; primeiramente, pelo que ele nos fala sobre episteme, tratando-a como regras que conduzem a produção de discursos em uma determinada época. Diferentemente da epistemologia, que busca refletir sobre o conhecimento científico, a episteme fala sobre um ordenamento histórico dos saberes, anterior ao ordenamento da ciência. A reflexão da

epistemologia sobre a ciência acontece por dentro desse saber, conectada a representações privilegiadas desse conhecimento, portanto não pode ser nela encontrada a origem dos saberes, da mesma forma que também não encontraremos a fundamentação do conhecimento na episteme. Cabe lembrar que, no referencial pós-estruturalista, não há busca de bases e alicerces, simplesmente porque eles não existem (VEIGA-NETO, 1995). Assim, a ciência não representa uma verdade única e indiscutível, ela não existe *a priori* de outros conhecimentos. Foucault diz que, em vez de perguntarmos à ciência como ela se aproximou da verdade, devemos pensá-la em suas relações com os discursos, questionando as histórias contidas nessas relações (CASTRO, 2004). As verdades são inventadas por nós, são coisas desse mundo, são produzidas nele devido a diversas coerções e assim produzem efeitos regulamentados de poder (FOUCAULT, 2005g). Dessa forma, não pretendi direcionar meu pensamento sobre os discursos da ciência contidos nas revistas no sentido de analisar se satisfazem ou não algum critério de verdade, mas sim no sentido de pensar em como se estabelecem esses critérios e o que fazemos com eles.

Acreditar nos ensinamentos tidos como verdadeiros nos conforta porque ajuda a entender que fazemos parte desse mundo; a verdade nos introduz na cultura viva, nos familiariza com o social. Todos nós temos uma vontade de verdade, justamente por isto: porque a verdade nos acalma, nos acomoda e nos organiza diante do mundo. Foucault (2007) diz que há séculos essa vontade nos acompanha. Ela exerce sobre os discursos uma espécie de pressão e um poder de coerção. Mesmo na contemporaneidade, essa vontade de verdade não cessa de se avigorar, de se tornar mais intensa. Ela nos acompanha em todos os momentos, mas não pensamos nela, porque para nós é como se ela fosse disfarçada pela própria verdade:

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la. (FOUCAULT, 2007, p. 20).

Nietzsche (2001) dizia que os seres humanos acreditam possuir algum saber sobre as coisas, mas para ele o que temos são apenas metáforas dessas coisas, e, como tais, nunca corresponderão exatamente às entidades originais. Por isso a verdade pode ser vista como uma grande quantidade de metáforas, produto de relações humanas que foram destacadas pela oratória e, depois de um uso prolongado, pareceram estáveis e obrigatórias aos indivíduos. “As verdades são ilusões das quais se esqueceu que são, metáforas gastas que perderam a sua força sensível” (NIETZSCHE, 2001, p. 13).

A racionalidade científica moderna assume que interpreta corretamente os fenômenos. Ela enuncia verdades sobre os acontecimentos somando diversas metáforas que atendem a essa nossa vontade de verdade, já que possui o poder de conferir *status* de verdadeiro a diversos discursos, tanto da saúde como fora dela. A ciência estabelece os padrões de saúde e a mídia, como uma das veiculadoras dos discursos científicos, os reforça. Cremos no discurso que diz que a ciência é legitimadora de verdades inquestionáveis. É a isto que devemos nos atentar: a crença na verdade é, conforme seu próprio nome diz, uma crença que, como as demais, necessita que seus crentes manifestem sua fé para que seja fortalecida, obedecendo aos que falam em nomes dos fatos (LARROSA, 1998), lembrando que, na modernidade, é a ciência que faz esse papel. Adotar uma postura questionadora é essencial para desenvolver a atividade de pesquisa de uma maneira rigorosa e também criativa, não apenas fazendo contestações, mas refletindo sobre os problemas analisados.

* * *

A saúde possui um universo cultural de significações acerca de ser saudável ou não. Hall (1997) nos diz que a cultura constitui todos os aspectos da vida social ao englobar os variados sistemas de significados que os indivíduos utilizam para definir, organizar e regular suas condutas uns em relação aos outros. Além disso, também tem grande importância no que concerne à organização e estrutura da sociedade moderna. Hall usa a expressão “centralidade da cultura” para apontar como ela penetra em cada espaço da vida social: ela “está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam [...]” (HALL, 1997, p. 22). Com presença marcante na vida dos indivíduos, podemos pensar que nossas identidades são formadas culturalmente. Diálogos entre conceitos, significados, definições são representados para nós através dos discursos da cultura. De maneira consciente ou não, todos temos o desejo de responder aos apelos feitos por esses diálogos; queremos assumir as posições de sujeitos constituídos por tais discursos, queremos nos identificar. As práticas de saúde e os corpos saudáveis são produzidos na história e na cultura. Devido ao seu caráter cultural, essas práticas são passíveis de educação. Sendo assim, as revistas como artefatos culturais exercem pedagogias culturais, porque oferecem determinadas narrativas que “fisgam” os discursos que circulam no interior da cultura interpelando os sujeitos e produzindo determinadas identidades (SCHWENGBER, 2006).

De que maneira a cultura penetra nos corpos deixando suas marcas? Como nos tornarmos sujeitos constituídos pelos discursos da cultura? Como a cultura nos subjetiva? Entendo o sujeito como produto de determinados modos de subjetivação. Como não acredito

que nascemos com uma personalidade pronta que nos acompanha durante toda a vida, penso que nos tornamos sujeitos de determinados discursos, daqueles que nos interpelam. Como os modos de subjetivação são históricos, devemos observá-los considerando sua época e formação social (FISCHER, 2002). Ao assumir uma função pedagógica, a mídia constrói e veicula discursos considerados verdadeiros e dignos de serem ensinados. As reportagens, entrevistas, pesquisas contidas em uma revista são vistas como materialidade discursiva que tem o poder de formar sujeitos. Neto (2000) entende que a subjetividade não pode ser pensada como uma interioridade privada, mas conectada a diversas instâncias da vida social e histórica. Podemos vê-la como resultante de múltiplos processos, não como um simples ponto de partida. Dentro desses artifícios, ela se constitui como uma emaranhada montagem, que também envolve os meios de comunicação. Os textos produzidos na mídia são destinados à ampla circulação, constroem e multiplicam enunciados seus ou em sintonia com outras instâncias de poder. A possibilidade de alcance dos enunciados amplia a força de seus efeitos, o que justifica a importância de olharmos atentamente para esse material (FISCHER, 1997).

Penso que os discursos que nos interpelam são históricos, culturais, existem em determinada época e não existem em outra. O social não é o local onde os sujeitos vivem de acordo com uma racionalidade *a priori*, ele é um discurso modelado pela ação humana (VEIGA-NETO, 2007). A partir disso e das considerações esboçadas até aqui, acreditando que os discursos que circularam na *Revista Para Ti* tiveram importância na construção das subjetividades em sua época e até mesmo nas subjetividades de hoje, realizei uma análise cultural de algumas edições da revista procurando enunciados e certos regimes de verdade que são produzidos e veiculados para subjetivar as pessoas. Essa forma de análise expõe mecanismos de subordinação, controle e exclusão, que produzem efeitos no mundo social (COSTA, 2000). Para embasar minhas análises, utilizei como apoio algumas ferramentas sugeridas pelo filósofo Michel Foucault, sendo que tomo discurso e poder como centrais. Cabe ressaltar que também me apoiei em dois deslocamentos da noção de poder para Foucault: governo e biopoder (MAIA, 1995). Todas essas teorizações serão explicadas mais detalhadamente no capítulo denominado *Como li a Para Ti*, no qual descrevi minha metodologia. Um pouco da história do corpo bem como da mídia estarão apresentadas no capítulo intitulado *Uma pequena história do corpo e da mídia*. No decorrer de meu trabalho, utilizei alguns trechos de textos em espanhol, e as traduções desses trechos são de minha responsabilidade.

Então, depois de mostrar alguns elementos importantes em minhas investigações, fica a pergunta: qual o objetivo de minha dissertação? Bom, meu principal objetivo consiste em

conhecer e analisar como foram apresentados os discursos sobre saúde e os investimentos nos corpos das mulheres na *Revista Para Ti*, no ano de 1940, refletindo sobre as condições de possibilidade desses discursos e os modos como circulavam produzindo subjetividades e ensinando suas leitoras a serem saudáveis. Desse modo, na medida em que me apropriei das teorizações, bem como dos conteúdos das revistas, algumas questões foram se estabelecendo: será que esse investimento no corpo da mulher se dá apenas na pós-modernidade? Como se definiam e se posicionavam os corpos na *Revista Para Ti*? Quais eram os ensinamentos dessa revista? Como ela ensinava? Onde ela se apoiava? Por que ela ensinava determinadas coisas e não outras? Busquei problematizar esses discursos tendo como critérios a regulação, a repetição e a regularidade dos enunciados que os compõem. Gostaria de salientar que, dentro da perspectiva pós-estruturalista, não cabe a definição de novos conceitos ou a proposição de novas prescrições. Minha preocupação está em desatar os nós, desconfiar das imposições, descentrar as estruturas, colocar sob suspeita as verdades que eram proferidas pela Revista. Montero (2004) diz que os escritores devem ver o que as convenções negam e as conveniências silenciam. Penso que as convenções são acordos, regras, pactos silenciosos que permeiam os convívios sociais, dispensando discussões e consequentes desacordos que abalariam as estruturas e nos fariam ver outras possibilidades. As conveniências são acomodações, mantêm tudo e todos dentro de determinadas conformidades, nos aprisionando e nos impedindo de raciocinar, com todos os prazeres e inevitáveis desprazeres que o ato de pensar pode nos possibilitar. Então, gostaria de convidar àqueles que não buscam objetividade e conclusões inquestionáveis a continuar acompanhando minha escrita. Vamos juntos nos desacomodar, questionar, discutir, refletir. Vamos pensar sobre o que possibilitou que nos tornássemos o que somos. Vamos filosofar a respeito das condições de possibilidade que existiram para pensarmos na saúde e no corpo saudável como pensamos e não de outra forma. Afinal, “o que é, então, a filosofia hoje – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre si mesmo?” (FOUCAULT, 1984, p. 15).

2 UMA PEQUENA HISTÓRIA DO CORPO E DA MÍDIA

[...] o passado se configura, adquire forma, é desenhado na incessante batalha que os homens travam no presente, buscando dar a ele uma consistência, uma estabilidade, uma memória, que sirva de suporte para projetos, estratégias, astúcias, que apontam para a construção de verdades possíveis sobre o ser do homem no tempo. Como um leque chinês, o passado apresenta diferentes figuras, dependendo de quem o manipula, embora esse manipular nunca se dê de uma forma voluntarista ou conspirativa. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2000, p. 119).

Neste capítulo, situo o leitor acerca do meu tema de pesquisa e do seu contexto. Por isso, inicio com as palavras de Albuquerque Júnior (2000), porque sei que a historicidade de um objeto depende de quem relata, da forma como é relatado e das possibilidades existentes no momento de seu relato. Neste momento, gostaria de trazer alguns apontamentos que considero importantes para pensarmos sobre as práticas corporais em torno do corpo da mulher, apresentadas na mídia em 1940, como uma forma de pensarmos como nos tornamos quem somos ou quem pensamos que somos. Para isso, ensaio, dentre outras histórias, uma pequena história do corpo. Tenho claro que essa tarefa não é simples, pois, como nos diz Sant'Anna (2004), realizar uma história do corpo é um trabalho tão difícil quanto escrever uma história da vida. Minha intenção, portanto, é bem mais modesta: apenas aponto problematizações que julgo interessantes para a leitura de minhas futuras análises. Também almejo contar um pouco da história da mídia impressa, especialmente das revistas dedicadas ao público feminino, situando assim meu objeto de pesquisa.

Quando pesquisamos o corpo através de diferentes vias – como a saúde, por exemplo – pensamos em como uma dada cultura criou maneiras de conhecer e controlar esse corpo. Para tornar nossa averiguação mais produtiva, talvez seja mais instigante e viável realizar investigações no sentido de pensar nas diferentes tentativas de governo e organização desses corpos, conforme os interesses de cada época. Isso porque cada vontade de manter o corpo sob controle é construída por fragilidades e influências de determinadas especificidades culturais. A historicidade dessa vontade de governo revela o quanto eram sofisticados os saberes e as técnicas de épocas e culturas anteriores as nossas, assim como o quanto é complexa a tecnociência relacionada ao controle dos corpos atuais (SANT'ANNA, 2004).

O conhecimento do corpo é relacionado aos anseios de cada época, cultura e grupo social, portanto é histórico por excelência. Por isso, devemos estar atentos ao caráter provisório dos conhecimentos produzidos acerca do corpo. Na atualidade, nossa sociedade valoriza e lisonjeia o corpo, mas também o explora. Convivemos com produtos, tecnologias e

saberes que valorizam o fortalecimento e o embelezamento do corpo, e ao mesmo tempo com uma comercialização desse mesmo corpo, inclusive na mídia, onde cresce a banalização de violências contra ele. Se o corpo é reconhecido como tão primordial quanto outrora fora a alma, ele tornou-se, por esse motivo, objeto de curiosidade, explorações comerciais, manipulações científicas e industriais (SANT'ANNA, 2000). Trago essas ideias de corpo na atualidade porque acredito que minha pesquisa volta aos discursos do passado para pensar nos discursos que circulam no presente.

No final do século XVIII, consolida-se uma percepção fundamental na relação com a dimensão corporal. É nesse período que o manejo com o corpo passa a ser mais importante nas relações que se estabelecem com o outro – esboça-se assim uma crescente identificação da personalidade do indivíduo com seu próprio corpo. A mensagem é que somos o que aparentamos ser, ficando a sensação de que cada pessoa tem o corpo que merece ter (SILVA, 2001). Essa percepção do nosso corpo e do corpo do outro permanece na época presente, e o que vemos quando pesquisamos o assunto é que essa ideia não é simplesmente pós-moderna; seu surgimento foi bem anterior, contribuindo para sua atual consolidação.

A partir do início do século XIX, pastores e fiéis começaram a acreditar na possibilidade de garantir a salvação na Terra. Como eles desejavam que o estado de graça dependesse da conduta humana, passaram a dar mais importância à atenção dirigida à saúde do corpo. Cuidar do próprio corpo proporcionaria, então, a salvação da alma. Durante a primeira metade desse mesmo século, o interesse pelo desenvolvimento corporal modificou a imagem do corpo masculino. A partir de 1830, o homem romântico magro e lânguido foi desaparecendo como consequência das novas definições da masculinidade, que foram abrindo espaço à potência muscular. A partir de 1840, foi a figura do homem musculoso que influenciou a imagem de corpo ideal do homem americano. Depois de 1850, as atividades físicas foram se tornando um elemento tanto escolar como da vida adulta nos Estados Unidos. Na virada do século XIX, o ideal corporal masculino seguiu sendo, então, um corpo com massa muscular aumentada (COURTINE, 1995).

Nas primeiras décadas do século XX, tornou-se mais frequente a exibição mais ou menos revelada das anatomias. O corpo foi se expondo publicamente com certa respeitabilidade, o que até então não era comum. Foi nesse cenário que o corpo feminino começou a escapar de acusações de obscenidade e passou a exhibir-se. Surgiu a profissão de manequim, e as figuras femininas invadiram a publicidade. Foram concedidos os primeiros títulos de *Miss América*. Essa exposição pública dos corpos das mulheres permitiu a algumas delas maior mobilidade social e profissional. Entre 1920 e 1930, ocorreu um relaxamento no

âmbito da moralidade pública: cresceu o consumo de álcool, desapareceram as regras que não permitiam o uso de cigarros pelas mulheres em público, as questões sexuais não eram mais tabus. Porém, as representações de corpo na publicidade entre 1930 e 1940 adquiriram um caráter ambíguo. Embora a anatomia feminina estivesse menos reprimida, a obsessão pela saúde e a busca incessante pela purificação se intensificaram. Nos anos 30, foram inventadas novas “doenças” sociais, todas centradas no caráter corporal: mau hálito, odores corporais, dentes estragados e mãos ásperas eram “respingos” de antigas aversões puritanas que ressurgiam (COURTINE, 1995).

Assim como temos a ideia de que a força representa o masculino, também acreditamos que a beleza lembra o feminino. Essa associação entre feminilidade e beleza atravessa os séculos e as culturas. No entanto, as formas de problematizar a aparência, as maneiras de arquitetar e determinar o embelezamento são constantemente modificadas. Dessa maneira, a história da beleza feminina é heterogênea, pois perpassa diversas vertentes, como moda, higiene, medicina e esporte. Existe um diversificado registro dos gestos que embelezam, encontrados em diferentes arquivos: manuais de boa forma, anúncios publicitários e conselhos publicados em revistas femininas. Até mesmo esses gestos de embelezamento possuem uma história, que pode se conformar às regras morais de uma determinada sociedade. O que era desejável e belo no passado pode ser artificial em épocas mais recentes. O conteúdo que constitui esses valores varia com o tempo, modificando assim a relação entre feminilidade e cultura, entre o corpo e os gestos que embelezam (SANT’ANNA, 1995a).

Acredito que a questão da beleza perpassa o corpo magro idealizado com que convivemos há algum tempo. Pelo menos desde a década de 1920, nossa sociedade começou a alimentar uma progressiva aversão pelos gordos (SANT’ANNA, 2001). Por meio de nossos corpos, transmitimos significados sociais bastante profundos; um deles é que nossa corpulência traduz aos olhos de quem a vê a parte de comida que nos atribuímos, simbolicamente a parte que pegamos para nós na distribuição da riqueza social. Como se traduzíssemos nossa lealdade através das regras de distribuição e de nossa adesão ao vínculo social. Assim, repousa constantemente uma suspeita sobre os gordos. Eles são vistos como pessoas que não conseguem se controlar, como transgressores que violam as regras que governam o comer, a vontade e o controle de si. No entanto, devemos estar atentos aos critérios das medidas corporais, porque eles variam fortemente em diferentes culturas e épocas. Há um século, nos países ocidentais, os gordos eram mais amados e admirados, a gordura era associada à saúde e à riqueza. Era preciso ser bem mais gordo do que hoje para

ser considerado obeso. Contudo, nos dias de hoje, nesses mesmos países, amam-se e admiram-se os magros (FISCHLER, 1995).

* * *

As grandes mudanças tecnológicas que ocorreram devido à Revolução Industrial, vinculadas às artes gráficas e em consonância com importantes transformações – como a passagem dos modos de produção feudal ao início do capitalismo, a Revolução Francesa e a ascensão da burguesia –, facilitaram o desenvolvimento da imprensa e da literatura, principalmente na França e na Inglaterra. Em meio a essas novidades, surgiram as primeiras publicações, aparecendo, então, a figura do jornalista, as agências de notícias e a separação entre os periódicos e as revistas; enquanto aqueles eram mais focados nas notícias, as revistas dedicavam-se às análises político-literárias (LUCA, 2005).

Nas primeiras décadas do século XIX, começaram a surgir periódicos ilustrados, geralmente semanais, que foram considerados como as primeiras revistas. Neles eram encontradas obras de teatro, notícias sociais e as novelas – gênero que viria a se tornar hegemônico no século XX. O crescimento populacional, a crescente instrução e o aumento do poder aquisitivo fizeram do público leitor um potencial mercado em expansão tanto na França e Inglaterra como nos Estados Unidos. A partir da terceira década do século XIX, começaram a surgir as chamadas imprensas sensacionalistas, aparecendo os temas policiais, crimes e relatos detalhados de fatos reais. Essa popularização da imprensa, junto com as inovações técnicas e a fabricação cada vez mais barata do papel, permitiu o nascimento de grandes periódicos (MINEO; VILLAR, 2011).

No Brasil, o impresso revista também foi um gênero que aos poucos se individualizou em relação a outras formas de impressos periódicos. O auge das chamadas revistas ilustradas ou de variedades foi a *Revista da Semana* (1900), de Álvaro Teffé. Tal periódico proporcionava uma leitura fácil e agradável. Seus conteúdos incluíam imagens e abordavam diferentes assuntos como acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, conselhos médicos, dentre outros. Com uma quantidade de temas tão variados, essas publicações conseguiam agradar diferentes leitores. Naquela época, era conveniente conseguir ampliar ao máximo o número de interessados, visto que o público consumidor era pequeno. A euforia das chamadas revistas de variedades perdurou por décadas, fazendo com que surgissem outros periódicos: *Ilustração Brasileira* (1902), *Kosmos* (1904), *A Cigarra* (1914), *Dom Quixote* (1917). No entanto, ocorreu uma renovação com *O Cruzeiro* (1928),

quando a fotografia e a reportagem passaram a adquirir um novo sentido, fazendo com a revista chegasse à liderança nacional (LUCA, 2005).

O século XX era o século do homem comum, dominado pelas artes produzidas por ele e para ele. A reportagem e a câmera constituíram dois elementos interligados que, como jamais se vira antes, tornaram o mundo do homem visível e documentável. O termo “reportagem” apareceu pela primeira vez em 1929, nos dicionários franceses. Na mesma década, tornou-se um gênero de literatura socialmente crítica. O novo fotojornalismo devia grande parte de seus méritos à ilusão de que a câmera representava a verdade, que as fotos não mentiam. Isso estabeleceu-se porque homens e mulheres aprenderam a ver através das lentes das câmeras devido ao domínio universal do cinema naquele momento. Embora a circulação da palavra impressa aumentasse, era o cinema que mais obtinha o interesse da população. Para cada britânico que comprasse um jornal diário, dois adquiriam um ingresso para o cinema. Mesmo assim, a circulação de jornais nos Estados Unidos dobrou entre 1920 e 1950, mostrando um crescimento mais rápido do que de sua própria população (HOBSBAWM, 2009).

Ainda no século XX, ocorreu o crescimento do setor de serviços – um grande número de imigrantes e um novo cenário técnico-industrial foram fatores que trouxeram mobilidade à vida urbana. A imprensa foi essencial nesse processo de aceleração. Os jornais diários profissionalizaram-se, porém continuaram seguindo com seu caráter intervencionista na vida social. Novos métodos de impressão permitiram o aumento das tiragens, melhora na qualidade e um menor custo dos exemplares. A ideia de que o jornal cumpria a nobre função de informar ao leitor a “verdade sobre os fatos” dava credibilidade à informação. Ainda no início do século XX, a publicidade também se articulou às novas demandas da vida urbana, fazendo da imprensa periódica sua principal fonte de recursos. O anúncio trilhou novos caminhos em relação à estrutura e à linguagem. No decorrer da década de 1910, o agenciador individual cedeu lugar às empresas especializadas, ilustrando assim a profissionalização da atividade publicitária. Havia cartazes nos mais variados espaços, como muros, restaurantes, almanaques, jornais e revistas (LUCA, 2005).

Na Argentina, a história da mídia impressa começou a formular-se no início do século XIX, junto com a Revolução de Maio e em consonância com o começo da mídia impressa francesa e inglesa nesse mesmo período. A imprensa se modernizou e a palavra impressa começou a ganhar prestígio. Surgiram alguns periódicos, como *El Censor*, *Mártir o Libre*, *El Independiente*, *Los Amigos de La Patria*, *El Grito del Sud*. Essas publicações eram um reflexo da imprensa inglesa da época, onde os políticos assumiam a função dos jornalistas. Eles

faziam mais do que escrever – aconselhavam, ensinavam, doutrinavam –, já destacando o caráter pedagógico que a mídia viria a ter no século XX. Em 1835, surgiu o primeiro periódico ilustrado de Buenos Aires, chamado de *El Diario de Anuncios* (MINEO; VILLAR, 2011).

* * *

Existe uma estreita relação entre a diversificação das temáticas historiográficas e a escolha dos periódicos como fonte de pesquisa. Os estudos de gênero evidenciam a imprensa como uma potencial fonte de apreensão do lugar reservado às mulheres em diferentes épocas. Diferentes pesquisadoras utilizaram essas fontes para realizar seus estudos. Joana Maria Pedro olhou para a imprensa de Florianópolis entre 1880 e 1920 e compôs um quadro de estereótipos sobre as mulheres “honestas” e “faladas” daquela época. Outro exemplo foi Carla Bassanezi, que olhou as revistas *Querida*, *O Cruzeiro*, *Jornal das Moças* e *Claudia* com o objetivo de mostrar as mudanças e permanências das relações homem–mulher entre 1945 e 1964 (LUCA, 2005).

Pensando nos periódicos como fonte de pesquisa, um ponto importante a destacar é o que diz respeito à materialidade de jornais e revistas em diferentes momentos, que nada tem de natural. Deve-se considerar a variação na aparência desses materiais, que é resultado da interação entre os métodos de impressão disponíveis em determinado momento e o lugar social ocupado pelos periódicos. Devemos estar atentos aos aspectos que envolvem a materialidade dos impressos – letras pequenas, manchetes coloridas –, pois tudo envolve diversas práticas de leitura. Portanto, quando pensamos em olhar para uma fonte, devemos considerar as condições técnicas de produção vigentes e a observação do que foi escolhido e por quê. Além disso, não podemos esquecer que a imprensa periódica seleciona, ordena e conta de uma determinada forma aquilo que julga ser pertinente chegar aos seus leitores (LUCA, 2005).

3 COMO LI A PARA TI

Início este capítulo pensando em algumas palavras da Rosa Montero, porque acredito que elas esboçam meu sentimento em relação ao caminho escolhido para problematizar minhas questões de pesquisa “[...] o sussurro da criatividade [...] é sempre conquistado na base do esforço”. (MONTERO, 2004 p. 155). Dediquei um grande esforço para me apropriar das ideias propostas por esse caminho: li, pensei, li mais e pensei ainda mais. Não foi fácil. Não tenho a intenção de dizer que minha escolha foi a mais difícil dentre outras escolhas possíveis, o que quero dizer é simplesmente isto: não foi fácil. No entanto, para mim a criatividade veio depois desse esforço em refletir sobre cada palavra lida. Cruzar essas palavras com as palavras que ocupavam meus pensamentos e tentar acomodar outras delas na tela do computador foi um processo que exigiu muito esforço. Fuji, voltei, fuji mais algumas vezes, para enfim encarar meus pensamentos, e então algumas palavras começaram sutilmente a aparecer. Mas não pensem que esse processo foi sempre incômodo, muito pelo contrário. Geralmente foram momentos bastante prazerosos; ora por sentir que eu conseguia enfrentar minhas ansiedades, ora por refletir acerca do mundo em que vivemos e perceber que podemos pensá-lo de diferentes modos.

Escrever sob uma perspectiva pós-estruturalista implica em nos esforçarmos continuamente na busca de um olhar múltiplo. Pensando nisso, trago outra ideia de Rosa Montero que relacionei a essa perspectiva. Ela fala sobre as crianças, sobre a vida imaginária que a infância proporciona. Imaginação que vamos podando conforme nossas crianças crescem, assim como fomos podados enquanto crescíamos. E é essa mesma imaginação que ela traz como primordial no processo de escrita, como aliada para nos auxiliar a lançar diferentes olhares. Segundo a autora, educar consiste em “podar as florescências fantasiosas, fechar as portas do delírio, amputar nossa capacidade de sonhar acordados” (MONTERO, 2004, p. 14). Adultos devem ser sensatos, adequados e comportados. E a escrita? Acredito que um texto tenha que provocar, tenha que lançar questionamentos, suscitar discussões, desacomodar. Podemos concordar ou discordar, gostar ou odiar; o que não podemos é sair de uma leitura como entramos, ou pior, com todas as dúvidas resolvidas e todas as perguntas devidamente respondidas. Crianças nunca se satisfazem; perguntam muito, descobrem, inventam e imaginam constantemente. Então proponho que façamos um pequeno esforço: vamos resgatar, pelo menos durante alguns momentos, a criança que fomos um dia. Vamos colocar nossas satisfações em xeque, perguntar mais do que nos parece pertinente, imaginar

diferentes realidades possíveis, espiar do outro lado do muro. Pronto, agora podemos conversar sobre as conceituações que ilustraram meu caminho.

O estudo foi de natureza qualitativa, tomando como objeto de análise 23 exemplares da *Revista Para Ti* publicados no ano de 1940. A escolha dessa revista se deve também ao fato de ela se dirigir ao público feminino, com discursos recorrentes sobre saúde e suas práticas, tendo como aliadas diversas instituições e sujeitos vistos pela sociedade como detentores de poder. As revistas sofrem efeitos da discursividade cultural; seus conteúdos funcionam como enunciações, que possibilitam a existência dos discursos. Busquei identificar os discursos envolvidos na construção da identidade corporal considerada saudável, já que tomo discurso como algo capaz de construir sentido, que tem influência para nós, tanto em relação às nossas ações, como ao que pensamos de nós mesmos (KRUSE, 2004). Olhei para matérias que se dirigiam ao corpo, que propunham produzi-lo como corpo saudável, observando como se referiam a esses corpos, que prescrições divulgavam, quais modos de cultivo à saúde do corpo privilegiavam. Procurei descrever tais discursos buscando suas conveniências e escolhas interessadas, observando como e para quais mulheres dirigiam suas enunciações.

Não tenho a pretensão de pesquisar a origem ou a essência dos primeiros discursos sobre saúde veiculados na mídia impressa feminina. Foucault (2000c) acreditava que por trás das coisas não há um segredo essencial, mas sim que essas coisas não têm essência, ou que sua essência foi construída por diferentes peças, a partir de figuras que lhe pareciam estranhas. Por isso, acredito que minha busca não resultará no desvelamento de algo nunca dito, mas no entendimento de que existiram e existem diferentes enunciados que possibilitam a construção de inúmeros discursos que se apropriam das verdades sobre a saúde na modernidade. É nessa época que começou uma prática de cuidado com o corpo no intuito de facilitar o controle da população, sobre o qual falarei mais adiante. Olhei para os discursos das revistas como produtores de realidades, de acordo com as condições históricas em que se encontravam. Acredito que a realidade se constitui a partir de determinados processos de controle, seleção, distribuição e organização dos discursos que circulam. No caso de minha pesquisa, penso na invenção dos discursos acerca dos corpos saudáveis, porque não existe realidade independente dos discursos que a constituem. Considero importante a análise do *corpus* em questão para que se possa compreender a contingência e historicidade dos procedimentos e práticas corporais inventores dos corpos saudáveis que circulam na modernidade tardia.

A *Revista Para ti* teve sua primeira edição em 16 de maio de 1922. Foi a primeira revista feminina a surgir na América Latina e a nona no mundo, sendo que as sete primeiras foram norte-americanas e a oitava uma revista francesa. Desde o início de sua circulação, foi dirigida às mulheres, que eram tidas como um público importante, que deveria ser considerado. A tiragem variava entre 250.000 e 280.000 exemplares, que circulavam em todos os países da América Latina, incluindo o Brasil. A *Para Ti* é uma revista argentina com publicação semanal que circula até hoje, oferecendo informações acerca de diferentes temas dedicados à mulher considerada moderna, e pretende ser um ponto de referência para essa mulher (MINEO; VILLAR, 2011).

Tendo como base os Estudos Culturais, em sua versão pós-estruturalista, parto do pressuposto de que a cultura compreende uma rede de práticas e representações como textos, imagens, conversas, códigos de comportamentos, que influenciam a vida social (FROW; MORRIS, 2006). Esses Estudos se constituíram na Inglaterra, a partir das grandes transformações culturais após a II Guerra mundial. Eles surgiram no rastro de autores que criticavam a “alta cultura”, dando início ao cruzamento de diferentes áreas para a produção de diversas análises (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). Os Estudos Culturais acreditam que todas as formas de produção cultural precisam ser analisadas, comprometendo-se com as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade. Por esse motivo vinculo minha pesquisa a esses Estudos, já que tomo as revistas como práticas comunicativas da sociedade. Além disso, o que importa nos Estudos Culturais não é o que realmente eles são, mas a forma como são definidos e contextualizados (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995). Devido ao seu caráter contextual, situado em determinado tempo e lugar, destaco que meu objeto de pesquisa tem demarcação temporal específica: o ano de 1940.

A partir da segunda metade do século XIX, a visão de mundo que acreditava que a razão moderna era o saber que mais se aproximava da verdade começou a ser questionada. Houve, então, um esgotamento desse pensamento moderno, apontando o que ficou conhecido como a crise dos paradigmas. Vivemos uma época em que as metanarrativas perderam sua credibilidade e são constantemente questionadas. Tidas como históricas e culturais, elas nada mais são do que uma dentre tantas outras narrativas existentes em uma época. Ao adotar uma perspectiva pós-moderna, consigo propor uma analítica externa aos conceitos da racionalidade moderna, colocando sob suspeita as verdades da modernidade (KRUSE, 2004). Bauman (2001) faz uma conhecida formulação sobre esse assunto, onde ele diz que estamos passando da modernidade sólida para a modernidade líquida. Na modernidade sólida, derretiam-se os

sólidos para que houvesse a possibilidade de substituí-los por outros melhores e mais próximos da perfeição. Já na modernidade líquida, derretem-se os sólidos sem a necessidade de colocar algo em seu lugar. A metáfora dos líquidos diz que eles, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com tanta facilidade, assim como estão constantemente dispostos a mudá-la. Logo, vivemos na era da impermanência, em que o tempo passa a ser o que mais importa: “Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas” (BAUMAN, 2001, p. 8). Assim, construirei meu *corpus* em um recorte de tempo datado e específico, tirarei uma grande foto, abrangendo nela algumas publicações da *Revista Para Ti* do ano de 1940. Minha intenção com essa pesquisa é fazer uma história do presente, e, para isso, olho para trás, na tentativa de observar discursos que nos subjetivaram e influenciaram as maneiras de pensarmos sobre a saúde hoje.

Para problematizar minhas questões de pesquisa, realizei uma Análise Cultural utilizando algumas teorizações foucaultianas. Desejo apoiar-me nas ideias de Michel Foucault, não o usando como remédio, mas como um estimulador para minha pesquisa, como um ativador para meus pensamentos (VEIGA-NETO, 2007). Costa (2000) diz que, assim como as análises pós-estruturalistas, os Estudos Culturais se deslocam da posição que admite a existência de um lugar privilegiado que inspire o conhecimento. Para isso, é preciso buscar as condições de possibilidades, os mecanismos existentes que possibilitam a construção dos saberes. Essa forma de análise revela como esses saberes podem ser pensados em diferentes épocas, de acordo com seu caráter histórico e cultural. Para ajudar a pensar essa questão, trago as ideias de Michel Foucault quando ele fala sobre a história:

[...] a história não considera um elemento sem definir a série da qual ele faz parte, sem especificar o modo de análise da qual esta depende, sem procurar conhecer a regularidade dos fenômenos e os limites de probabilidade de sua emergência, sem interrogar-se sobre as variações, as inflexões e a configuração da curva, sem querer determinar as condições das quais dependem. (FOUCAULT, 2007, p. 55).

Foucault também dizia que os discursos deveriam ser tratados como uma série de acontecimentos. Não cabe à história compreender os acontecimentos como um jogo de causas e efeitos, mas sim estabelecer séries diversas, entrecruzadas e divergentes que permitem delinear o lugar e as condições de aparição desses acontecimentos. Apesar de Foucault não considerar os acontecimentos pertencentes à ordem dos corpos, ele também não os considerava imateriais, pois, para o filósofo, os acontecimentos sempre se efetivavam no âmbito da materialidade. Dentro dessa materialidade, e sabendo que nada desvenda a

universalidade de um sentido, procurei olhar para o passado como uma tentativa de esboçar alguns traços que compõem os discursos sobre o corpo saudável que conhecemos hoje.

Os Estudos Culturais no interior de uma perspectiva pós-crítica procuram articular cultura e poder; eles atuam em direção à orientação de uma analítica do poder. Para que seja possível discutirmos a cultura, temos que olhar para o poder. Por isso, trabalhar dentro da configuração desses Estudos exige uma análise das relações de poder das práticas culturais (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995). Ao colocar o poder no centro das identidades culturais, os Estudos Culturais fazem uma conexão com o pensamento de Foucault. Tais estudos pensam nos jogos de poder estabelecendo identidades significados sociais e culturais (VEIGA-NETO, 2000). Essa análise do poder relacionada ao conhecimento da problemática da pesquisa nos permite perguntar: quem pode saber? O que se pode saber? Como se sabe? Portanto, os Estudos Culturais ainda me possibilitaram perguntar: como se dão essas práticas sobre saúde em determinado tempo e lugar? As revistas, tomadas por essa perspectiva como artefatos culturais, permitem-nos analisar os saberes e estratégias da cultura, tendo a capacidade de fixar algum significado nesse tempo. A partir delas, podemos pensar como uma dada cultura investiu sobre o corpo, para conhecê-lo ou controlá-lo. Também cabe perguntar: que instituições, sujeitos e discursos estão envolvidos em meu objeto de pesquisa?

Para auxiliar minhas análises, utilizei algumas ferramentas propostas por Michel Foucault. Para isso, Veiga-Neto (2006) nos convida a recorrermos à metáfora nietzschiana da Filosofia a marteladas, que nos permite conhecer as teorias como ferramentas com as quais golpeamos outros conceitos, nossos pensamentos e nossas experiências. Essa postura nos permite refletir sobre aquilo que pensamos, bem como investigar outros modos de pensar:

E conforme fomos dando as marteladas no nosso pensamento, retorcendo-o naquilo que nos dizem ser a verdade, naquilo que pensamos ser as nossas certezas, iremos colocando tudo sob suspeita: desde as nossas maneiras de pensar, nossas verdades e certezas até mesmo o martelo com que martelamos a nós mesmos ou a chave-de-fenda com que torcemos nossas idéias. Afinal, um pensamento a marteladas não raramente rompe até mesmo com o martelo, assim como o arrochar do parafuso pode quebrar a chave-de-fenda que usamos. E rompendo ou quebrando a si mesmo, esse pensamento expõe – seja descobrindo, seja inventando – o que está para lá do até então pensável e do até então dizível. (VEIGA-NETO, 2006, p. 84).

Uma das ferramentas que utilizei foi o entendimento de poder para Foucault. Ao perceber que o corpo saudável apresentado pela mídia faz parte dos diversos processos de subjetivação humana em nossa cultura, é impossível não pensar nas relações de poder existentes nesse contexto. O poder pode ser visto como a habilidade que os indivíduos têm de

modificar, usando determinadas coisas e recursos, e como a capacidade que cada um tem de comunicar informações. Como disse Veiga-Neto (1995), Foucault usou o fio do poder para costurar os processos de subjetivação. Para o filósofo, o poder não está localizado em apenas um local, ele está disperso em todo o sistema social; e ele é produtivo porque é estreitamente vinculado ao saber. Assim, ele cria novos saberes, atuando positivamente, o que faz com que ele não seja apenas repressivo. As manifestações do poder nas mais variadas condutas se articulam e se combinam, nos atravessando e nos conformando. Por isso não faz sentido procurá-lo em um determinado sujeito (VEIGA-NETO, 1995). Foucault nos fala de um micropoder, sendo que a condição de possibilidade desse tipo de poder não deve ser procurada em um ponto central, num único foco de soberania, mas na mobilidade das correlações de força que continuamente induzem estados de poder (FOUCAULT, 2010).

Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autorreprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalista: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 2010, p. 103).

Foucault também disse que o poder se exerce somente sobre sujeitos livres, sujeitos que têm diante de si um campo de possibilidades, que podem adotar diferentes comportamentos. Poder sem liberdade não é poder, é violência. Sendo assim, a liberdade é uma condição de existência do poder (CASTRO, 2004).

Aproveito essas reflexões sobre poder para mencionar uma das formas de manifestação do poder que ajudou a embasar minhas análises: a noção de governo. Foucault diz que é o modo como o poder é exercido que diz respeito ao governo. A noção de governo se mistura com as formas de subjetivação; suas práticas constituíram a subjetividade ocidental. Trata-se de um comportamento que tem por objeto a conduta de outro indivíduo ou grupo; uma ação sobre ações (CASTRO, 2004). O poder se exprime como fruto da vontade que os indivíduos têm de atuar sobre a ação dos outros, estruturando as possibilidades da ação alheia, ou seja, governando-os (VEIGA-NETO, 1995). Essas ações não se encontram acima ou fora da sociedade, elas fazem parte do cotidiano, são exercidas em rede. Com a modernidade, ocorre uma produção crescente de conhecimentos sobre a população. Assim, ela se torna alvo de determinadas instituições que, como a mídia, exercem poder sobre suas

leitoras e ouvintes. As verdades contidas nas estratégias desse processo de subjetivação funcionam como modos de manter e colocar em ação dispositivos de governo sobre o corpo, que guiam as condutas dos indivíduos de modo a torná-los pessoas de um certo tipo (MARSHALL, 1994). Compreender a mídia tendo como base as teorizações foucaultianas demanda tratá-la como uma prática produtiva que conduz, governa e regula condutas individuais e coletivas; lembrando que Foucault desejava mostrar que a governamentalidade abrange tanto as maneiras de governar os outros como as diversas formas do governo de si (CANDIOTTO, 2008). O conjunto de ações proposto pela mídia induz suas leitoras a agirem de determinado modo (SCHWENGBER, 2006).

Também utilizei nas análises um dos deslocamentos do poder propostos por Foucault: o biopoder, entendido como a atuação de poder sobre os corpos (MAIA, 1995). Para explicar esse conceito, Foucault (2010) conta que, por muito tempo, o direito de vida e de morte foi um dos privilégios característicos do poder soberano. Esse poder era exercido nos casos em que o soberano se encontrava sob alguma ameaça; era um direito condicionado à sua defesa e sobrevivência. Esse privilégio, formulado como de “vida e morte”, era o direito de causar a morte ou de deixar viver. O Ocidente, a partir da época clássica, conheceu uma grande mudança a respeito desse tipo de poder. O direito de apreensão dos corpos e até mesmo da vida não continuou sendo a principal forma desse mecanismo de poder, mas somente uma parte, dentre outras, com função de controle e vigilância das forças que lhe são submetidas, ou seja, um poder destinado mais a produzir força do que a destruir. O direito de morte deverá se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida. Surge o direito da sociedade de garantir, manter e desenvolver a própria vida. No entanto, a partir do século XIX, as guerras foram intensamente sangrentas. Essas guerras não tinham como objetivo a defesa do soberano, mas a existência de todos. Em nome da necessidade de viver, populações inteiras eram levadas à destruição.

Foi a partir do século XVII que de fato esse poder sobre a vida se desenvolveu. Um dos lados desse desenvolvimento foi o que se concentrou no corpo como máquina: no adestramento, na força, na utilidade e docilidade, caracterizados pelas disciplinas. Do outro lado, que se formou por volta da metade do século XVIII, a concentração se deu no corpo-espécie: nascimento, mortalidade, nível de saúde, longevidade, processos que acontecem diante de uma série de intervenções e controles reguladores, caracterizados como uma biopolítica da população. Essas duas faces – anatômica e biológica –, voltadas para o desempenho do corpo, caracterizam um poder cuja função é investir sobre a vida. Surgem, então, técnicas para obter a sujeição dos corpos e o controle da população. Inicia-se, assim, a

era do biopoder. Pela primeira vez na história, o biológico reflete-se no político, viver passa a fazer parte do campo de controle do saber e de intervenção do poder (FOUCAULT, 2010).

Para esse estudo, foram utilizadas as publicações da *Revista Para Ti* datadas de 2 de janeiro até 25 de junho de 1940, totalizando 23 exemplares, já que os encartes eram de publicação semanal. A revista era constituída por seções fixas e outras que nem sempre estavam presentes. Abaixo encontram-se as seções da revista, bem como o assunto, resumido, de cada uma.

Quadro 1 – Seções da *Para Ti*

<i>Arte y decoración</i>	Dicas de decoração para as casas.
<i>Cartas de Paris</i>	Dicas e novidades de moda diretamente de Paris.
<i>Charlas</i>	Dicas sobre roupas, tecidos, cores, acessórios.
<i>El Refran Ilustrado</i>	Conselhos sobre comportamentos e hábitos de vida.
<i>Epistolario</i>	Perguntas e respostas sobre relacionamentos amorosos.
<i>Es agradable hablar bien</i>	Uso adequado de palavras.
<i>Figurines con Moldes</i>	Trajes para a tarde, passeio, modelos infantis, juvenis, vestidos de festa e noite.
<i>Fotonovelas</i>	Histórias com enredos prioritariamente amorosos.
<i>Informaciones Femeninas</i>	Dicas sobre alimentação, exercício, cuidados com a casa, limpeza, beleza, moda.
<i>La Novia</i>	Fotos de noivas e de seus casamentos, com seus nomes e de seus maridos, bem como dicas de vestidos.
<i>La Pagina Comica</i>	Pequenas histórias cômicas em quadrinhos.
<i>Labores</i>	Exemplos de trabalhos manuais, geralmente bordados.
<i>Los Grandes Cuentos (Version Sintetica)</i>	Histórias reproduzidas.
<i>Los Tortolitos</i>	Uma história em quadrinhos relacionada à rotina do casamento.
<i>Notas Sociales</i>	Fotos legendadas de mulheres argentinas que são casadas ou estão prestes a casar.
<i>Observaciones de Mamá Isidora</i>	Dicas sobre assuntos diversos, geralmente acerca do comportamento das mulheres donas de casa.
<i>Reflexiones Cristianas</i>	Escritos religiosos.

<i>Terminos Medicos</i>	Nome de alguma enfermidade e uma breve explicação sobre ela.
<i>Triquiñuelas</i>	Problemas, geralmente matemáticos, para a leitora resolver.
<i>Ultimas creaciones de la moda</i>	Fotos de mulheres vestidas com legendas explicando sobre as roupas.

Fonte – Elaborado pela acadêmica.

Além disso, a revista trazia reportagens diversas, cujos assuntos transitavam entre alimentação, beleza, relacionamento, comportamento, decoração, dentre outros. A cada encarte, eram apresentados em média 75 informes publicitários, com produtos destinados a saúde, beleza, vestuário, profissão e manutenção da casa.

Após elucidar o caminho que escolhi para problematizar meu objeto de pesquisa e apresentar um pequeno esboço da *Revista Para Ti*, lembro que serão respeitadas as normas de autoria, sendo que as obras utilizadas como fontes de pesquisa terão seus autores citados e referenciados conforme normas da ABNT.

4 O MUNDO EM 1940

A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. (HOBSBAWM, 2009, p. 30).

Ao optar por descrever os discursos de uma revista que circulou em 1940, não pude deixar de avaliar o contexto em que tais discursos foram proferidos, para que, de alguma maneira, eu pudesse me situar e situar o meu leitor. Por meio dessa contextualização, procurei possíveis respostas à questão que ajudou a tornar possível meu olhar sobre o conteúdo da *Para Ti*: o que estava acontecendo no mundo em 1940? Penso que os acontecimentos no Brasil e na Argentina também fazem parte das condições de possibilidade para a produção dos encartes da revista. Para Foucault (2007), essas condições compreendem aquilo que dá lugar à série aleatória dos acontecimentos e também definem suas fronteiras.

Acredito que, quando lemos uma narrativa histórica, estamos diante de um recorte feito pelo autor; os discursos que ali estão são escolhidos dentre outros possíveis. Digo isso porque sei que realizar uma dissertação nesse referencial é também fazer um recorte meu e, dentro desse recorte, estarão os discursos com os quais entrei em contato no decorrer da minha formação. Dentre esses, destaco o discurso histórico, que tem forte relação com a vontade de verdade. Os textos que li assumem a posição de contadores da realidade mesma, como se operassem com a versão real dos acontecimentos. Foucault (2000b) diz que a história foi objeto de uma curiosa sacralização, como se, sob sua luz, qualquer discurso se tornasse o único verdadeiro. Para muitos intelectuais, existe a concepção de que a história é organizada a partir do modelo da narrativa como sequência de acontecimentos. Esses acontecimentos seriam tomados numa hierarquia de determinações, com os indivíduos sendo apreendidos nessa totalidade, sendo eles mesmos os atores, porém pouco conscientes desse papel. Tal fato chegou ao ponto de tornar a história intocável, como se não fosse possível recusar sua escrita. Sendo assim, também apegada ao discurso verdadeiro, ênfase que as narrativas deste capítulo são resultados de acordos, regras e convenções que, devido a um recorte tão resumido, não permitem grandes contestações.

Após apontar algumas considerações que ajudam a pensar no contexto citado, começo trazendo ideias de Eric Hobsbawn, especialmente aquelas apresentadas no livro *Era dos extremos: o breve século XX* (2009), no qual o autor nomeia o período entre o ano de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial como “a era da catástrofe” (HOBSBAWN, 2009). A

citação que inicia este capítulo ilustra a ideia de uma época que foi repleta de desastres: “houve ocasiões em que mesmo conservadores inteligentes não apostariam em sua sobrevivência” (HOBSBAWN, 2009, p. 16). Ao olhar para esses relatos históricos, me remeti a uma das ideias de Foucault (2007): a de que é importante não transformarmos um discurso em um jogo de significações prévias, como se o mundo apresentasse uma face legível que precisaríamos apenas decifrar. Os discursos não são cúmplices de nosso conhecimento – não há uma consciência anterior que seja favorável a nós. Foucault acredita que o discurso pode ser concebido como uma violência que fazemos contra as coisas, como uma prática imposta. Portanto, mais uma vez enfatizo que a história contada aqui não é a de como as coisas realmente aconteceram e, após terem sido decifradas, foram finalmente contadas para nós na sua realidade pura. Acredito que essa cumplicidade inata não existe; minha crença é na existência de múltiplos pontos de vista e possibilidades.

Hobsbawn (2009) conta que, no século XIX, a civilização ocidental era capitalista na economia, liberal na estrutura constitucional e burguesa na imagem característica de sua classe hegemônica. O avanço da ciência, da educação, do conhecimento, bem como o “progresso” – tanto moral quanto material – teriam trazido o convencimento de que a Europa representava o berço das ciências, das artes, da política e da indústria. A economia europeia dominava a maior parte do mundo e sua população havia crescido consideravelmente. Seus maiores Estados constituíam o sistema da política mundial. Diante desse cenário, a Primeira Guerra Mundial – que ocorreu entre os anos de 1914 e 1918 –, teria representado o colapso dessa civilização. Para a sociedade europeia, desde a Primeira Guerra até o final da Segunda, as primeiras décadas do século XX foram catastróficas. Abalados por duas guerras mundiais, ondas de rebelião e revoluções globais, os impérios coloniais erguidos durante a Era do Império foram exterminados.

Falando dos historiadores, Foucault (2000a) refere que eles operam preferencialmente com longos períodos de tempo, característica facilmente percebida quando lemos relatos históricos sobre os acontecimentos na sociedade. É como se, a partir das artimanhas políticas exploradas nesses períodos, eles buscassem esclarecimentos dos equilíbrios estáveis, aqueles que são difíceis de romper. Dessa forma, também buscam o entendimento dos imperceptíveis processos, dos reajustes constantes, das lentas saturações, dos fenômenos que se invertem após continuidades seculares e dos grandes fundamentos imóveis que as narrativas tradicionais tinham recoberto por uma avalanche de acontecimentos. Para isso, como veremos no decorrer do capítulo, eles utilizam instrumentos que ora fabricam, ora recebem prontos:

modelos de crescimento econômico, análise quantitativa do fluxo de mudanças, perfis de crescimento e regressões demográficas (FOUCAULT, 2000a).

Em 1914, fazia um século que não ocorria uma guerra onde a maioria das grandes potências estivesse envolvida. A Primeira Guerra Mundial modificou esse cenário, já que envolveu quase todos os Estados europeus, com exceção da Espanha, dos Países Baixos, dos três países da Escandinávia e da Suíça. Pela primeira vez, tropas foram enviadas para lutar fora de suas regiões. Canadenses lutaram na França, os Estados Unidos enviaram soldados para a Europa, muitos trabalhadores chineses foram ao Ocidente. No entanto, acredita-se que o início dessa guerra foi fundamentalmente europeu: de um lado a tríplice aliança da França, Grã-Bretanha e Rússia, e de outro a Alemanha e Áustria–Hungria, chamadas de “Potências Centrais”. Somente em 1917 os Estados Unidos se uniram militarmente à tríplice aliança, intervenção que, segundo relatos, viria a ser decisiva para o final da guerra. Contam que as potências vitoriosas – Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Itália – impuseram o acordo de paz denominado *Tratado de Versalhes*, com considerações que iam desde reorganizações do mapa da Europa até o colapso de alguns regimes. Parece que, com esse acordo, tais potências pretendiam impedir outra guerra como a que acabara de arrasar o mundo. Fracassaram completamente, já que 20 anos depois o mundo estava novamente em guerra.

De acordo com relatos, poucos anos após o final da Primeira Guerra, em meados da década de 20, a economia mundial mergulhou na mais dramática crise econômica que conhecera desde a Revolução Industrial. Esse colapso abalou todos os países, inclusive as economias capitalistas mais fortes. A crise reverteu até mesmo a criação de uma economia mundial única, considerada até então o fato mais importante do capitalismo liberal do século XIX. Tal cenário teria levado a Alemanha e o Japão ao domínio das forças políticas do militarismo e da extrema direita, que parecem ter se empenhado em romper a situação então vivenciada. Enquanto isso, as instituições da democracia liberal iam desaparecendo e o fascismo ia avançando juntamente com os movimentos e regimes autoritários. Daí em diante, uma nova guerra mundial era, além de previsível, praticamente certa.

Para enriquecer a discussão sobre a origem da Segunda Guerra, trago uma ideia de Nietzsche, segundo a qual a procura da origem de um acontecimento é percebida como o julgamento acidental de qualquer peripécia que ocorra, como uma tentativa de desmascarar os fatos buscando sua identidade primeira, sua forma anterior e imóvel aos episódios externos. O referencial pós-estruturalista compartilha essa ideia, já que também acredita que, no começo histórico, não encontramos uma identidade preservada: o que há são discordâncias entre as coisas (FOUCAULT, 2000c):

Deseja-se acreditar que, em seu início, as coisas se encontravam em seu estado de perfeição; que elas saíram resplandecentes das mãos do criador ou na luz sem sombra da primeira manhã. A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; está do lado dos deuses [...] Mas o começo histórico é baixo. Não no sentido de modesto ou de discreto, [...], mas de derrisório, irônico, adequado para desfazer quaisquer ênfases. (FOUCAULT, 2000c, p. 263).

Para Hobsbawn (2009), um dos grandes responsáveis pela eclosão da Segunda Guerra Mundial foi Adolf Hitler. No entanto, sabemos que perguntas históricas – como o que ou quem causou a Segunda Guerra – não possuem respostas tão simples. A situação mundial resultante da Primeira Guerra era bastante instável. De acordo com o autor, a insatisfação com o *status quo* era praticamente unânime – principalmente na Alemanha, onde tanto os comunistas de extrema esquerda quanto os de extrema direita achavam o Tratado de Versalhes injusto e inaceitável –, não se restringindo apenas aos países derrotados. Também o Japão e a Itália, embora pertencessem ao lado vencedor da guerra, se sentiam insatisfeitos. A posição dessas potências descontentes é apontada como a causa concreta da Segunda Guerra. Os historiadores destacam como marcos para a guerra a invasão da Manchúria pelo Japão, em 1931, a invasão da Etiópia pelos italianos, em 1935, e a intervenção alemã e italiana na Guerra Espanhola, em 1936.

Praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram na Segunda Guerra Mundial. Conta-se que grande parte das colônias pertencentes às potências mundiais não teve escolha. Apesar disso, as repúblicas da América Latina participaram apenas de forma nominal. Os campos de batalha, os nomes das ilhas melanésias e assentamentos nos desertos norte-africanos, na Birmânia e nas Filipinas, assim como os nomes das batalhas no Ártico e no Cáucaso, tornaram-se tão conhecidos dos leitores de jornais e ouvintes de rádio que a Segunda Guerra foi praticamente uma aula de geografia no mundo. Em um dos encartes da *Revista Para Ti*, aparece uma reportagem que aborda a porção mundial envolvida na guerra. Segundo a revista, 70% da população estava envolvida. A reportagem ainda fornece informações numéricas sobre o assunto, a fim de mostrar aos leitores a gravidade de tal situação: “se encuentran en guerra 1.600.000.000 de hombres que cubren una superficie de 93.000.000 de kilómetros cuadrados” (LO QUE ABARCA..., 1940, p.16). Segundo Traversini e Bello (2009), a utilização de números, índices e taxas ocupa um lugar central na nossa cultura. Os números têm grande importância no âmbito político, econômico e educacional da população, já que otimizam condutas individuais e coletivas.

As duas grandes guerras, especialmente a segunda, são relatadas como marcos da história da humanidade. Não há sociedades onde não existam grandes narrativas que são contadas e repetidas através dos tempos. Textos e conjuntos ritualizados de discursos são narrados conforme circunstâncias bem determinadas. Algumas coisas se conservam depois de ditas uma vez, porque se imagina haver nelas algo como uma riqueza ou um segredo. Em todas as sociedades há um desnivelamento dos discursos, entre os que são ditos, os que ainda estão por ser ditos e os que permanecem ditos (FOUCAULT, 2007). Dentre os discursos que permanecem ditos através dos tempos, destaco os discursos que conhecemos sobre as duas grandes guerras.

Em junho de 1944, os aliados – Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética – reentraram em peso no continente europeu. Mesmo assim, a Alemanha se mostrou bastante resistente. Além da resistência, não houve no país nenhum sinal de revolução contra Hitler. No leste, o Japão estava determinado a lutar até o fim, o que levou ao lançamento de armas nucleares sobre Hiroshima e Nagasaki, no intuito de induzir a rendição japonesa. Conta-se que essa foi uma estratégia que deu certo, já que os japoneses renderam-se totalmente. Então, em 1945, a vitória dos aliados foi completa. Os estados derrotados foram ocupados completamente pelos vencedores. Não houve nenhum acordo de paz formal, já que, segundo relatos, não se reconhecia nenhuma autoridade independente das forças de ocupação. Após uma guerra tão exaustiva e com um final fatigante, permaneceu a sensação de que ela foi travada até o fim, sem acordos em nenhum dos lados. Conta-se que foi uma luta de vida e de morte para a maioria dos países envolvidos. Suas perdas foram literalmente incalculáveis, matando tanto civis quanto soldados. As mortes diretamente causadas por essa guerra foram estimadas como sendo de três a quatro vezes maiores em relação à Primeira Guerra. Dentre essas mortes, a única certeza é a de que a guerra matou mais homens do que mulheres, sendo que, em 1959, ainda havia, na União Soviética, sete mulheres entre 35 e 50 anos de idade para cada quatro homens.

As duas guerras mundiais foram guerras de massa. Na primeira, a Alemanha mobilizou 15,4% de seus homens para as Forças Armadas, e a França quase 17%. Já na segunda, a porcentagem de homens envolvidos foi em torno de 20%. Para que fosse possível manter tal nível de mobilização, foi necessária uma economia industrializada de alta produtividade nas mãos de setores não combatentes da população. Foi por esse motivo que as guerras de massa produziram uma revolução no emprego de mulheres fora do lar, o que se deu temporariamente na Primeira Guerra Mundial e permanentemente na Segunda. Podemos observar essa situação em alguns apontamentos da *Revista Para Ti*, quando sutilmente

começam a surgir propagandas de universidades para mulheres e alguns conselhos sobre o trabalho feminino fora da exclusividade do lar. Em um dos encartes, um anúncio da Universidad Popular de la Mujer, inicia a propaganda com a seguinte frase: “*Dé vida a sus sueños*”, claramente incentivando as mulheres a se profissionalizarem para adquirirem recursos financeiros em busca de “*bienestar y felicidad*” (UNIVERSIDAD..., 1940b, p. 35). No mesmo encarte, um texto cujo título é “*La mejor profesion*” aborda a aflição de mulheres em relação ao futuro delas e de seus filhos, quando elas estão casadas com homens financeiramente instáveis. A possibilidade de perderem seus esposos causa grande temor, já que nunca trabalharam fora e as únicas ocupações que conhecem é a de dona de casa e de mãe. O conselho da revista é o de que qualquer mulher que tenha em casa uma cozinha e um livro de receitas culinárias pode aprender um ofício, “*que en la hora de la necesidad será su tabla de salvación*”. Ainda enfatiza: “*la mayor parte de la gente les agrada comer bien y siempre pagarán sin protestar a quienes sepan satisfacer su paladar*” (LA MEJOR..., 1940, p.25). A ideia de adquirir estabilidade e segurança, assim como a de ter independência para conquistar seus desejos através do ganho financeiro, começa a povoar o pensamento das mulheres, acompanhando o surgimento da mão de obra feminina.

* * *

Para Foucault (2007), os discursos que estão em circulação são os que são possíveis. Então, quando contamos fatos históricos, relatamos o que foi possível dizer naquele momento e lugar. Os acontecimentos descritos neste capítulo fazem parte desse campo de discursos “aceitáveis” para a época. Acredito que tal ideia deva acompanhar tanto a contextualização que estabeleço neste capítulo quanto toda dissertação, já que esse referencial não tem a pretensão de desvelar o que poderia ter sido dito. É olhando para o que foi dito que poderemos pensar de outra maneira, por isso a história que conto é a história que foi possível contar segundo regras e limitações das quais não escapamos. “É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos.” (FOUCAULT, 2007, p. 35).

No Brasil, quem presidia o país em 1940 era Getúlio Vargas. De 1930 até 1945, ele foi uma figura dominante da política brasileira. Segundo relatos, Vargas nasceu em uma rica família de estancieiros no Rio Grande do Sul. Na juventude, estagiou como cadete em uma rápida passagem pela carreira militar. Depois disso, foi estudar Direito, considerado então o

treinamento preferido dos políticos brasileiros. Após breve carreira como advogado no Rio Grande do Sul, entrou para a política estadual. Em 1924, elegeu-se deputado federal e, em 1926, ocupou o cargo de Ministro da Fazenda no governo de Washington Luís. Em 1928, Vargas voltou ao Rio Grande do Sul, então como governador, mostrando uma grande habilidade em unir facções políticas que guerreavam na ocasião. Segundo a história contada, foi esse talento que sustentou Vargas nos seus primeiros anos de liderança no Rio de Janeiro. Para entender a imagem desse homem na presidência em 1940, bem como a do Brasil nessa época, é inevitável que voltemos a sua ascensão à presidência, por isso relatarei brevemente essa história. Para isso, busquei informações no livro *Brasil: de Getúlio a Castelo*, de Thomas Skidmore (2007), lembrando que, no referencial pós-estruturalista, não existe a pretensão de contar a verdade dos fatos; por isso o que farei é descrever, sob a visão desse autor, episódios do período em questão.

Devemos nos atentar que esse relato histórico é embasado no discurso político. Foucault (2007) entende a política como uma região onde as interdições dos discursos – como o direito de quem fala – são demasiadamente fechadas. Como se o discurso fosse o lugar onde a política exerce privilegiadamente alguns de seus mais temíveis poderes. Além disso, os discursos políticos estão ligados a uma prática de ritual. Tal prática define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam, os quais devem ocupar determinada posição e formular algum tipo de enunciado. O ritual define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e os signos que devem acompanhar os discursos. Isso determina, para os sujeitos que falam, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (FOUCAULT, 2007). Não tomando o sujeito como o agente histórico fundamental, podemos pensar na figura de Getúlio como um sujeito que exerceu determinadas funções na história e nos relatos dessa história. Por isso acredito que tal figura faz parte do ritual da história do Brasil.

Em 1930, Getúlio Vargas, então um líder civil que pertencia a um movimento armado de oposição, tornou-se presidente em caráter provisório. Pela primeira vez, desde a proclamação da República, em 1889, o candidato indicado do governo não conseguia se eleger. Como era proibido um presidente se recandidatar, a cada sucessão presidencial havia um grande movimento político, com a indicação de um sucessor a partir de acordos entre os líderes estaduais juntamente com a liderança situacionista. Diz-se que essa indicação era equivalente à eleição, já que os governos estaduais tinham o poder de dirigir as eleições e manipular os resultados de modo que se enquadrassem nas disposições pré-eleitorais. Sendo assim, era difícil que o candidato indicado pelo governo fosse derrotado. No entanto, com o crescimento das cidades, a manipulação do eleitorado tornava-se a cada dia mais difícil.

Conta a história que o presidente anterior a Getúlio, Washington Luís, acreditava que teria garantido apoio suficiente para eleger seu candidato, Júlio Prestes. Além de ambos serem políticos do Estado de São Paulo, o que reforçava o vínculo, Prestes havia recebido mais votos do que o candidato da oposição. No entanto, os líderes políticos dos estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, que dominavam a aliança oposicionista, recusaram os resultados oficiais, rebelando-se principalmente contra a tentativa do governo de eleger outro paulista para a Presidência. Apesar de Getúlio Vargas ter lançado um manifesto denunciando fraudes eleitorais, acredita-se que foi o assassinato de João Pessoa, ex-candidato à presidência, que deflagrou a rebelião liderada pela oposição, já que Washington Luís havia apoiado o grupo político a que o assassino estava ligado. Tal fato me remete a ideia de Foucault (2007) quando diz que a história tradicional procura o ponto de criação, a unidade de um tema, a originalidade e o segredo essencial das significações ocultas. Para ele, os discursos deveriam ser tratados como séries regulares e distintas de acontecimentos, como uma engrenagem que permite introduzir no pensamento o acaso, o descontínuo, a materialidade. Os pensamentos que procuram em todas as ocasiões as representações que se encontram atrás dos discursos ilustram, nesse referencial, uma busca desnecessária de uma explicação única que não existe.

Getúlio Vargas teria organizado no Rio Grande do Sul a marcha dos rebeldes em direção ao Rio de Janeiro. Além disso, outras tropas marchavam em direção ao Estado do Rio, saindo da Paraíba e de Minas Gerais. À medida que os grupos iam avançando, Washington Luís ia perdendo suas forças, até o ponto em que perdeu o comando militar do governo. Devido ao fato de muitos generais temerem uma guerra civil, os generais do Rio resolveram assumir o comando da situação e lançaram um manifesto pedindo a renúncia de Washington Luís. Após dez dias, uma junta militar entregou a liderança do país a Getúlio Vargas, considerado o líder incontestável do movimento de oposição. Essa modificação na Presidência ficou conhecida nacionalmente como a Revolução de 30. Albuquerque Júnior (2004) diz que devemos desconfiar dos objetos definidos para o saber histórico. Ao percebermos que tais objetos foram assim transformados em um dado momento e através de determinadas formas de saberes e forças, veremos que é dessas configurações que se falam, não do próprio objeto. Certamente se olhássemos para a Revolução de 30 – assim como para outro evento – procurando interpretar os acontecimentos em vez de explicá-los, veríamos que nenhum fato histórico possui uma documentação consagrada insubstituível ou até mesmo um conjunto de eventos que não possam mudar, de acordo com a história que se deseja contar.

Como já mencionei, a interpretação desses eventos históricos depende do olhar do próprio historiador.

Conta-se que, após a posse de Getúlio, a oposição em São Paulo crescia constantemente. Vargas sabia que essa oposição era baseada em um enraizado regionalismo, já que todos acreditavam que os paulistas nutriam certo complexo de superioridade em relação ao resto do país. Em 1932, ocorreu, então, uma revolta armada, sendo a rebelião denominada de “Revolução Constitucionalista”. Dizem que a cidade de São Paulo estava mobilizada para uma guerra civil. Fábricas passaram a produzir munição, donas de casa auxiliaram o financiamento da guerra com doações de joias, homens se apresentavam como voluntários para lutar. No entanto, parece que os constitucionalistas liberais cometeram um erro ao permitir que as exigências fossem atreladas ao regionalismo, perdendo apoio da população de outras partes do Brasil. Os estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul não aderiram à revolução. Além disso, Vargas havia convencido os líderes desses estados, argumentando que a conspiração paulista não traria nenhum benefício a eles. Também se preocupou em assegurar um importante apoio militar, o que levou os rebeldes a se renderem às forças federais.

Em maio de 1933, foram realizadas as eleições para a Assembleia Constituinte. Os regulamentos eleitorais contemplavam os sindicatos profissionais como representantes classistas e os demais deputados como representantes do povo. Na votação da Assembleia, os representantes dos sindicatos votaram com os tenentes e aprovaram um projeto onde a Câmara dos Deputados teria poderes para eleger o Presidente da República. Na metade de 1934, a Assembleia apresentou as bases legais para a nova ordem constitucional do Brasil: a constituição de 1934. Em julho, Getúlio foi eleito presidente pelo Congresso Nacional por um período que iria até as eleições diretas marcadas para 1938.

Durante esse período, conta-se que o liberalismo estava perdendo credibilidade no Brasil. Segundo relatos, Vargas usava esse fator com grande habilidade, manipulando a oposição – militares e classe média – ao lançar intenso pessimismo quanto às viabilidades de uma política adepta ao regime liberal. Quanto ao crescente movimento da frente popular, Getúlio Vargas utilizava como contra argumento o fato de ele ser liderado por comunistas. Com o confisco de documentos da Aliança Nacional Libertadora, ele conseguiu provar que o financiamento da Aliança vinha do exterior e era controlado por comunistas. Por ordem do governo, ela foi fechada por seis meses. Ao pensar que esses acontecimentos são narrados como componentes da ascensão de Getúlio à presidência, relaciono essa ascensão a um objeto histórico. Então, remeto-me ao que Foucault falava dos historiadores, da maneira como eles

fazem a história. Tal forma consiste em atribuir um objeto e então tentar resolver os problemas que ele coloca, assim como a história que descrevo neste capítulo. No entanto, Foucault acreditava que seria mais produtivo colocar um problema e determinar a partir dele a esfera do objeto que seria necessária para resolvê-lo. Devemos não mais tratar dos fatos, mas da emergência de objetos e de verdades em um dado momento (RAGO, 1993).

Como a bola de futebol, os objetos e os sujeitos históricos são feitos de múltiplos gomos, da costura às vezes mal feita e aparente, de diferentes temas, enunciados, conceitos, conteúdos, formas. E todos eles têm furos, rachaduras, por onde sempre ameaçam vazar a sua essência de vento. Suas formas enfatuadas e roliças podem, com um simples gesto de corte feito pelo saber do historiador, pela lâmina de sua crítica, tornar-se a lástima de uma bola murcha, traste deixado em escanteio. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004, p. 83).

Após o fechamento da Aliança, os poderes do governo federal cresceram rapidamente. Impiedosos métodos policiais eliminaram movimentos de esquerda em formação. Líderes foram presos, escritórios foram invadidos. À parte da repressão sobre a esquerda, começavam os planos para a eleição presidencial que deveria ser realizada em janeiro de 1938. Nela, concorreram dois candidatos. Um deles era Armando Sales de Oliveira, governador de São Paulo, tido como porta voz do constitucionalismo liberal. O outro era José Américo de Almeida, da Paraíba, que acreditavam ser defensor de medidas nacionalistas autoritárias e era considerado o candidato do governo (embora Vargas não apoiasse nenhum dos dois). Os integralistas indicaram como candidato seu líder – Plínio Salgado. Conselheiros mais próximos de Vargas argumentavam que só ele poderia salvar o país dos extremismos da esquerda e da direita. Acredita-se que Vargas já vinha pensando na possibilidade de um golpe, pois já havia facilmente adquirido poderes e encorajava projetos de regimes autoritários para a administração do país.

Determinadas séries de discursos possibilitam pensar no golpe de Getúlio Vargas a partir de conjuntos sucessivos de acontecimentos. São discursos que acreditam na busca de um futuro reencontro com uma verdade perdida em algum momento histórico. Nessa forma de pensamento, os sujeitos pensam ocupar um lugar de exterioridade, fora do presente e da história. Acreditam ser possível silenciar o lugar que ocupam, como se falassem dessa história e olhassem para ela a partir de uma posição neutra. Sendo assim, cabe a eles atribuir um sentido último e verdadeiro a esses relatos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1996).

Segundo Skidmore (2007), Getúlio Vargas arquitetou cuidadosamente o golpe. Conta o autor que, sabendo que a posição do exército seria de extrema importância, Vargas nomeou o general Eurico Dutra como Ministro da Guerra, e como Chefe do Estado Maior do Exército

o general Góes Monteiro. Ambos planejavam uma neutralização dos Estados, o que foi alcançado nos principais deles em meados de julho de 1937. No dia 10 de novembro do mesmo ano, Vargas explicou, em uma transmissão radiofônica, que o Brasil deveria instituir um regime forte, de paz, justiça e trabalho a fim de reajustar o organismo político às necessidades econômicas do país. Esse golpe foi a concretização do desejo evidente de Vargas de permanecer na presidência além do prazo previsto, que iria até 1938.

O grande jogo da história será de quem se apossar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las pelo avesso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem, introduzindo-se no complexo aparelho, o fará funcionar de tal forma que os dominadores se encontrarão dominados por suas próprias regras. (FOUCAULT, 2000c, p. 270).

Penso que relatos históricos funcionam como uma doutrina, considerada por Foucault (2007) um dos procedimentos que controlam os discursos. É pela partilha de um determinado conjunto de discursos que numerosos indivíduos determinam a presença difundida desses discursos. A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe outros, servindo-se desses enunciados para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los. Dessa forma, realizam simultaneamente dois tipos de sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos aos grupos de sujeitos que falam. Então, como exemplo de um discurso que tem disseminada sua presença, conta-se que, após o golpe, inicia-se a segunda metade do domínio de Vargas, que totalizou 15 anos – indo até 1945. Conta-se que a implantação do Estado Novo foi uma versão atenuada do modelo fascista. No entanto, ao contrário dos seus mentores europeus, Vargas não organizou nenhum movimento político para basear seu regime autoritário. Não havia partido de Vargas, movimento do Estado Novo ou quadros governamentais na sociedade brasileira. O período do Estado Novo representou um momento estagnado na história da política partidária. O Estado era tido como híbrido, sem qualquer base ideológica ou apoio popular. Acredita-se que o Estado Novo era uma criação pessoal de Vargas, que esperava assumir as mudanças sociais e o crescimento econômico do país para seu próprio proveito político.

Existe uma tradição na história que tende a dissolver o acontecimento em si em uma continuidade ideal, como uma sequência natural. Foucault contesta essa ideia ao olhar para o acontecimento não mais como uma decisão, uma batalha ou um tratado, mas como uma relação de forças que se inverte, um poder apreendido ou uma dominação que se amortece. Para ele, as forças que estão em jogo na história obedecem simplesmente ao acaso da luta, sendo que esse acaso não é da ordem de um sorteio, mas da tentativa de controlar um acaso

ainda maior. Portanto, o mundo que conhecemos não é um desenho simples onde todos os acontecimentos se apagam para mostrar o sentido final, o valor primeiro e último: ele é uma junção de acontecimentos intrincados. Acreditamos que o presente se apoia em necessidades estáveis, e exigimos que os historiadores nos convençam disso. Porém, o sentido histórico real reconhece que vivemos sem referências ou coordenadas originárias, em um emaranhado de acontecimentos aleatórios (FOUCAULT, 2000c).

No fim do Estado Novo, em 1945, o Brasil tinha um executivo federal muito mais forte do que em 1930. Isso porque esse período trouxe profundas mudanças às instituições da vida política e da administração pública. Contam que Vargas transformou as relações entre o poder federal e estadual, tornando o governo do país prioritariamente nacional. O governo passara a ter mais poderes na esfera administrativa; muitas das importantes funções que antes eram exercidas pelos Estados passaram a ser de competência federal. A crescente intervenção federal, principalmente na economia, requeria novos órgãos federais, os quais, conseqüentemente, enfraqueciam ainda mais o poder dos Estados e municípios. O crescimento da responsabilidade federal trouxe também o crescimento da burocracia, que foi institucionalizada com a criação do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) em 1938. Apesar de contribuir para a melhoria dos padrões administrativos, acredita-se que também caracterizou um meio de aumentar o controle da presidência sobre a administração federal.

Segundo Skidmore (2007), a descentralização imposta na Constituição de 1891 foi a principal responsável pela “supercentralização” de Getúlio Vargas. Ele conta que a maior parte dos que receberam pacificamente o fim da República Velha esperava por um Brasil mais centralizado. Tanto os constitucionalistas liberais quanto os tenentes sabiam que suas finalidades poderiam ter mais sucesso sob um regime federal mais forte. Eles não tinham interesse em lutar contra a ditadura sem antes saber o que poderiam conseguir com ela. Parece que a estrutura administrativa do Estado Novo visava atingir o objetivo de transformar rapidamente o país com um governo eficiente, cuja tentativa havia começado na primeira fase de Vargas.

Além das mudanças administrativas, Vargas utilizava outras técnicas políticas para aumentar o poder do governo federal, como a paralisação da oposição nos Estados, que possibilitou neutralizar as forças políticas geradas pela Revolução de 1930. Com um enorme talento de persuasão política, oferecia a promessa de apoio federal à oposição caso sua facção alcançasse o poder. Com o crescimento do empreguismo no Governo, favores federais poderiam ser de grande valia ao político local. Além disso, Vargas batalhava para combater o

extremo regionalismo de alguns Estados, apelando para o nacionalismo. Usando essas estratégias, ele pode intervir nos Estados, criando no lugar dos clãs políticos tradicionais redes de alianças locais de orientação nacional.

A essa altura, aos olhos de muitos da nova geração, Vargas tornou-se um símbolo de prudência e de persistência em relação ao objetivo nacional. O apoio de jovens intelectuais oriundos da classe média ajudava a fornecer uma aura de legitimidade a um líder que não era dado a ideologias. O próprio Vargas apontava seu conhecimento da “psicologia brasileira” como um de seus trunfos políticos. Para ele, o rótulo dado por seus inimigos soava como elogio: muitos o consideravam um político “maquiavélico”. Certamente, podemos pensar que Getúlio concretizou seus atos a partir das possibilidades que o contexto em que vivia permitia. Devemos lembrar que, para Foucault (2005g), não existe o sujeito constituinte, visto que o sujeito é constituído na trama histórica, a partir da composição de saberes e de discursos que o atravessam.

Há anos os historiadores descobriram que podiam fazer não somente a história das batalhas, dos reis e das instituições, mas também da economia (FOUCAULT, 2005c). Em relação a esse assunto, durante o período do Estado Novo, o empenho de Vargas em despertar o sentimento nacionalista também se deu na esfera econômica. O efeito prático desse nacionalismo foi a criação de condições de apoio às medidas para a industrialização, assim como foi incrementada a intervenção estatal na economia. No final da década de 30, os argumentos históricos sobre a posição do Brasil como exportador de produtos primários começou a perder terreno. Os historiadores acreditam que a passagem do Brasil do estágio de economia agrícola de exportação para país industrializado aconteceu principalmente através da ajuda do regime autoritário do Estado Novo. A nova política de industrialização foi imposta por Vargas durante seu período ditatorial, juntamente com o apoio dos militares, fazendo com que Vargas ficasse conhecido como “padrinho da industrialização”.

Portanto, acredita-se que a grande mudança da economia após 1930 no Brasil foi consequência de o Estado passar a dar prioridade máxima ao desenvolvimento do mercado interno, em que a industrialização aparece como principal instrumento para tornar a economia nacional o menos dependente possível do mercado mundial. Para isso, conta-se que era necessário que o Brasil passasse à etapa do capitalismo monopolista, realizada mediante a intervenção do capital estatal e do capital multinacional. Apesar do capital monopolista dos países industrializados não mostrar interesse em se inserir no processo de industrialização do Brasil, os Estados Unidos apoiaram o empreendimento da usina de Volta Redonda, em troca da participação brasileira ao lado dos aliados na II Guerra Mundial, garantindo no país bases

para os americanos na guerra. Essa foi a primeira empresa de capital monopolista a surgir no panorama industrial brasileiro, marcando assim uma mudança no processo de industrialização no Brasil (FAUSTO, 2007). Essa ideia de mudança no processo industrial no país me remete novamente à recusa de Foucault em tratar da prática histórica pela pesquisa das origens. Quando tratamos da história como uma competição contínua das forças, o que encontramos em um suposto começo seria não mais do que o clamor das lutas, o ruído dos afrontamentos. Para ele, o historiador deveria estar atento para os diversos elementos que se aproximam e se cruzam em um dado momento histórico, em vez de se apegar à causa dos fatos. O que existe no começo é a dispersão dos fatores, não a unidade de uma causa (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004).

A formação de uma sociedade com um modo de vida urbano-industrial trouxe, junto com as transformações globais, transformações populacionais, que ficaram conhecidas como “transição demográfica”. O processo de industrialização inaugurou um declínio da mortalidade. A natalidade permanecia estável nas primeiras décadas, mas também veio a sofrer um declínio 50 anos depois. Essa fase apresenta, segundo a teoria da “transição demográfica”, o ajuste específico da população ao novo modo de vida, que garante ao ser humano a capacidade de extensão da vida até seu limite biológico, assim como o controle de sua reprodução. Por conseguinte, a dinâmica populacional deixou de estar sujeita às circunstâncias históricas naturais e passou a ser uma dimensão incorporada ao avanço científico e tecnológico da nova sociedade. A partir da década de 40, os países da América Latina passaram por um acentuado processo de declínio da mortalidade. A disseminação de técnicas de saúde, como vacinação, antibióticos, dedetização e outras formas de controle de doenças transmissíveis, ajudaram nesse processo. No final do século XIX, o Brasil tinha em torno de 800.000 brasileiros residentes na capital federal; em 1920 a capital já apresentava uma população superior a um milhão. Nessa época, São Paulo tinha 600.000 habitantes e Porto Alegre atingia 180.000 (FAUSTO, 2007).

* * *

Enquanto isso, no final da década de 1930, a política na Argentina seguia um caminho aparentemente contrário ao do Brasil. Enquanto Getúlio Vargas optava por um regime autoritário, cancelando em 1937 as eleições presidenciais previstas na Constituição de 1934, foram realizadas as eleições para a sucessão de Justo na Argentina. O candidato oficial, Roberto Ortiz, saiu vitorioso, porém conta-se que essa vitória se deu de maneira fraudulenta,

com irregularidades no processo eleitoral. Embora os historiadores falem das intenções democratizantes, acredita-se que o Governo argentino era apenas uma continuação do anterior. Justo e Ortiz retomaram um modelo de Estado em que a intervenção do poder público deveria se limitar à economia, ficando à margem da esfera social (FAUSTO; DEVOTO, 2005). A ideia de continuidade nos fatos históricos compreende o modo tradicional de falar do passado. Albuquerque Júnior (2004) diz que não devemos ver a história como uma trajetória de quedas ou um caminho que leva a uma ascensão. As quedas e ascensões marcam o jogo da história, são aleatórios, circunstanciais, não formando um percurso coerente nem uma continuidade. No permanente combate que move as forças da história, em nenhum momento está garantida a perfeição dos futuros eventos.

No cenário da Depressão de 1930, a capacidade de arrecadação do Governo estava seriamente comprometida, mostrando o grande peso dos impostos sobre a exportação e a importação na estrutura tributária. No Brasil, a receita alfandegária em relação ao total arrecadado caiu de 36% para 22% entre 1930 e 1940, enquanto na Argentina a queda foi de 45% para 23%. A diminuição mais abrupta na Argentina era resultado da diversificação tributária empreendida na década de 30. Destaca-se a criação de um novo imposto de renda que permitiu que o percentual desse tributo sobre o total da arrecadação saltasse de 4%, em 1930, para 18%, em 1940. Além disso, a Argentina implementou novos impostos sobre as transações financeiras e sobre os combustíveis. No entanto, essa diversificação não significou um acréscimo substancial da arrecadação total. Em relação à dimensão da participação no PIB, os dois Estados eram equivalentes, visto que o Brasil havia partido de um patamar mais baixo. Entre 1930 e 1945, o Estado brasileiro aumentou sua participação no PIB até níveis equivalentes aos da Argentina. Acredita-se que a explicação para essa redução das diferenças entre os dois países esteja tanto na ideologia mais estatista do Brasil naquele período como no fato de que certas reformas implantadas pelo Estado Novo já teriam sido realizadas anteriormente na Argentina (FAUSTO; DEVOTO, 2005). A busca por explicações que contemplem as dúvidas históricas faz parte do perfil do historiador que, ao narrar o passado, busca conformar o tempo e suas peripécias a esquemas prévios de interpretação, com determinantes fixos e previsíveis que seguem uma rotina já esperada (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004).

Em relação à educação, a Argentina apresentava uma situação aparentemente mais consistente comparada à do Brasil. A criação da Universidade no Brasil foi realizada com um critério mais elitista, voltada a formar as classes dirigentes e os quadros da administração pública. Os dados disponíveis mostram que, no Brasil, o número de estudantes universitários

entre 1930 e 1942 se manteve estável, enquanto na Argentina esse número dobrou. A Universidade argentina visava à formação indiscriminada do conjunto das classes médias, inclusive de origem imigrante. Essa instituição era – e continuaria a ser –, além do campo do saber profissional, um instrumento de mobilidade social. Na área de ensino fundamental, contam os números que, em 1940, o Brasil tinha um índice de analfabetismo de 56% na população, enquanto na Argentina, em 1943, esse índice era de 15%. Porém, quanto ao nível de formação universitária e do corpo docente, as melhoras foram consideráveis nos dois países. No Brasil, um símbolo desse processo foi a criação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934 (FAUSTO; DEVOTO, 2005).

Em relação à II Guerra Mundial, os dois países viviam semelhante dilema. Como já foi mencionado, o Brasil de Vargas cedeu à pressão norte-americana em 1941, declarando apoio aos Estados Unidos. Já a Argentina permaneceu neutra e só rompeu com o Eixo em 1944, e de maneira bastante cautelosa. Conta-se que essa diferença no posicionamento internacional da Argentina e do Brasil durante a Guerra foi lembrada por muito tempo pelas elites argentinas como um grave erro, já que a posição do Brasil propiciou vantagens em relação aos Estados Unidos. Dentre essas vantagens, encontrava-se o fornecimento de equipamento militar, que era provido através de empréstimo e arrendamento, do qual a Argentina encontrava-se excluída. O confronto da Argentina com o poderoso país do Norte vinha de uma tradição mais antiga, que sempre esteve embasada na política internacional dos conservadores, devido à forte aliança com a Grã-Bretanha (FAUSTO; DEVOTO, 2005).

Em cada momento da história, a relação de dominação se fixa em um ritual e impõe obrigações e direitos a partir de cautelosos procedimentos. Essa relação estabelece marcas e grava lembranças nos corpos, a partir de um conjunto de regras. Essas regras não têm como destino a paz, mas a satisfação da violência. Ela permite relançar continuamente o jogo de dominação. A aceitação da lei é o nascimento do cálculo que originou a regra. A humanidade não progride de combate em combate até uma reciprocidade universal em que as regras enfim substituiriam a guerra: o que ela faz é instalar cada uma dessas violências em um sistema de regras, prosseguindo assim de dominação em dominação (FOUCAULT, 2000c).

Para falar um pouco sobre a história da Argentina em meados de 1940, baseei-me no livro *História Contemporânea da Argentina*, de Luis Alberto Romero (2006). Segundo esse autor, o governo de Justo, que assumiu em 1932 e foi o antecessor de Roberto Ortiz, era rotulado por alguns como ilegítimo, fraudulento, corrupto e desatento em relação aos interesses nacionais. A partir de 1935, começaram a surgir sinais de uma crescente mobilização social e política. Em outubro, trabalhadores da construção de Buenos Aires

iniciaram uma greve que durou mais de 90 dias. Em janeiro de 1936, a Confederação Geral do Trabalho (CGT) fez uma greve geral que durou apenas dois dias, mas que deu aos grevistas grande parte de suas reivindicações. Talvez a mais importante delas tenha sido a criação da Federação Operária Nacional da Construção. Esse foi um dos sindicatos mais importantes e contestadores do país. Relacionado a isso, Albuquerque Júnior (2004) diz que a história tida como resultado de batalhas em torno do poder e da verdade tem em suas ações os homens disputando domínios políticos e de conhecimento.

Em 1936, teve início a Guerra Civil Espanhola, que causou grande impacto na Argentina. Conta-se que toda a sociedade se dividiu entre os partidários e adversários da República. Na direita, em reação ao liberalismo democrático, a Guerra uniu conservadores autoritários, nacionalistas, simpatizantes do fascismo e católicos integralistas. A Espanha Republicana, com a convicção de que as democracias se preparavam para um combate definitivo contra o fascismo, criou o sentimento de solidariedade e identificação. Então, do lado adversário, houve a união do chamado “bloco de solidariedade”, que ia desde o radicalismo até o comunismo, abrangendo socialistas, democratas progressistas, estudantes da Federação Universitária, dirigentes sindicais agrupados no CGT e um setor de opinião independente progressista, que incluía figuras do liberalismo conservador.

Grande parte desse segmento estava no mundo intelectual, que, na segunda metade da década, intensificou sua politização. No Colégio Livre de Estudos Superiores – uma espécie de universidade popular –, era nítida a associação entre o acadêmico e o político. A instituição discutia tanto temas tidos como da “alta cultura” quanto questões políticas, econômicas e sociais. Essa combinação também podia ser observada na Revista *Claridad*, que publicava coleções populares de literatura e ensaio. Além disso, a revista reunia intelectuais e escritores que militavam contra a direita e que haviam se posicionado pela criação de uma “arte engajada”. Imigrantes espanhóis criaram editoras que aumentaram a atividade da esfera intelectual e artística, dando trabalho a escritores, tradutores e críticos. Todos esses movimentos mostravam forte tendência em analisar problemas da sociedade, bem como em fazer críticas e propor soluções para questões como educação, saúde e as condições das mulheres. Conta-se que o clima predominante era o de aspiração à liberdade, à democracia e a uma sociedade mais justa.

Albuquerque Júnior (2004) compara o entendimento de Foucault acerca da vida social e da história a um jogo. A história seria movimento, ação, criação de novos lances. A invenção acontece mesmo que os sujeitos estejam limitados por regras e normas, que tenham que obedecer a regulamentos. Mesmo limitados a um contexto, os homens tornam a história

possível, ao driblarem a potência do contexto e produzirem o inesperado. Assim como o jogo, a história é feita de riscos e habilidades, de variação, de regras e de restrições. Além disso, a história é descontínua, mesmo que apresente regularidade e repetições. Como não tem um sentido *a priori*, o sentido da história é seu próprio acontecer.

Em relação à economia, sua recuperação, bem como a revitalização industrial, se deu a partir de 1933. O desemprego foi diminuindo, dando início ao movimento de migrantes da zona rural para os grandes centros urbanos. Aos poucos foram crescendo os grupos de trabalhadores de novas indústrias manufatureiras ou de construção, onde dirigentes comunistas organizaram sindicatos que agrupavam os diferentes ramos industriais. Por volta de 1940, com mais de 50 mil afiliados, a Federação Operária Nacional da Construção já era o segundo maior sindicato do país – o primeiro era a União Ferroviária, com mais de 100 mil integrantes. O presidente Roberto Ortiz manteve bons contatos com os ferroviários e formou entre eles uma base de apoio, intervindo em seus conflitos internos. Entender-se com um dos principais agentes da sociedade fazia parte da estratégia geral do Estado intervencionista, que também visava reduzir o espaço da política partidária e das instituições representativas. Foucault tomava a história como mediada por estratégias e táticas, que podem levar tanto à vitória quanto à derrota. A história seria feita de disputas em que os adversários teriam alianças e enfrentamentos, e o domínio das regras e as possibilidades de usá-las ou de burlá-las nas relações com os inimigos estariam sempre presentes. Mesmo que os homens tenham criado diversas instâncias sociais que buscam comandar as regras, a história é criativa, visto que tal comando pode ser ludibriado e corrompido (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004).

Segundo Romero (2006), em julho de 1940, o presidente Ortiz ficou doente e se viu obrigado a delegar o poder ao vice-presidente Castillo, que era representante dos grupos conservadores mais tradicionais. O autor afirma que, vendo que Castillo estava desfazendo tudo o que já havia sido feito em prol da democratização, Ortiz decidiu renunciar. No fim de 1940, métodos fraudulentos voltaram a ser utilizados nas eleições provinciais. Conta-se que, em 1941, Castillo terminou com o Conselho Deliberativo de Buenos Aires, acabando com a tentativa de democratização iniciada em 1936. Acredita-se que esse fracasso era um espelho do que acontecia no mundo: as frentes populares haviam sido derrotadas na França e na Espanha, além de o nazismo acumular vitórias militares no início da II Guerra Mundial. Pensar na história a partir do referencial pós-estruturalista é pensar que determinadas forças entram em campo em um dado evento e de acordo com regras produzidas ou seguidas no período em que atuam, assim como pensar em como tais forças tornam-se sujeitos dos acontecimentos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004).

O primeiro impacto da II Guerra foi referente às relações comerciais e econômicas com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Os triunfos alemães fecharam o mercado europeu, fazendo com que reduzissem as exportações agrícolas. No entanto, as vendas de carne para os britânicos aumentaram consideravelmente. Com a redução das importações britânicas, a Argentina passou a ter um saldo a seu favor em relação ao Reino Unido. Em novembro de 1940, o ministro da Fazenda nomeado por Castillo – Pinedo – propôs um plano de reativação econômica que sugeria a compra das colheitas pelo Estado, visando à manutenção do preço e ao estímulo à construção civil, pública e privada, que mobilizaria outras tantas atividades. Também se destacava o estímulo à indústria, como uma saída para as dificuldades geradas pela guerra. Além disso, contam que Pinedo estimulava as indústrias que trabalhavam com matérias-primas locais a exportarem aos países vizinhos e aos Estados Unidos. Tratava-se de um plano que traria uma estreita relação com os norte-americanos. O projeto foi aprovado pelo Senado, mas não pela Câmara dos Deputados, mostrando um fracasso mais político do que propriamente econômico. A interpretação de fatos históricos é, para Foucault, uma atividade de simulação e de construção, que permite conceder uma aparência ao mundo. Interpretar os eventos consiste em dar a eles uma inteligibilidade, tramá-los de forma que pareçam esboçar a figura do passado: “interpretar o passado é dar vida as suas possíveis figuras, é recontá-lo, é revivê-lo, encarnando-o em seus possíveis rostos, em suas gesticulações factíveis, em seus diferentes disfarces e com suas inúmeras astúcias” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004, p. 87).

A neutralidade em caso de guerra na Europa era uma tradição argentina. Em 1939, essa postura não teve objeção por parte dos norte-americanos, que inclusive propuseram essa política naquele momento. No entanto, a guerra foi progressivamente se impondo às discussões internas, começando a fortalecer os grupos que associavam o apoio aos aliados e à reivindicação da democracia. Em junho de 1940, surgiu, então, a Ação Argentina, que tinha como objetivo denunciar as atividades nazistas e da embaixada alemã no país. Nela teriam participado, além de socialistas, radicais e intelectuais independentes, democratas recém-convertidos. A presença desse grupo refletia as desavenças dos que, até então, haviam apoiado o governo.

Na segunda metade de 1941, com a invasão de Hitler na União Soviética e com o ataque dos japoneses aos norte-americanos, os Estados Unidos entraram para a Guerra e procuraram o apoio dos países da América. Em janeiro de 1942, ocorreu, no Rio de Janeiro, a Conferência Consultiva de Chanceleres, em que novamente a oposição argentina foi contrária aos planos norte-americanos. Dessa forma, a Argentina foi excluída do plano de rearmamento

dos aliados da guerra, e os grupos democráticos – opositores do governo – passaram a receber forte apoio da embaixada. Então, Castillo decidiu cultivar sua relação com militares, desenvolvendo uma consciência nacionalista. Em meados da década de 40, o Exército modificou diferentes fábricas de armamentos. O Estado precisaria ser forte para atuar em uma sociedade que seria tomada por conflitos no pós-guerra. A reconstituição da Frente Popular e a presença do Partido Comunista nas ruas mostravam que, para enfrentá-los, seria necessário ter ordem. Porém, contam que esse ideal de Estado capaz de superar os problemas da guerra não coincidia com o governo de Castillo. Albuquerque Júnior (2004) acredita que a vida social não existe sem conflitos, sem a luta pelo poder e sua transformação em saber. Todas as culturas humanas seriam resultantes desses conflitos de saber e de poder.

Em 1941, Castillo fechou o Conselho Deliberativo e declarou estado de sítio, ignorando totalmente a Câmara dos Deputados. Depois disso, o conservador Rodolfo Moreno ganhou na província de Buenos Aires e, em 1942, a Concordância ganhou as eleições legislativas. Em julho de 1943, o Exército depôs o presidente e interrompeu, pela segunda vez, a ordem constitucional. O governo militar que assumiu foi liderado pelos generais Pedro Pablo Ramírez e Edelmiro Farrel. Um dos membros mais importantes desse governo era o coronel Juan Domingo Perón, que conseguiu mobilizar um amplo movimento político em seu favor. Isso fez com que ele vencesse as eleições em 1946. Perón foi reeleito em 1951, e somente saiu do poder quando foi destituído por um golpe militar em 1955. Contam que, no período que esteve no governo, imprimiu no país mudanças significativas que perduraram na Argentina.

Em certo sentido, a história que contei aqui é a mesma de sempre: uma história onde os dominadores e dominados repetem continuamente esses papéis. Homens dominam outros homens, nascendo assim a diferenciação de valores; classes dominam outras classes, nascendo assim a ideia de liberdade. Os homens se apoderam de coisas das quais precisam para viver, impondo-lhes uma duração que elas não têm por si só, ou ainda as adotando através da força, e assim nasce a lógica (FOUCAULT, 2000c). Além disso, precisamos reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, surpresas, vitórias, derrotas mal digeridas, para que seja possível lançar um olhar sobre uma determinada época. “A história, com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris, assim como suas síncope, é o próprio corpo do devir” (FOUCAULT, 2000c, p. 264).

5 O QUE INTERESSA A MULHER

Os discursos não são apenas uma espécie de película transparente através da qual e graças à qual enxergamos as coisas, eles não são simplesmente o espelho do que é e do que pensamos. O discurso possui uma consistência própria, sua espessura, sua densidade, seu funcionamento. (FOUCAULT, 2004a, p. 1).

Para Foucault (CASTRO, 2004), seria preciso marcar os anos entre 1940 e 1950 como referência em relação ao surgimento do novo direito à saúde, de uma nova moral do corpo. O direito individual à saúde passou a ser problema do Estado, não mais reduzido à necessidade de manter a força física nacional como capacidade de trabalho e de guerra. A saúde passou a ser um objeto das lutas políticas. Como consequência desse processo, nasce uma bio-história, em função do conjunto dos processos vitais tornarem-se então um vasto campo de intervenção da medicina. A medicina se impõe aos indivíduos como um ato de autoridade, intervindo em toda vida social, fazendo com que a saúde se converta também em um bem de consumo: “[...] o médico e o biólogo já não trabalham ao nível do indivíduo e de sua descendência, mas ao nível dos fenômenos globais da vida, ao nível da própria vida” (CASTRO, 2004, p. 300).

Neste capítulo, transcrevo as análises que realizei dos discursos sobre saúde da *Revista Para Ti* utilizando as ferramentas que apontei na metodologia. Acredito que, assim como os óculos nos ajudam a enxergar melhor as palavras no momento da leitura, essas ferramentas me auxiliaram na tarefa de desembaraçar os discursos sobre saúde contidos na Revista em 1940. O que pretendi foi olhar para esses discursos mostrando-os como resultado da rede de práticas humanas. Acredito que, ao questionar a história, percebemos que muitas coisas que hoje nos parecem naturais – como a imagem de um corpo saudável – são frutos de uma série de eventos contingentes. Portanto, historiar fatos aparentemente atemporais e inevitáveis serve menos para aumentar nosso saber sobre o passado do que para nos ajudar a compreender o presente. Para Foucault, a história mostra como “aquilo-que-é-não-foi-sempre” e como “as coisas que nos parecem mais evidentes são sempre formadas na confluência de embates e acasos, durante o curso de uma história precária e frágil” (OKSALA, 2011, p. 18).

Os discursos que analisei têm a pretensão de educar as leitoras sobre comportamentos e atitudes que concernem ao âmbito da saúde. Assim, veremos que há um conjunto de procedimentos pelos quais os indivíduos se transformam em sujeitos de determinada cultura. A ideia que temos de corpo, de saúde ou de doença só tem sentido num contexto cultural. Foucault (2007) comenta que a educação é o instrumento que todo indivíduo tem para ter

acesso ao discurso. Todo sistema de educação é um modo político de conservar ou transformar a apropriação dos discursos. Como parte desse artifício, encontra-se a educação em saúde, que constrói e veicula maneiras e modos de vida saudável. Os discursos da educação em saúde definem formas corretas e incorretas de viver, compondo um processo de instrução de determinados procedimentos que visam modificar comportamentos individuais em busca da boa saúde. Esses procedimentos englobam uma série de táticas que tem o intuito de produzir indivíduos saudáveis, com uma vida plena e cada vez mais distante da morte. Tomo a *Revista Para ti* como um lugar de manifestação de tais discursos, já que adoto as revistas como educadoras da população, ao veicularem discursos relacionados à boa saúde.

Dessa forma, após observar esses discursos, busquei organizá-los em dois marcadores. Optei por utilizar a palavra “marcadores” para indicar alguns traços distintivos que sinalizam determinados sentidos nas análises. Não tive a intenção de categorizar meus achados em hierarquias fixas, por isso não utilizei o termo “categorias” (LASTA, 2009). Digo isso porque observei que os discursos encontram-se emaranhados nos diferentes artifícios destinados ao convencimento das leitoras. Biopoder, governo, disciplina, dentre outras conceituações propostas por Foucault, estão constantemente sendo acionadas em meu objeto de estudo. Portanto, elas se repetirão em meus marcadores assim como se repetem na Revista.

No Ocidente, funciona um mecanismo de poder destinado a produzir forças que gera a vida e se organiza em função desse propósito. Tal mecanismo foi nomeado por Foucault como biopoder e pode ser observado continuamente nos discursos da Revista. Além disso, surge, no século XVIII, a problematização de uma nosopolítica que trata a saúde como um problema de todos, ideia que também permeia a Revista constantemente. Também desfilam pelos marcadores o que Foucault tratou como disciplina – técnica destinada ao controle e adestramento dos corpos individuais –, com tópicos minuciosos de cuidados à saúde destinados às leitoras. Além disso, aparece a biopolítica, que exerce um poder ao nível da espécie humana e dos fenômenos maciços da população. Artifícios desse controle sobre a vida são acionados frequentemente, como o uso do *expert* relacionado à figura do médico e sua principal vinculação: a ciência. Essa conexão resulta na história da construção de uma medicina respeitável e praticamente inquestionável. Pensando que a Revista está implicada no exercício das relações de saber e poder, as práticas de governamentalidade também perpassam o conteúdo analisado.

A partir desses apontamentos, cito os marcadores que criei após ter analisado os discursos da *Revista Para Ti*. No primeiro deles, me remeti aos diferentes artifícios que posicionam as mulheres como responsáveis pela saúde da família. Para isso, além das

conceituações de Foucault, também me apoiei em Donzelot (1986), que enfatiza a importância da mulher na medicalização da família. Entendo medicalização no sentido de Foucault, em relação ao processo caracterizado pela intervenção indefinida do saber médico na vida social, o qual abordarei mais adiante. Pude observar que, no decorrer de todos os discursos, a imagem da mulher é a de provedora de cuidados. Acredito que a mídia contribua para esse exercício positivo sobre a vida que se destina à priorização da vida da população. Por isso utilizei o que Fischer (1997) denominou “estatuto pedagógico da mídia”. Para a autora, a mídia funciona como um lugar de superposição de “verdades”, produzindo, circulando e veiculando enunciados. A imagem da mulher também está associada aos padrões de beleza disseminados na Revista. Pensando em um “imperativo da beleza”, lanço um olhar sobre a ideia de saúde associada ao que é considerado belo, percebendo que a beleza do corpo magro era cultuada também em 1940.

No segundo marcador, mostro as maneiras como as leitoras vão sendo subjetivadas a manterem a saúde, delas e de seus familiares, em torno de um “imperativo da saúde”. A medicina social e a medicina urbana são trazidas para melhor ilustrar essa ideia, juntamente com a noção de higiene. Também aparecem as técnicas de controle e normalização das condutas das leitoras, ilustrando o que Foucault falou sobre governamentalidade. Além disso, trago um pouco da noção de saúde como um bem de consumo, juntamente com a ideia do capitalismo. Acredito que a medicalização da sociedade aparece conectada também à cultura do consumo de medicamentos.

Dessa maneira, o que consideramos como corpo saudável foi e continua a ser constantemente construído de diferentes maneiras, que procurei mostrar no decorrer de minhas análises. Subjetivamos-nos por intermédio de técnicas de governo e de relações de poder que permeiam nossa vida. O poder e seus deslocamentos compõem os discursos que circulam na sociedade. Portanto, o que entendemos por saúde nos foi ensinado pelos discursos que são colocados em circulação. Mais uma vez percebi que, ao analisar tais discursos, não existe a busca por um começo desconhecido onde haveria o desvelamento das verdades mesmas sobre a saúde. Como disse Foucault: “[...] estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 2007, p. 7).

5.1 MULHER: A RESPONSÁVEL PELA SAÚDE DA FAMÍLIA

Os corpos femininos, as mulheres, e em especial as mães, seriam representadas de múltiplas e conflitantes formas, ao longo dos séculos XIX e primeira metade do século XX [...]: como responsáveis pela saúde física, emocional e moral do corpo social, como esteio do lar e da família [...]. (MEYER, 2000, p. 124).

Ao ler a *Revista Para Ti*, percebi que os discursos sobre saúde estão centrados na figura da mulher como provedora de cuidados à família e a ela própria. Sua imagem é fundamental na responsabilidade da promoção da saúde no lar. Em meio às reportagens e anúncios, os ensinamentos acerca da saúde são direcionados à leitora que tem sob seu encargo a manutenção da casa, com cuidados que perpassam a alimentação, o espaço físico, a prevenção de doenças e todos os tópicos que contemplam a conservação de sua vida e de sua família. Além disso, observei a prescrição de um determinado jeito de ser mulher, estimulando o casamento, o cuidado com o marido, a amamentação, a conservação das crianças, o zelo pela família. Também observei que a Revista ensina que uma mulher deve cuidar da aparência para manter-se bela, já que os discursos de beleza e saúde articulam-se constantemente. Perpassando tais ensinamentos, a figura do médico era constantemente associada a mulher, contribuindo para que a Revista estruturasse seus mandamentos. Essas observações remetem à ideia de biopoder. Pensando no biopoder como um poder sobre a vida, constante e onipresente, com diferentes mecanismos destinados a controlar a população e disciplinar os indivíduos, entendo a mulher como central nesse investimento. Ao ensinar determinados comportamentos tidos como saudáveis, a Revista dissemina atitudes destinadas à preservação da população. A mulher contribui para o exercício do biopoder porque, ao absorver tais ensinamentos, ela passa a desenvolver atitudes disciplinares e normas de comportamento que tem por objetivo promover a boa saúde.

Como já mencionei, em 1940, a *Revista Para Ti* tinha uma tiragem de cerca de 270.000 exemplares. Desse modo, era grande a disseminação de seus discursos entre as leitoras. Tais discursos pretendiam educar as leitoras e ensinar lições acerca dos cuidados que as mulheres deveriam ter consigo mesmas e com sua família. Para Fischer (2002), o dispositivo pedagógico da mídia seria um processo de comunicação midiática em que as análises tratam mais da subjetivação do que das questões que envolvem a linguagem. Uma reportagem gera e veicula discursos, ocasionando um deslocamento da função pedagógica, que passa a ser exercida através da ação permanente dos meios de comunicação: “trabalho com a hipótese de que há um ‘dispositivo pedagógico’ na mídia [...] que opera em direção à

produção de sentidos e de sujeitos sociais [...]” (FISCHER, 1997, p. 63). Assim, os discursos da Revista posicionam as mulheres como responsáveis pela saúde da família, subjetivando-as a se tornarem as cuidadoras do lar. Além disso, a Revista ensina como deve ser uma mulher: casada, boa esposa, mãe exemplar, magra e bela.

Donzelot (1986) conta que a estratégia da familiarização na segunda metade do século XIX tem como principal apoio a mulher. A introdução dessa figura na vida operária, juntamente com elementos de higiene na criação das crianças, permitiu um decréscimo no número de mortes prematuras e doenças. A mulher passa a ter controle sobre o homem por meio de suas atividades domésticas. O restabelecimento da vida de família na classe operária é o resultado de uma efetiva aliança que, ao promover a mulher, combate a prostituição, os conventos e o ensino retrógrado das mulheres. A mãe dedicada, a mulher do lar é o instrumento privilegiado da civilização da classe operária: “praticamente tira-se a mulher do convento para que ela tire o homem do cabaré [...]” (DONZELOT, 1986, p. 42). Portanto, a política médica delineada no século XVIII tem como reflexo a família tida como primeiro alvo de medicalização dos indivíduos. Não se pode compreender essa política sem pensar no seu elemento central: a família medicalizada (FOUCAULT, 2005a):

O retângulo pais-filhos deve se tornar uma espécie de homeostase da saúde. Em todo o caso, desde o fim do século XVIII, o corpo sadio, limpo, válido, o espaço purificado, límpido, arejado, a distribuição medicamente perfeita dos indivíduos, dos lugares, dos leitos, dos utensílios, o jogo do “cuidadoso” e do “cuidado”, constituem algumas das leis morais essenciais da família. E, desde essa época, a família se tornou o agente mais constante da medicalização. (FOUCAULT, 2005a, p. 110).

Foucault (2005a) afirma que, no século XVIII, ocorre a emergência da saúde como um problema que exige responsabilidade coletiva. Tal situação levou à configuração da problematização de uma nosopolítica, em que a importância dada à saúde englobava toda esfera social. Como uma das características dessa nosopolítica, encontra-se a medicalização da família. São codificadas as relações entre pais e filhos, com todo um conjunto de obrigações, dentre elas a amamentação das crianças pelas mães, higiene, exercícios físicos para assegurar o bom desenvolvimento do organismo. A família deve ser um meio para manutenção e favorecimento da saúde da criança, que se torna um dos objetivos mais obrigatórios. O laço conjugal servirá para organizar o embasamento do indivíduo adulto (FOUCAULT, 2005a). Donzelot (1986) relata que associações religiosas e filantrópicas contribuíam com a moralização das classes mais pobres, auxiliando a restauração da vida familiar. Tal fato era, para o Estado, um excelente negócio, já que, quando um homem e uma

mulher do povo vivem na desordem, eles nada economizam, lidando constantemente com a fome e a doença. Portanto, o casamento contribui para a economia do Estado.

Essa importância dada ao casamento pode ser observada em vários momentos na *Revista Para Ti*, que refere o casamento como objetivo da vida das mulheres. A Revista dá dicas para conseguir marido, sugere o que pode ser feito para que o casamento aconteça logo e ensina o comportamento que as esposas devem ter. Em um anúncio sobre creme dental, aparece um diálogo entre uma criança e sua tia. Essa criança pergunta se o mau hálito da tia é contagioso e afirma: *“papa dice que tu estas soltera, por tu mal aliento, y le dijo a mama, que te aconsejara vea al dentista”*. No final do anúncio, a tia aparece vestida de noiva, e o texto finaliza dizendo que graças a Colgate a tia conseguiu casar-se (CREMA DENTIFRICA..., 1940, p. 13). Em outro anúncio, o texto afirma que as mulheres podem contribuir para que o casamento aconteça logo. Nos casos em que o noivo não tem estabilidade financeira, cabe à mulher procurar exercer uma profissão digna e bem remunerada: *“no pierda más tiempo, pida hoy mismo nuestro interesante folleto que le indicará la mejor forma de resolver sus dificultades financieras y será la llave de su felicidad futura”* (UNIVERSIDAD..., 1940a, p. 83). A felicidade é o casamento, ele é o objetivo, então estudar e trabalhar pode contribuir para que a felicidade se torne possível. Em uma época onde não era comum a mulher trabalhar fora, o argumento utilizado para convencer era o casamento. A Revista também dá conselhos para quem já é casada. Uma reportagem cujo título é *“La buena esposa”* (LA BUENA..., 1940) diz que, para se alcançar o título de boa esposa, deve-se responder sim às seguintes perguntas (ficando evidente que a mulher deve viver em função de sua família):

1. *Hay siempre en la mesa una comida bien cuidada?*
 2. *Pensáis que vuestro marido es el mejor del mundo?*
 3. *Almorzáis perfectamente arreglada y no en robe de chambre?*
 4. *Está la casa libre de visitas cuando llega vuestro marido?*
 5. *Respetáis su correspondencia?*
 6. *Le ocultáis pequeñas dolencias para no alarmarlo?*
- ... Y NO a estas otras:
1. *Flirteáis con los amigos de vuestro marido?*
 2. *Gastáis mucho dinero en vestidos y en sombreros?*
 3. *Le habláis continuamente por teléfono a la oficina?*
 4. *Le fastidiáis con minucias domésticas?*
 5. *Os ponéis de mal humor cuando no os saca de noche a paseo?*
 6. *Jugáis al bridge toda la tarde y cuando llega vuestro marido os quejáis de fatiga?* (LA BUENA..., 1940, p. 63).

Ao ler tais conselhos, penso no papel que as mulheres assumiam naquele momento, responsáveis não apenas pela saúde, mas também pelo bom funcionamento do lar, ao tratar o marido com cuidado e dedicação. Além disso, no decorrer dos séculos XIX e XX, os

discursos e imagens sobre o processo da gravidez reforçaram os deveres das gestantes sobre seus corpos ao gerarem um filho, com a ideia de sempre fazer o que for melhor para o feto. Nessa época, as especificidades da gravidez contribuíram para o fortalecimento da argumentação médica sobre a gestação. Tal situação reforçou a representação da mulher como mãe, seu envolvimento na gravidez e na criação dos filhos/as. Schwengber (2006) comenta que Foucault analisa essa ideia sobre o poder de “fazer viver”, apontando que os indivíduos e a população contribuíram para o aparecimento das práticas políticas, problemas de natalidade e longevidade, saúde pública, com diversas técnicas que visam à sujeição e ao controle da população. “É nesse sentido que a administração cuidadosa dos corpos grávidos, pela gestão calculista na ordem do saber e do poder, passa a significar o processo de condução e de implantação da gravidez também como objetivo político [...]” (SCHWENGBER, 2006, p. 37). A gestante ganha o estatuto de ser insubstituível e responsável pela vida dos filhos/as. A Revista aborda os cuidados que as mulheres devem ter enquanto grávidas, ensinando como elas devem se portar em tal condição. Existem anúncios na Revista de produtos destinados às gestantes. Em um desses anúncios, uma medicação promete ajudar a gestante a garantir a saúde de seu bebê:

[...] para lograr su propósito conviene a la futura madre, durante la gestación, fortificar su organismo con la Bioforina Líquida de Ruxell, tónico poderoso que la pondrá fuerte y en condiciones de soportar ventajosamente la difícil prueba. Con auxilio de la Bioforina Líquida de Ruxell el futuro bebé será sano, fuerte y bien desarrollado. (BIOFORINA..., 1940a, p. 89).

Considerando que os procedimentos do biopoder propunham gerir a vida, afastando continuamente a morte, cabia à mulher manter a vida da família. A Revista dissemina a ideia da figura da mãe como a grande responsável pela vida saudável do filho. Em um anúncio sobre um tônico, o texto enfatiza essa responsabilidade: “*antes y durante la crianza, la feliz mamá ha complementado su alimentación tomando la insuperable MALTA BIECKERT sin alcohol, que le há ayudado a tener a este campeón de belleza, salud e fuerza, que es orgullo y su dicha*” (MALTA BIECKERT, 1940, p. 61). É a alimentação da mãe que contribuirá para que o filho se torne um campeão de beleza, saúde e força, ressaltando sua grande responsabilidade. Em outro exemplo, uma reportagem aborda os malefícios do uso de cigarro na gestação. O título se direciona para as gestantes: “*Madres que fuman*” (MADRES..., 1940). O texto fala sobre as consequências que o ato de fumar durante a gravidez pode trazer ao bebê, mais uma vez responsabilizando a mulher pela saúde do filho:

[...] de ahí resulta que el niño, que debía ser sanito, alegre y vivaracho, vivirá por el contrario martirizado por dolorosos trastornos gastrointestinales, llorará de continuo, sufrirá crisis nerviosas, y hasta pondrá de manifiesto, a medida que crece, francos síntomas de retardo mental. (MADRES..., 1940, p. 61).

Os discursos da Revista subjetivam continuamente suas leitoras acerca do importante papel exercido pelas mães em suas respectivas famílias. Ainda pensando na família medicalizada, menciono uma coluna intitulada “*Un auxiliar seguro*” (UN AUXILIAR..., 1940), em que a amamentação é abordada como uma aliada da saúde das crianças. O texto relaciona o leite materno à garantia da saúde perfeita dos filhos: “*Un niño alimentado a pecho raramente se enferma y excepcionalmente se muere*” (UN AUXILIAR..., 1940, p. 25). A importância da amamentação é bastante abordada nas páginas da Revista. Meyer (2000) comenta que os sentidos dados à maternidade foram produzidos no período que Foucault denominou de biopoder – em um contexto histórico onde a vida da população, incluindo então a da criança, entrou na ordem do poder e do saber. O contexto discursivo passou a construir elementos que permitiram a emergência e a estabilização da maternidade, e a mulher foi posicionada como um ser que, por natureza, é generoso e abnegado. Sendo mãe instintivamente, ela deveria estar disposta a qualquer sacrifício por sua cria, sendo sua competência representada pela prática da amamentação, sustentando assim a sociedade então desejada. Na coluna “*Informaciones Femeninas*”, uma frase afirma: “*la dentición es algo más tardía en los niños criados a mamadera que en aquellos alimentados con leche materna*” (INFORMACIONES..., 1940d, p. 90). Em outra referência ao benefício de amamentar, um tópico cita que as mães que estão amamentando devem ter cuidado com a alimentação: “*deberán abstenerse de comidas ricas en especias, caza, crustáceos y quesos fermentados, porque pueden alterar las propiedades de la leche*” (INFORMACIONES..., 1940c, p. 94).

Segundo Donzelot (1986), a conservação das crianças terá como aliado o fim dos malefícios da criadagem, fazendo com que a educação passe a se dar de novas e diferentes maneiras. Instaura-se, no século XVIII, uma revalorização das tarefas educativas, com uma reorganização dos comportamentos. Uma dessas modificações foi a difusão de uma medicina doméstica, cujos conhecimentos e técnicas influenciaram as famílias burguesas a tirarem seus filhos dos cuidados dos serviçais e os manterem sob a vigilância dos pais. Tal atitude levou ao surgimento da aliança entre o médico e a mãe, valorizando essa mulher quanto à atividade educativa. No começo dessa união, a principal função era a de articulação entre a figura do médico – associado ao homem do saber – e a mãe como aquela quem executa os regulamentos ditados pelo profissional. Essa aliança foi bastante vantajosa para as duas partes. Se por um lado os médicos derrotaram a medicina popular com o auxílio das mães,

essas adquiriram uma maior importância através das funções maternas, tendo um novo poder na vida doméstica. Portanto, os discursos que circulam na Revista acerca da saúde buscam respaldo no médico. Atribuo esse profissional ao que Foucault chamou de *expert*, sendo esse um dos artifícios do biopoder. O *expert* constitui o sujeito que tem a permissão de falar sobre determinados assuntos, já que não é qualquer um que pode falar sobre qualquer coisa. Sendo assim, ao acionar o médico, a Revista trata as mulheres como aliadas na busca incessante da saúde ideal. O médico ensina e a mulher aplica seus ensinamentos àqueles que estão ao seu redor. O autor traz uma passagem de um higienista, apresentada em 1876, que ilustra essa ideia:

[...] Tenho a ambição de fazer da mulher uma guardiã completa para o doente, capaz de compreender tudo e, sobretudo, que é este o seu papel, e que ele é tão elevado quanto caridoso. Os papéis de mãe e o de médico são e devem permanecer nitidamente distintos. Um prepara e facilita o outro, eles se completam, ou melhor, deveriam se completar no interesse do doente. O médico prescreve, a mãe executa. (FONSSAGRIVES, 1876, p. 23 apud DONZELOT, 1986).

Uma das características da nosopolítica é que o problema das crianças passou a ser pensado além da relação entre natalidade e mortalidade. A infância passou a ser entendida como uma fase, sendo o papel da família assegurar a sobrevivência até a idade adulta, bem como as condições físicas e econômicas dessa sobrevivência. Portanto, não apenas produzir um maior número de crianças, mas especialmente administrar adequadamente essa época da vida (FOULCAULT, 2005a). O cuidado com as crianças perpassa as páginas da Revista constantemente, com dicas, conselhos e ensinamentos acerca da saúde das mesmas. Em uma coluna cujo título é “*Para tener buena vista*” (PARA TENER..., 1940), o texto traz uma pesquisa de um médico dos Estados Unidos sobre a relação entre a alimentação das crianças e o cuidado com a visão:

Hay que comer em abundancia espinacas y zanahorias para tener buena vista. La matèria colorante, amarilla, de la zanahoria es riquísima en vitaminas A. Igual propiedad tienen las espinacas. Basta alimentar a los niños con predominio de ambas legumbres durante algunas semanas para advertir cómo se agudiza su visión em la noche. (PARA TENER..., 1940, p. 37).

Além disso, as propagandas também se dedicam a ofertar produtos destinados à infância. Um anúncio promete aumentar o apetite e o peso de crianças fracas, mostrando o interesse da Revista em ensinar maneiras de fortalecer a saúde das crianças: “[...] *se ud. quiere aumentar el apetito y el peso de su niño flaco, enfermizo, anêmico o raquítico, olvídense*

del gusto repugnante del aceite de higado de bacalao y dele Pastillas Mccooy; son tan agradables que se toman con mucho placer.” (PASTILLAS..., 1940, p. 80).

Em relação aos cuidados que as mulheres deveriam ter consigo mesmas, percebo que a beleza feminina era um assunto que perpassava a *Revista Para Ti* regularmente. Tal observação me fez acreditar na existência de um “imperativo da beleza” também em 1940. Pele, cabelo, pernas, braços, dentes, unhas, mãos, enfim; diferentes partes do corpo são constantemente mencionadas e alvo de prescrições para mantê-las admiráveis e belas. Fischer (2002) afirma que, através dos meios de comunicação, os imperativos da beleza, da juventude e da longevidade atingem a todas nós. Exemplos nos são mostrados para que possamos conseguir uma maneira de sermos belas, magras, saudáveis e eternas. No decorrer do século XX, o que era tido como saudável e belo sofreu transformações em relação a períodos anteriores. Conquistar um corpo dotado de saúde e de beleza passou a ser um objetivo individual e a fazer parte da responsabilidade da mulher (ANDRADE, 2002). Como esses ensinamentos se articulam aos discursos da saúde, as estratégias para tornar-se mais bonita ficam mais reforçadas, adquirindo maior credibilidade. Em um anúncio sobre um tônico, a frase que inicia o texto ilustra essa associação: “*La salud es un poderoso factor de simpatia. Ningún tipo de belleza es mas sugestivo que el encanto que irradia la mujer plena de vigor, salud e vitalidad*” (BIOFORINA ..., 1940b, p. 88).

Sant’Anna (1995b) conta que, na primeira metade do século XX, as publicidades falavam de produtos, comumente chamados de remédios, que combatiam os “defeitos” da aparência feminina. As revistas veiculavam propagandas de remédios para a beleza, caracterizando a polivalência desses produtos, que curavam de rugas a feridas, de cansaço a cicatrizes. Pomadas que prometiam afinar a cintura, branquear a pele, escurecer os cabelos brancos, eram normalmente caracterizadas como remédios. Em um anúncio de creme para o rosto, a frase em destaque é: “*una belleza perfecta con Crema de Oriente Vindobona*” (CREMA DE ORIENTE..., 1940, p. 30). Depois disso, observo que, ao explicar o funcionamento do creme, o texto enfatiza seus comentários acerca da saúde da pele. Ao relacionar as impurezas do rosto ao mau funcionamento da pele, é o creme que vai curar o problema: “*Las propiedades nutritivas, tónicas y estimulantes de sus ingredientes, permiten eliminar las impurezas del rostro que son causa frecuente del mal funcionamiento de la piel*” (CREMA DE ORIENTE..., 1940, p. 30).

Em uma sociedade onde o médico aparece como participante na organização moral e social das famílias, mostrar a falta de beleza como doença incentiva a necessidade dos cuidados médicos e de tratamentos com remédios. Esse comportamento aponta o surgimento

da importância da medicina e dos remédios na vida cotidiana, tendência que se confirma até os dias de hoje. Porém ao mesmo tempo revela um período em que os cosméticos não tinham o mesmo domínio que têm na atualidade. Submissos aos conselhos médicos e às proposições farmacêuticas, faltava a eles autonomia para agirem livremente (SANT'ANNA, 1995b). Com essas características, as propagandas de remédios circulavam mais confortavelmente nas revistas do que hoje. Assim como na busca da saúde, os remédios também auxiliariam na busca da beleza, mostrando a forte aliança entre beleza e saúde. O cruzamento desses discursos propicia mais força aos ensinamentos da Revista. Assim, observo a Revista mostrando como as mulheres deveriam ser. Quanto mais saudáveis e belas forem, mais elas viverão, mais conquistas alcançarão. Em uma peça publicitária sobre uma medicação para melhorar o funcionamento do intestino, encontra-se uma evidente ilustração dessa aliança:

CUIDE DE SU SALUD. El consejo médico le permitirá gozar de una vida sana y eficiente. No olvidemos: para mantener bien el intestino y librarlo de las toxinas perniciosas conviene un tratamiento depurativo bajo dirección del médico. Para una piel sana, un cutis limpio, libre de granitos, pecas o manchas. (CUIDE..., 1940, p. 16).

Em outro exemplo, cito um anúncio em que a frase de destaque salienta a importância da beleza: “*Cada dia la veo más hermosa*” (BIOFORINA..., 1940c). O produto anunciado é um tônico que promete fortificar o organismo. O texto ilustra tal associação: “*La salud constituye el mayor de los atractivos y es fuente perenne de satisfacciones y alegrías. Las personas débiles y de sangre empobrecida están de continuo expuestas a enfermedades y mal-estares*” (BIOFORINA..., 1940c, p. 84, grifos nossos). Em outra propaganda de remédio, a mensagem da beleza relacionada à saúde também é clara: “*tomar PILDORAS ROSS porque teniendo su intestino libre de residuos, su belleza se mantendrá eternamente*” (PILDORAS..., 1940, p. 83).

Não é somente em anúncios publicitários que os conceitos de beleza e saúde se confundem. Em uma reportagem intitulada “*Cutis Lustroso*” (CUTIS..., 1940), o texto fala sobre as peles oleosas que são difíceis de maquiar. Segundo a reportagem, os médicos e especialistas em beleza denominam tal estado de “*seborrea*”. Observo que a união entre os discursos da medicina e da beleza é defendida até mesmo por profissionais escalados para discutir o assunto. A reportagem explica o funcionamento da seborreia, bem como tratamento e prevenção. Tal matéria aponta quão importante é cuidar da aparência sempre: somente assim as leitoras poderão ser tidas como saudáveis e belas: “*la belleza está intimamente ligada a la salud*” (CUTIS..., 1940, p. 66).

A ciência também é colocada em discurso quando o assunto é beleza. Em diversas propagandas de cosméticos é utilizado o argumento científico para aumentar a crença na eficácia do produto. Em um anúncio de creme (CREMA..., 1940), o texto diz que, quando um produto tem a missão de cuidar de algo tão delicado como a pele da mulher, não pode ser simplesmente uma combinação de ingredientes sem caráter científico. A frase em destaque de tal anúncio é: “*La ciencia de la belleza*”. Ainda enfatiza: “*Crema Sanacutis é un científico preparado*” (CREMA..., 1940, p. 36). Outro creme também mostra sua eficácia usando a ciência como argumento: “*Ocacia es el producto científico que regenera y rejuvenece el cutis*” (OCACIA, 1940, p. 60). Além dos cremes, alguns sabonetes também se aliam ao discurso científico: “*Palmolive está hecho en una fórmula científicamente estudiada*” (FRESCURA..., 1940, p. 17).

Dentre essas lições, a busca por um corpo esbelto aparece como importante componente de beleza e saúde. Mira (1997) relata que, na corrente de culto ao corpo, são associadas tendências de estética e saúde, sendo um corpo saudável confundido com um corpo belo e vice-versa. Dentro dessa corrente, a obesidade contraria tanto os ideais de beleza como os de saúde, tornando-se assim o grande mal da sociedade. A autora ainda comenta que o exercício físico e a dieta alimentar aparecem como pontos convergentes do discurso da beleza associado ao da saúde. Em uma reportagem intitulada “*La Esbeltez Requiere um Regimen*” (LA ESBELTEZ..., 1940), é citada uma grande preocupação das mulheres com o emagrecimento. Por isso, segundo o texto, muitas vezes a mulher submete-se a tratamentos severos em busca desse objetivo, sacrificando inclusive sua saúde. Na matéria da Revista, é explicado que, para ter silhueta esbelta, são necessárias mudanças no estilo de vida que vão desde o cuidado com a alimentação até a prática de exercícios físicos, artifícios esses considerados saudáveis. O texto ressalta que não é possível ser esbelta sem preocupações, já que afinar o corpo requer “*un regimen metódico de vida*” (LA ESBELTEZ..., 1940, p. 66). Em uma das colunas “*Informaciones Femeninas*”, a prática de exercícios aparece como primordial na busca pelo corpo magro: “*La conservación de la línea exige la práctica cotidiana de movimientos gimnásticos que hagan trabajar con preferencia los músculos abdominales y quemar las grasas*” (INFORMACIONES..., 1940d, p. 90).

Em uma reportagem intitulada “*La obesidad y la mesa*” (LA OBESIDAD..., 1940), o texto explica as causas da obesidade e a associa a várias enfermidades. Ainda comenta qual deve ser o tratamento para os obesos, com dicas que incluem a diminuição na alimentação e o estímulo das funções renais e intestinais. A “falsa crença” da saúde associada à gordura é referida, e é mostrado um forte motivo para manter-se magro: “[...] *en los casos apuntados*

conviene que se proceda a una cura de adelgazamiento, pero bajo la estricta vigilancia del médico, pues la gordura no es, como muchos piensan, una manifestación de salud, sino todo lo contrario” (LA OBESIDAD..., 1940, p. 71). Podemos observar aqui também a onipresença do discurso médico em relação a saúde da população. Além do cuidado com as doenças, é ele quem deve tratar das questões relativas à obesidade e ao emagrecimento, mantendo o risco de doenças relativas ao peso cada vez mais distante. As dicas para alcançar esse corpo ideal existem em várias outros contextos na Revista. Em outra coluna, “*Informaciones Femeninas*” (INFORMACIONES..., 1940c), um tópico explica como uma pessoa que quer emagrecer deve proceder:

Queriendo adelgazar, debe suprimirse el azúcar en el te o café, no comer pan, abstenerse de toda bebida en las comidas, eliminar los guisos y frituras del menú reemplazándolos por carne asada y pescados no grasos, verduras y fruta en abundancia. La gimnasia racional surte también excelente resultado. (INFORMACIONES..., 1940c, p. 94).

Percebo que as propagandas também ressaltam a importância de manter a saúde mesmo quando o objetivo é o emagrecimento. Em um anúncio de um tônico, o texto inicia com as seguintes palavras: “*Silueta moderna*” (NUCLEODYNE, 1940). Então explica que o produto em questão pode auxiliar na busca pelo corpo magro e saudável:

Para mantener una silueta elegante y esbelta las damas descuidan su organismo. El resultado de este descuido es una debilidad general de los músculos y del cerebro. Recomendamos a las damas tonificarse con Nucleodyne, poderoso tónico preparado a base de fósforo orgánico asimilable. Nucleodyne es un gran aliado de las damas, pues fortifica todo el organismo y repara el desgaste cerebral, sin alterar la armonía de la silueta. (NUCLEODYNE, 1940, p. 15).

A Revista ensina que a obtenção do corpo considerado belo e saudável requer persistência e disciplina. Não podemos esquecer que, em qualquer sociedade, o corpo encontra-se submerso em poderes que lhe impõem limitações, proibições e obrigações (FOUCAULT, 2009). Foucault (2005f) conta que, do final do século XVIII até o século XX, acreditava-se que o investimento no corpo pelo poder deveria ser denso, rígido, constante. Porém tal poder não tinha apenas uma função repressora, pois se agisse somente pela censura e se seu exercício se desse apenas de um jeito negativo ele seria bastante frágil. Sua força provinha justamente do fato de também produzir efeitos positivos, tanto no nível do desejo como no do saber. O poder produz o saber. Através de um conjunto de disciplinas foi possível construir sobre o corpo um saber fisiológico, orgânico. Na reportagem citada – “*La Esbeltez Requiere um Regimen*” (LA ESBELTEZ..., 1940) –, o texto ensina determinados saberes

sobre o corpo esbelto e instiga o desejo de adquirir esse corpo. A finalização mostra mais alguns motivos para que as leitoras sigam suas prescrições: *“La esbeltez es capital para disminuir la edad, al menos en apariencia, para conservar la juventud y la flexibilidad fundamental para tener un andar gracioso y para la elegancia de los movimientos”* (LA ESBELTEZ..., 1940, p. 66).

Vejo a busca pelo corpo magro como uma estratégia em que a tecnologia do poder disciplinar prevalece. Na medida em que a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens os desdobrando em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados e, em algumas situações, até mesmo punidos, ela instaura as medidas – adestramentos – que devem ser tomadas para a obtenção do corpo tido como ideal (FOUCAULT, 2000d). Ao considerar o indivíduo no detalhe é que as práticas ensinadas para a obtenção do corpo magro – alimentação, exercício – passam a ser possíveis. Em uma reportagem intitulada *“Ejercicios para afinar la silueta”* (EJERCICIOS..., 1940), são ensinados diferentes tipos de exercícios que ajudam a emagrecer. Ainda explica que a busca pelo corpo magro e saudável se dá através de diversos comportamentos, e identifico a disciplina regendo tais ensinamentos. Afinal, para conquistar uma silhueta magra, devemos ter disciplina – cuidar o que comemos e nos exercitar constantemente.

Aunque los regímenes alimenticios juegan un papel preponderante en el afinamiento de la silueta, solo los ejercicios practicados con constancia están en condiciones de conservarla celosamente en un justo peso y armonía, y pueden hacerla más esbelta refiriéndonos a personas que necesitan quemar grasas y disminuir kilos superfluos. La gimnasia, aparte del valor que representa dentro del embellecimiento femenino, pone en actividad a todo el cuerpo, lo que se traduce en salud y confiere lozanía al cutis, vivacidad a la mirada, etc. (EJERCICIOS..., 1940, p. 66).

Para Foucault (2000d), a norma é o elemento que circula entre o disciplinar e o regulamentador. É ela que vai ser aplicada da mesma maneira ao corpo e à população, que permitirá o controle da ordem disciplinar do corpo e dos acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica. Na sociedade de normalização, cruzam-se tanto as normas de disciplina quanto as de regulamentação. Quando se diz que o poder passou a cuidar da vida, percebe-se que ele cobriu toda a superfície que se estende do corpo à população, através das tecnologias disciplinares de uma parte e das de regulamentação de outra, fazendo uma espécie de jogo duplo. Além disso, Foucault (2008) falava do caráter prescritivo da norma, porque é em relação a essa norma estabelecida que a determinação do normal e do anormal, bem como sua identificação, se torna possível. Como exemplo de um discurso tido como dentro da norma, cito a imagem de um corpo magro associado à saúde. É o corpo sem gorduras que é

considerado normal, que é tido como saudável. A partir dele é que vão se traçando corpos anormais, que fogem da prescrição da norma, corpos considerados doentes ou mais propensos a adoecerem. Em um tópico da coluna “*Informaciones Femeninas*”, a mensagem sobre a obesidade é associada a doenças: “*la sobrealimentación origina intoxicaciones serias, altera el perfecto funcionamiento del hígado y de los riñones, y conduce a la obesidad con toda su sucuela de molestias y padecimientos*” (INFORMACIONES..., 1940e, p. 90, grifos nossos).

Em uma coluna chamada “*Cuadritos de la ciudad*” (CUADRITOS..., 1940), um dos assuntos abordados é em relação ao corpo magro. O texto que tem como título “*La silueta ideal*”, fala sobre uma mulher elegante que, ao caminhar pela cidade, faz com que todas as mulheres – jovens e maduras – parem para admirá-la. Ao perguntar sobre quem causa tanta admiração, se é uma estrela de Hollywood ou alguma artista nacional de teatro, a resposta é a seguinte: “*Nada de eso! La que llena de celosa admiración él corazón de sus hermanas, es una joven dama cuya silueta ‘estilizada’ forma una sola línea, de una delgadez tan extremada que el trajecito estampado que la viste, parece que flotara solo [...].*” (CUADRITOS..., 1940, p. 17).

O texto ainda aborda a questão de alguns jornais e revistas mencionarem que a silhueta feminina que está na moda é a que tem “*las formas*”, porém adverte: “*Mentira! Generosa mentira para consolar a las que las tienen! La flacura, la esbeltez, sigue siendo el ideal del bello sexo*” (CUADRITOS..., 1940, p. 17). Ainda fala dos protestos dos médicos e higienistas que se preocupam com a desnutrição e a consideram um perigo para a saúde. Parece que assim a Revista mostra o contradiscurso sobre a silhueta ideal, abstendo-se de não ter advertido sobre os problemas que a busca pelo emagrecimento pode causar. Digo isso porque, apesar do discurso médico cauteloso, fica a mensagem de que, acima da saúde, o corpo esguio seria o objetivo a ser alcançado pelas mulheres. Assim, o corpo magro está associado à normalidade. Quem não deseja estar inserido no discurso da norma, ser considerado normal? Obesos estão fora, são eles os anormais quando o assunto é idealização do corpo. Eles são a exceção: “*nessa busca de significação e de novas representações harmonizadas com o século XX, a obesidade passa a ser indício de doença e de feiúra, e a magreza, análoga à saúde e à beleza*” (ANDRADE, 2002, p. 33).

5.2 O IMPERATIVO DA SAÚDE: GOVERNO DA VIDA E DO CORPO

Não se trata mais do apoio a uma franja particularmente frágil – perturbada e perturbadora – da população, mas da maneira como se pode elevar o nível de saúde do corpo social em seu conjunto. Os diversos aparelhos de poder devem se encarregar dos “corpos” não simplesmente para exigir deles o serviço do sangue ou para protegê-los contra os inimigos, não simplesmente para assegurar os castigos ou extorquir as rendas, mas para ajudá-los a garantir sua saúde. **O imperativo da saúde: dever de cada um e objetivo geral.** (FOUCAULT, 2005a, p. 109, grifos nossos).

Nesse excerto, Foucault (2005a) associava os desdobramentos da nosopolítica à população e os problematizava a partir de múltiplas instâncias, com o Estado desempenhando diferentes papéis. A organização de uma política de saúde era tida como problema político e econômico, colocada em nível de coletividade. O estímulo à saúde e ao bem-estar da população passava a ser um dos objetivos do poder público. Todos deveriam ser saudáveis, e o Estado mobilizava ações para que esse fim fosse atingido. Ao folhear as páginas da Revista, observo que as mulheres são centrais para que se mantenha a saúde de todos e de cada um.

Foucault (2008) afirma que, ao olhar os problemas específicos da população, foi remetido ao problema do governo. É a população que aparece como meta final do Governo, que tem por finalidade melhorar a sorte das populações, aumentar sua duração de vida, melhorar sua saúde. Foucault passou a analisar os processos que fizeram com que as formas repressivas e centralizadas do poder do Estado, exercidas pelo soberano, se transformassem em formas mais descentralizadas e difusas de poder. A governamentalidade se refere ao objeto de estudo das maneiras de governar. Ela pode ser entendida como o esforço em criar sujeitos governáveis através de determinadas técnicas, como controle e normalização das condutas das pessoas. Essa ideia marca o início de uma nova forma de pensar sobre as maneiras de se exercer o poder nas sociedades.

Para Traversini e Bello (2009), a noção de governamentalidade pode ser entendida como uma racionalidade que administra os problemas da população. Segundo eles, Foucault utilizava essa noção para analisar as relações de poder, a maneira de se conduzir a conduta das pessoas. Quando apontamos discursos da Revista que propagam diferentes ensinamentos acerca do corpo saudável, estamos nos deparando com uma das estratégias que compõem um dispositivo que tem a finalidade de governar as leitoras. A proliferação de artigos, propagandas, conselhos médicos nas páginas da Revista pretende conduzir condutas, incitar as leitoras a se tornarem sujeitos que têm a responsabilidade de manter sua saúde e a saúde de toda a família.

Foucault diz que, para que ocorra um maior entendimento sobre as aplicações das práticas do biopoder e da biopolítica na modernidade, é necessário compreender as práticas de governo. A governamentalidade se vincula à gestão das coisas e das pessoas como um problema do Governo, conduzindo tanto os sujeitos individualmente como a população coletivamente (SANTOS, 2010). Pode-se considerar que as investigações de Foucault acerca da subjetividade ocidental mostram que a subjetividade se deu a partir de práticas de governamentalidade. Para ele, esse termo se refere ao objeto de estudo das maneiras de governar (CASTRO, 2004). Foucault entende governamentalidade como:

[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população [...]. Em segundo lugar, [...] entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe [...], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. (FOUCAULT, 2008, p. 143).

Na coluna intitulada “*Informaciones Femeninas*”, presente em todos os encartes, são apontados assuntos tidos como de interesse geral, com explicações rápidas em cada item. Os temas abordam moda, alimentação, beleza, saúde, educação, regras de etiqueta. Em um dos encartes, dentre outros ensinamentos, destaco os que têm como objetivo instigar as leitoras a se tornarem pessoas mais saudáveis, governando assim seus comportamentos e procedimentos. Em uma sugestão de café da manhã, é citado que, ao consumo de frutas e sucos, “*se atribuye un gran poder refrescante y desintoxicante*”. Também ensina que as nozes possuem valor terapêutico positivo, porque aumentam a pressão sanguínea e temperatura, sendo aconselhadas em casos de anemia e debilidade. Quanto à prática de exercício físico, a caminhada é apontada como o exercício mais eficaz e indispensável à vida diária, porque regula as funções nutritivas, os mecanismos intelectuais e contribui para uma boa digestão. A associação entre uma alimentação restrita e a saúde fica bem evidente na seguinte dica: “*Para conservar sano el cuerpo conviene negar al apetito lo que el apetito pide cuando una comida há hecho daño alguna vez*” (INFORMACIONES..., 1940b, p. 90). Não podemos seguir as solicitações do nosso corpo, devemos mantê-lo sob controle e fazer com ele o que nos é ensinado; assim obteremos o corpo tido como saudável. Com essas prescrições, temos nossas condutas dirigidas e, ao mesmo tempo, conduzimos nossos modos de ser, ilustrando assim o que Foucault falou sobre governamentalidade.

Pensando na técnica da governamentalidade como constituidora de um sujeito específico, o qual passa constantemente pela analítica de méritos e posições e é alvo de redes

de obediência, vigilância, controle e castigos, observo que os ensinamentos da Revista fazem uso dessa técnica para conduzir suas leitoras. Foucault pensa na governamentalidade a partir do âmbito das questões da segurança, do bem-estar, da promoção da vida e da higiene. Os discursos da Revista opinam e ensinam as leitoras sobre essas questões. Para ilustrar o alcance da revista quanto a esses temas, cito novamente a coluna “*Informaciones Femeninas*” (INFORMACIONES..., 1940a), que, em um dos encartes, menciona diversos ensinamentos sobre saúde as suas leitoras: “*el baño del bebé debe durar de cinco a ocho minutos*”, “*a los niños se les debe enseñar a respirar llenando plenamente de aire los pulmones*”. Sobre a alimentação, as dicas são as seguintes: “*el pescado asado es mas sabroso y nutritivo que cocido o frito*”, “*el comer con exceso determina un aumento no compensado de trabajo por parte del corazón y de los riñones*”, “*las aceitunas favorecen la formación de jugo gástrico, razón por la cual son estimulantes de la digestión*”. Além disso, a coluna também ensina sobre determinados comportamentos que podem comprometer a saúde: “*las visitas a enfermos y de duello deben ser breves*”, “*a luz variable o movediza es perjudicial para los ojos*”. Podemos observar que tais ensinamentos abrangem toda a vida das pessoas, pretendendo conduzir as ações das leitoras, governar a população e controlar a conduta de todos.

Os discursos da Revista funcionam como jogos de verdade. Foucault (2004b) tratava a expressão “jogo” como um conjunto de regras de produção dessa verdade, como procedimentos que conduzem a certo resultado. A cultura ocidental opera com a obrigação da verdade: para nós, não é possível definir alguma estratégia fora dela. Além disso, a oposição entre o verdadeiro e o falso funciona como um sistema de exclusão dos discursos (FOUCAULT, 2007). Essa verdade, ou esses jogos de verdade, são ligados a relações de poder. Para o autor, em quaisquer que sejam as relações humanas, o poder está sempre presente. Isso porque, em cada uma dessas relações, em diferentes níveis, cada um tem a pretensão de dirigir a conduta do outro, exercendo o que Foucault chamou de governamentalidade. Como exemplo dessas relações, menciono meu objeto de estudo e sua intenção pedagógica com as leitoras. Assim, ao analisar os discursos acerca da saúde na *Para Ti*, questiono como as leitoras, bem como seus familiares, se constituíam como saudáveis através de certo número de práticas que funcionam como jogos de verdade e práticas de poder.

Ao pensar no imperativo da saúde, remeto-me às conceituações acerca das tecnologias do poder nos séculos XVII e XVIII, quando começaram a investir sobre o corpo individual, no modo como as pessoas moram, na saúde da população. Surgia a separação, o alinhamento,

a colocação em série e a vigilância desse corpo, assim como a organização de um campo de visibilidade para ele. Esses artifícios permitem um controle sobre o corpo que se sujeita e estabelecem uma relação de docilidade–utilidade com os mesmos. Foucault deu a esse método o nome de disciplina. A disciplina é uma forma de exercício de poder, que tem como objetivo a normalização, o detalhamento e a organização dos corpos; ela analisa e decompõe os indivíduos em elementos suficientes para percebê-los e modificá-los. Como consequência de uma tecnologia de poder centrada na vida, surge uma forma de viver em que a disciplina age em função de normalizar a sociedade, fazendo surgir então o que Foucault chamou de “sociedade normalizadora”. Utilizando suas palavras, encontramos na disciplina uma “microfísica” de poder, com uma configuração de corpo que tem como propósito a obtenção de corpos úteis e dóceis, aumentando assim a força econômica dos corpos (FOUCAULT, 2008, 2009, 2010).

Percebo que, em diversos momentos, a Revista utiliza o poder disciplinar para promover um domínio sobre o corpo; regulando, ensinando e prescrevendo às mulheres determinados comportamentos tidos como mais adequados para a obtenção de sua saúde e da saúde de sua família. Em um artigo intitulado “*Si Quieres Estar Sano...*” (SI QUIERES..., 1940), são encontrados sete itens que mostram procedimentos considerados saudáveis:

- 1.1 – *Cree en la salud como estado normal de hombre. No te conviertas en hipocondríaco por temor exagerado a la enfermedad.*
- 1.2. – *No te medicines con libros que no entiendes, pues de lo contrario te acometerá el miedo de todas las enfermedades.*
- 1.3. – *Gasta en precaver las enfermedades el dinero que se suele gastar en contraerlas e tratarlas.*
- 1.4. – *Llama al médico a su debido tiempo, para que diagnostique y trate tu mal lo antes posible.*
- 1.5. – *La acción de una medicina depende de su dosis. Por eso hay que atenerse rigidamente a las órdenes del médico.*
- 1.6. – *No pidas al médico lo imposible, porque no es brujo de profesión.*
- 1.7. – *Ten confianza ilimitada en tu médico.* (SI QUIERES..., 1940, p. 36).

Nessa lista, são encontradas prescrições que contemplam diferentes sentidos, já que vão desde afirmações de que a saúde é o estado normal do homem – orientando as leitoras para que elas não se tornem hipocondríacas –, passando pela orientação de que elas não devem ler livros que não entendem (ainda com a intenção de precaver sobre um medo excessivo de enfermidades), até a indicação de que se deve chamar o médico o mais cedo possível, mostrando a importância de um tratamento precoce. A Revista também diz que devemos confiar no médico ilimitadamente, apesar de nossos pedidos a esse profissional

deverem ser limitados. Também observo a importância de se ter um corpo dócil, visto que é importante que se siga a ordem dos médicos.

Os discursos acerca da saúde já mencionados – e os que ainda serão – contribuem para a construção do sujeito saudável. Quando a Revista explica determinadas maneiras de manter a saúde, ela faz uso dos jogos de verdade, já que mantêm com suas leitoras relações de poder. Os ensinamentos contemplam diferentes campos, interpelando as leitoras sob vários aspectos. Em uma coluna intitulada “*Secreto de una buena respiracion*” (SECRETO..., 1940), o texto ensina qual a maneira correta de respirar, fazendo com que as leitoras aprendam e sigam seus ensinamentos: “*para respirar bien hay que colocarse em posición vertical, com las manos un poço hacia atrás y aspirar el aire por la nariz*” (SECRETO..., 1940, p. 64). A revista mostra que, para ter saúde, é preciso estar atenta a várias situações. Em outro encarte, são ensinadas as normas de descanso e exercícios para as leitoras:

Desde los 7 a los 11 años de edad, deben dedicarse 10 horas de sueño, ocho de ejercicio y 5 de ocupación.

Desde los 11 a los 15 años se requieren 8 horas de sueño, seis de ejercicio y 5 de ocupación.

Desde los 15 a los 20 años de edad, son necesarias 7 horas de sueño, 5 de ejercicio y 6 de ocupación.

Desde los 20 años hasta el comienzo de la vejez, seis horas de sueño, cuatro de ejercicio y ocho de ocupación.

Finalmente, agrega:

“Levántale a las seis y almuerza a las diez. Come a las seis, acuéstale a las diez y vivirás diez veces diez”. (LA MUJER..., 1940, p. 36, grifos do autor).

Observo, nesses excertos, que a Revista se preocupa em prescrever mandamentos em diferentes setores da vida. Ensina até como as leitoras devem respirar e qual a quantidade de tempo necessária para praticarem exercícios, se ocuparem e descansarem. Pensando nas teorizações foucaultianas que tratam dos processos de subjetivação dos sujeitos, relaciono tais ensinamentos à disciplina e governo. Enquanto a disciplina procura, pelo adestramento e o controle sobre os corpos, normalizar os indivíduos, o governo controla e normaliza a conduta das pessoas.

Durante a segunda metade do século XVIII, aparece uma nova tecnologia de poder, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a modifica parcialmente e também a integra. Enquanto as disciplinas lidavam praticamente com o indivíduo e seu corpo, essa nova tecnologia passa a lidar com um novo corpo: um corpo múltiplo. Foucault aponta que tal tecnologia introduz a noção de população:

[...] depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anátomo-política do corpo humano [...] vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana. (FOUCAULT, 2000d, p. 289).

Sendo assim, a biopolítica lida com a população se dirigindo aos acontecimentos aleatórios que acontecem nessa população. Dessa forma, essa tecnologia de poder vai implantar certos mecanismos que têm diferentes funções daqueles exercidos pela disciplina. A biopolítica vai tratar, sobretudo, de previsões, estimativas estatísticas, medições globais, intervindo no nível daquilo que são as determinações desses fenômenos gerais. Será preciso modificar, baixar a morbidade, estimular a natalidade, aumentar a vida. Podemos observar a importância dada à população em uma reportagem da Revista intitulada “*El ejército sanitario*” (EL EJERCITO..., 1940) que ilustra a luta pela defesa dessa população. O texto fala sobre a importância do controle de qualidade dos alimentos:

*Desde hace mucho tiempo, Para Ti, em defesa de la salud del pueblo y de la tranquilidad de los hogares, viene realizando una intensa campaña contra el fraude y las adulteraciones de productos alimenticios. [...] Insistimos en que no **había problema de mayor transcendencia para los gobiernos que la salud de los pueblos**, y reclamábamos la organización de un verdadero ejército sanitario que la salvaguardara.* (EL EJERCITO..., 1940, p. 16, grifos nossos).

A própria revista assume a função de inspecionar os estabelecimentos em prol da manutenção da saúde do povo, mostrando o quanto todos devem estar envolvidos na busca da saúde da população. Portanto, não se trata de um tratamento individual realizado por um trabalho no próprio corpo, considerando os indivíduos nos seus mínimos detalhes, como nas disciplinas. O mais importante agora é agir de forma que se obtenha estados globais de equilíbrio, de regularidade, de consideração dos processos biológicos do homem-espécie, assegurando sobre eles não mais uma disciplina, mas uma regulamentação (FOUCAULT, 2000d). No momento em que a leitora da Revista tem acesso a esse tipo de informação, ela percebe a importância dada à vida da população como um todo, sentindo-se integrante desse processo de cuidado à vida. Cabe lembrar que os mecanismos disciplinares se integram aos mecanismos da biopolítica. É na articulação da anatomopolítica dos corpos com a biopolítica das populações que teria se produzido esse poder e esse saber sobre a vida (MARTINS; JÚNIOR, 2009). Também considero importante destacar que, estando todos envolvidos na II Guerra Mundial, o discurso utilizado pela Revista aponta para uma linguagem que remete à guerra – especialmente quando aponta que há necessidade de organizar um verdadeiro

exército sanitário. Ao utilizar tal linguagem, a revista motiva as leitoras a sentirem-se integrantes da luta pela saúde da população, sendo elas próprias soldados nessa batalha.

Na coluna “*Observaciones de mamá Isidora*”, presente em todos os encartes, o título aponta a figura da mãe como detentora de saberes. Seus ensinamentos são autorizados a serem disseminados, conduzindo então as condutas de suas leitoras. Em uma delas, o texto aponta que, quando conselhos e reflexões não adiantam, o bom é recorrer às estatísticas para evidenciar o quão absurdo é o tipo de vida que uma grande parte da população leva. As estatísticas demonstram que 23,45% dos falecimentos em Buenos Aires ocorrem devido a enfermidades do coração. O motivo, segundo a coluna, é o estilo de vida das pessoas: “*demasiada agitación: escasez de las horas destinadas al sueño y al reposo; emociones violentas; abuso de las bebidas con alcohol; vida noctambola, inquietud permanente*” (OBSERVACIONES..., 1940, p. 31). Segundo Traversini e Bello (2009), a ideia da estatística como um saber necessário ao governo da população e dos indivíduos é uma invenção consolidada no século XVIII. Para assegurar a ordem, o Estado precisa organizar, hierarquizar e classificar os problemas urbanos que afetam a vida das cidades. Para isso, foi necessário que o Governo passasse a realizar medidas e interferências sobre a população, disciplinando o saber estatístico e o usando como ciência do Estado. A importância estratégica da estatística também consiste em saber para governar, pois a população torna-se objeto da ciência, passível de conhecimento: para conduzir e regular a população, não é suficiente produzir-lhe um saber; há necessidade também de produzir registros impressos que possibilitem transportar e dispor as informações coletadas (TRAVERSINI; BELLO, 2009).

O médico é recorrentemente citado nas páginas da Revista como alguém autorizado a falar sobre saúde. Segundo Foucault (2005f), até o final do século XVIII, os discursos da ciência médica sofreram lentas transformações e romperam com as proposições “verdadeiras” que haviam sido formuladas até então. Mas o rompimento mais significativo foi em relação às maneiras de falar e de ver juntamente com o conjunto de práticas que serviam de suporte à medicina. Não houve apenas novas descobertas, mas um novo regime nos discursos desse saber, com o médico passando a ser o detentor da verdade. Na revista, são divulgados assuntos sobre saúde, especialmente na coluna intitulada “*Consejo del medico*”, mostrando que as informações nela contidas são autorizadas pelo *expert* a transmitir saberes às leitoras. Em uma dessas matérias é enfatizado que, em todas as oficinas com grande número de empregados, o contágio de doenças transmissíveis se dá com maior facilidade. Segundo o texto, isso ocorre porque é difícil que, onde existe um aglomerado de pessoas, alguém não seja portador de enfermidade. Outro assunto abordado nessa coluna é a constipação em

crianças. O texto ensina que o uso de “*purgantes*” na primeira e segunda infâncias não é aconselhado, instruindo que as mães deem leite, chá, água. Ainda aconselha: “*No obstante lo dicho, conviene siempre consultar al médico, para que corrija la causa de la constipación*” (CONSEJO..., 1940, p. 37, grifos nossos). São diversos ensinamentos do *expert*, inúmeras “verdades” transmitidas às leitoras, subjetivando-as como sujeitos de tais discursos.

Em relação ao médico, Foucault (2005e) nos conta que, até meados do século XVIII, quem detinha o poder dentro do hospital era o pessoal religioso; cabia ao médico apenas atender aos casos mais graves. Somente a partir do momento em que o hospital é concebido como um instrumento de cura é que o médico passa a ser o principal responsável pela administração hospitalar. A figura do médico – mais sábio quanto maior for sua experiência dentro do hospital – é uma invenção do final do século XVIII. Ao relatar a história da medicina, Foucault nos mostra que tudo pode ser relativizado, até mesmo aquilo a que atribuímos um poder indiscutível, como os discursos médicos. Pelas reflexões acerca desse discurso, que tem mais de dois séculos de estabilidade e persuasão, observei que, em 1940, era o médico o principal *expert* que proclamava princípios acerca do corpo saudável. Em quase todos os encartes, havia a coluna intitulada “*Terminos Medicos*”, onde aparecia algum termo seguido de uma explicação. Geralmente eram nomes de doenças, e a explicação consistia em descrever a patologia e apresentar causas, tratamentos e prevenção das mesmas.

Histerismo – Estado morbo del cérebro, que aunque se observa principalmente em la mujer. [...] Las causas de esa dolencia son diversas, inclusive se cree en predisposición congênita, heredada. [...] La sintomatología es extensísima, llegando a los ataques. [...] Como em todos los estados psíquicos, lo más importante del tratamiento estriba en la tranquilidad. (HISTERISMO, 1940, p. 27).

Com o propósito de informar as leitoras acerca de determinadas enfermidades, ao associar essa coluna ao saber médico, fica evidente, que quando se trata de ensinar sobre saúde, quem tem potencial e autorização para fazê-lo é exclusivamente o médico. O médico é aquele a quem se dá a palavra, é quem deve ser ouvido. Observamos aí um movimento de disseminação do conhecimento sobre saúde e doença que caracteriza o final do século XX. Se hoje presenciarmos uma verdadeira cadeia discursiva sobre saúde na mídia em geral, podemos observar esse comportamento também nas páginas dessa Revista da década de 1940.

Na esteira desse pensamento, em outro encarte da Revista, uma reportagem intitulada “*Tiene usted Presión?*” (TIENE..., 1940) fala que, quando as pessoas chegam aos 50 anos de idade, devem se preocupar com a medição de sua pressão arterial. No entanto, o fato de essa medida poder ser feita facilmente em farmácias e demais estabelecimentos faz com que

muitas pessoas, ao verem os resultados alterados, administrem medicações sem consultar um médico. Além da grande explicação sobre os fatores que causam o aumento da pressão arterial, o texto enfatiza a importância da consulta a esse profissional: “*Lo racional en tal caso es [...] consultar al médico para establecer el origen de la anomalia y ordene el tratamiento*” (TIENE..., 1940, p. 69, grifos nossos).

Para reforçar positivamente a figura do médico, a Revista aponta o perigo de confiar em “*curandeiros*”. Em uma reportagem cujo título é “*Curas Milagrosas*” (CURAS..., 1940), o texto fala de pessoas que têm receio de procurar um médico pelo dinheiro que gastarão e que, por insensatez, procuram por curandeiros: “*la salud no se cura y el dinero se gasta lo mismo en mayor cantidad*” (CURAS..., 1940, p. 16). O discurso do curandeiro é um discurso passível de interdição, já que não é qualquer um que tem autoridade para falar sobre tal tema. O médico é quem deve ser ouvido, é a ele que é atribuído o direito privilegiado e exclusivo de falar sobre saúde (FOUCAULT, 2007). É nele que a leitora deve confiar e aprender seus ensinamentos. Conecto a essa ideia o trabalho de Silva (2010), que analisou os discursos do manual de Cuidados Paliativos. Nesse material, ela observou que a figura do curandeiro é utilizada como uma importante estratégia de governo. No entanto, ao mesmo tempo em que reconhece a atividade, o manual desqualifica tal saber, já que os curandeiros não compunham “oficialmente” a equipe de Cuidados Paliativos. Então, ao deixar o campo discursivo desse saber fora do discurso da ciência, são atribuídos a tal prática efeitos negativos. Observo que a Revista, além de desqualificar outras maneiras de lidar com as questões de saúde, apela para o discurso financeiro, mesmo em uma época onde tal discurso soava estranho às questões de saúde.

Sabemos que a prática médica tem o reconhecimento científico, que lhe confere credibilidade e autoridade para proferir verdades. Como os exemplos referidos são respaldados pelo médico, esses conhecimentos adotam o saber científico como embasamento para suas prescrições. A medicina moderna começa no final do século XVIII. Ela é uma medicina social que tem como apoio uma tecnologia do corpo social, o qual valoriza a relação médico–doente (FOUCAULT, 2005d). Trago a questão da história da medicina moderna, apoiada no discurso científico, para destacar que as explicações médicas sobre o ser humano também são socialmente construídas – e não naturais –, permitindo-nos assim traçar sua história, questionar seus esclarecimentos (OKSALA, 2011).

O discurso apoiado na ciência pode ser observado em diversos momentos na Revista – desde a divulgação de pesquisas até anúncios de cosméticos com fórmulas comprovadas cientificamente. Quando Foucault (2005b) fala sobre tais discursos, seu principal

questionamento é a respeito da ambição de poder que a pretensão de ser uma ciência traz consigo. No Ocidente, a partir da Idade Média, atribuiu-se determinados efeitos de poder à ciência e aos que formulam um discurso científico. Quando algo ou alguém se alia à ciência, outros saberes passam a ser desqualificados, e essa associação tenta separar-se das numerosas e descontínuas formas de saber circulantes. Existem inúmeros exemplos desses discursos na Revista que analiso, e citarei alguns para ilustrar essa questão. Em uma coluna intitulada “*La Cura de Uvas*” (LA CURA..., 1940), é explicado que os fortes calores do verão podem ser a causa de muitos problemas como indigestões e intoxicações. Como solução para esses males, a Revista utiliza a natureza, apoiando-se em um saber tradicional: “*Para ello la naturaleza ha elaborado un remedio tan eficaz como delicioso: las uvas*” (LA CURA..., 1940, p.61). Quem aconselha tal tratamento é a Academia de Ciências de Paris, aparecendo na Revista como *expert* associado à ciência, o que manifesta a pretensão de credibilidade que tal ensinamento impõe. Mesmo em um discurso tradicional, a ciência aparece para atestar a afirmação, aparentando ser um discurso acima de todos outros, inclusive do da natureza:

La Academia de Ciencias de París acaba de aconsejar, com su indiscutible autoridad, el empleo de las uvas para el tratamiento de diversas enfermedades: el artritismo, las congestiones del hígado, la gota, la litiasis biliar, la constipación y otras, ente ellas las afecciones cutâneas, que tanto preocupan a la mujer. (LA CURA..., 1940, p. 61, grifos nossos).

O discurso científico é considerado o detentor da verdade. Ao colocar seus saberes em circulação, ele nos sujeita a esses saberes de tal modo que dificilmente questionamos algo que se diz cientificamente comprovado. Porém, enfatizo que Foucault (2005b) acredita na libertação da sujeição aos saberes históricos. Ele entende essa atitude como a capacidade de oposição e de luta contra a coação de um discurso teórico unitário como o científico. Ao relativizar os saberes da hierarquização científica do conhecimento, assim como seus efeitos de poder, estamos em busca dessa liberdade proposta por Foucault. Se pensarmos que algumas das verdades apoiadas pela ciência em 1940 são bastante questionadas nos anos 2000, evidenciaremos que elas mudam, como mudam todos os discursos que circulam. Portanto, a ciência não é mais verdadeira que qualquer outro discurso circulante, ela simplesmente é mais um deles.

Ao folhear as páginas da Revista, podemos observar que os objetivos gerais relativos à boa saúde do corpo social vão sendo articulados com a necessidade de cuidado dos indivíduos. A boa saúde da família vai sendo mantida com um controle coletivo de higiene e uma ciência da cura, assegurada por médicos qualificados. O funcionamento da política de

saúde do século XIX foi marcado por diversos fatores, dentre eles as autoritárias intervenções do poder na ordem da higiene e das doenças e as ofertas de cuidados médicos. Na Revista não é diferente: ela coloca em circulação diversos discursos sobre a higiene. Anúncios e reportagens enfatizam a importância de tal prática, estabelecendo o comportamento higiênico como primordial para a obtenção de saúde. Em um anúncio sobre antisséptico, as palavras em destaque são: “*enfermedades graves...*” (LYSOFORM, 1940), mostrando a associação de seu produto à prevenção de doenças. O texto continua: “... *y a veces muy graves, pueden ser la triste consecuencia de la despreocupación con que algunas mujeres negligentes atienden su higiene personal*”. O texto nos mostra que não cuidar da própria higiene é uma atitude tida como negligente, é um descuido pessoal. Para ser considerada uma mulher saudável, é essencial estar atenta a essa situação. Ainda aconselha: “*Casada o soltera: Sea previsora. Una higiene íntima cuidadosa es capaz de prevenir enfermedades, moléstias y transtornos; por eso, desde hoy mismo, haga su higiene íntima todos los días [...] con Lysoform*” (LYSOFORM, 1940, p. 85). Em outro exemplo sobre a importância dada a higiene, cito uma coluna intitulada “*Lo que no debe prestarse*” (LO QUE NO DEBE..., 1940), em que o texto explica que algumas coisas são de uso estritamente pessoal, não devendo jamais ser usadas em comum:

[...] es frecuente, [...], que el padre limpie las narices de su hijo con su propio pañuelo o que la madre le ofrezca comida con su cuchara. La boca y la nariz más limpias contienen microbios nocivos para otros; y tales prácticas perjudican y mal educan. No preste ni acepte en préstamo jamás: un pañuelo, una servilleta, el vaso, el cubierto, la barra de rouge, el cisne, la almohada, la boquilla o la bombilla que estén en uso. Evitará muchas enfermedades en usted y en los demás. (LO QUE NO DEBE..., 1940, p. 85).

Pensando na associação entre a medicina e a higiene, cito uma coluna intitulada “*Decalogo del Doctor Decoret*” (DECALOGO..., 1940), na qual são proferidos dez ensinamentos acerca da saúde. As lições circulavam entre diversos tópicos: desde cuidados com a respiração até conselhos sobre sentimentos, mostrando o amplo campo de ação onde o médico atuava. O título mostra a palavra “*doctor*”, que autoriza o texto a assumir uma função pedagógica acerca de como viver de forma mais saudável. Podemos observar nos ensinamentos a noção de higiene atrelada ao discurso médico. Assim como também é nítida a associação de elementos externos ao corpo físico – como o cuidado com a casa – à ideia de saúde:

1. – **Higiene general.** – *Levántate temprano y ocúpate durante el día.*
2. – **Higiene respiratória.** – *El agua y el pan alimentan el cuerpo. El aire y el sol son indispensables para la salud.*
3. – **Higiene gastrointestinal.** – *La sobriedad y la frugalidad son el mejor elixir de la vida.*
4. – **Higiene de la piel.** – *La limpieza preserva de la carcoma; las máquinas más limpias son las de más duración.*
5. – **Higiene del sueño.** – *Bastante descanso repara y fortifica. Demasiado debilita.*
6. – **Higiene del vestido.** – *Vestirse bien consiste en conservar el cuerpo con la libertad de su movimiento y el calor necesario.*
7. – **Higiene de la habitación.** – *La casa limpia hace el hogar agradable.*
8. – **Higiene intelectual.** – *El espíritu reposa en las distracciones y entretenimientos, pero el abuso engendra la pasión, y la pasión el vicio.*
9. – **Higiene moral.** – *La alegría hace amar la vida y el amor a la vida es cincuenta por ciento de la salud. La tristeza y el abatimiento adelantan la vejez.*
10. – **Higiene profesional.** – *Vives con el producto de tu inteligencia? No dejes anquilosar tus brazos y piernas. Te ganas la vida con la labor de tus brazos? No olvides de cultivar tu inteligència. (DECALOGO..., 1940, p. 20, grifos do autor).*

O funcionamento da medicina como instância de controle social tem na higiene um importante aliado. Existem regras para vestir, morar, se alimentar; nada escapa. Todas as esferas da vida são alvos do controle destinado à população. Tal cenário compõe a medicalização da população, com a medicina penetrando em diferentes espaços da vida social. A higiene funciona como complementar à saúde da população e implica em determinadas intervenções autoritárias e medidas de controle. Ela incide, sobretudo, no espaço urbano, que aparece como um perigoso meio de proliferação de doenças para a população. A cidade surge como um objeto que se deve medicalizar. Os médicos deverão ensinar regras fundamentais de higiene aos indivíduos. A medicina assume um lugar cada vez mais importante nas estruturas administrativas; o médico penetra em diversas instâncias de poder. Constitui-se assim uma ascensão político-médica sobre a população nas suas formas gerais de existência e comportamento: alimentação, sexualidade, formas de vestir, moradia (FOUCAULT, 2005a).

Pensando nos cuidados com a cidade, uma reportagem aborda a importância do silêncio frente aos hospitais. O texto fala sobre a relação entre o repouso e a recuperação de enfermos. Além disso, ainda enfatiza que as pessoas sadias também necessitam descansar a fim de recuperar as energias dispensadas no trabalho durante o dia. Observo que a ordem é um importante elemento para a manutenção da saúde das grandes cidades, contribuindo para a medicalização delas: “*El silencio en una ciudad populosa y civilizada es tan indispensable como la higiene, la moralidad y el orden público*” (SILENCIO..., 1940, p. 16). Os ensinamentos acerca da saúde da população abrangem até mesmo a educação em relação ao trabalho e ao descanso. A mensagem que fica é a de que pessoas que trabalham durante o dia

são úteis, ao contrário daquelas que invertem a regra. É proveitoso que as pessoas trabalhem, sejam saudáveis, pois assim contribuirão economicamente com o Estado. Assim, vemos que a governamentalidade conduz e administra os problemas que atingem a população e os indivíduos, incitando as pessoas a serem trabalhadoras e úteis:

La inmensa mayoría de las personas son seres útiles y laboriosos que trabajan durante el día y descansan por la noche. Pero hay otros, un núcleo relativamente pequeño, que invierten el orden de las cosas y hacen de la noche día, paseándose a la madrugada y riendo y cantando por las calles ruidosamente sin que nadie los moleste ni reprima su demasias. (SILENCIO..., 1940, p. 16, grifos nossos).

A Revista dissemina diversos ensinamentos às suas leitoras, incluindo cuidados que devem ter dentro de suas casas, prescrevendo cuidados não apenas em relação aos sujeitos, mas mostrando-se preocupada também com o meio. Em um encarte, em uma coluna intitulada “*Mas salud cuanto mas aire*” (MAS SALUD..., 1940) é explicada a importância do ar puro para viver de forma saudável. O texto determina a quantidade de ar que deve circular em uma casa: “*Una habitación, para ser realmente higiénica, debe tener por lo menos 2 metros y medio de altura, con un volumen de aire equivalente a 13 metros cúbicos por persona*” (MAS SALUD..., 1940, p. 36). Em semelhante exemplo, uma coluna cujo título é “*Aire viciado*” (AIRE..., 1940) aponta que devemos renovar várias vezes ao dia o ar circulante nos interiores, abrindo portas e janelas para manter a saúde em dia: “*jamás debe permanecerse em um sitio completamente cerrado. Cumpliendo estas normas se evitarán muchas enfermedades graves, la tuberculosis entre ellas*”. O “*Centro de Investigaciones Tisiológicas*” assina tal ensinamento (AIRE..., 1940, p. 68). Também observei que, mesmo nos momentos em que a Revista não aborda assuntos relacionados à moradia, ela lança mão desse argumento em algumas situações. Em uma reportagem intitulada “*El sueño y la salud*” (EL SUEÑO..., 1940), é explicada a importância de dormir bem, evidenciando os malefícios que a insônia pode causar no organismo, que vão desde dores de cabeça até transtornos mais graves. Em meio às explicações sobre causas, consequências e tratamentos para os insones, a reportagem explica à leitora como deve ser a ventilação dos locais em que as pessoas dormem:

Nunca se insistirá demasiado en la necesidad de que las habitaciones donde se duerme sean bien ventiladas. Uno de los principales medios de purificación que tiene la sangre son los pulmones. Si hasta ellos no llega el aire puro, el estado de intoxicación del organismo se agrava y se produce una verdadera asfixia que impide conciliar el sueño. (EL SUEÑO..., 1940, p. 69).

O desenvolvimento da medicina social também está ligado ao surgimento da medicina urbana. Por meio da higiene, o Estado transformou a imagem da cidade inventando os

cuidados ao meio ambiente, atravessando a cidade com o discurso médico. Juntamente com a higiene pública, os objetivos dessa prática se articulavam a saberes emergentes, que atribuíam a determinados aspectos do meio, às condições de vida da população e aos seus hábitos a causa e a propagação de diversas enfermidades (MARTINS; JÚNIOR, 2009). Surge então a noção de salubridade, que remete aos elementos que constituem o meio ambiente e podem afetar a saúde da população. Tais elementos são tidos como um embasamento capaz de assegurar uma melhor saúde aos indivíduos. É relacionando-se a esse conceito que a higiene pública se constitui como técnica de controle dos elementos do meio, favorecendo ou prejudicando a saúde das pessoas (FOUCAULT, 2005d). Depois de ter mencionado apontamentos sobre o caráter e as conexões da medicina, podemos entender como um saber composto pela medicina e pela higiene viria a ter uma importância considerável. O vínculo entre as influências científicas e os processos biológicos e orgânicos – população e corpo –, e, concomitantemente, os próprios efeitos de poder, tornam-se uma técnica política de intervenção: “A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores” (FOUCAULT, 2000d, p. 302).

Para Foucault (2000d), um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi a estatização do biológico, entendida como uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo. Como já foi explicado, enquanto nos séculos XVII e XVIII as técnicas de poder eram centradas no corpo individual, na segunda metade do século XVIII essas técnicas passaram a enfatizar a multiplicidade dos corpos. Tal tecnologia foi denominada pelo autor como uma biopolítica, que faz parte da tecnologia do biopoder. Trago novamente esse conceito porque acredito que a medicalização da população faz parte dos objetos de saber dessa biopolítica. Como a biopolítica lida com a população como um problema político, biológico, como um problema de poder, a medicalização e seus artifícios compõem essa tecnologia de poder preocupada em “fazer viver”. Trata-se de uma política da natalidade, com esquemas de intervenção em tal fenômeno, assim como no problema da morbidade. Há uma preocupação com aquilo que pode ser chamado de endemia – a forma, natureza, duração, intensidade das doenças que existem em uma população. Tais doenças são encaradas como fatores que diminuem as forças, reduzem o tempo de trabalho, sendo então um fenômeno que diz respeito à população e a sua força.

Com a intervenção da medicina sobre o social e com a tarefa política assumida pelo médico, a sociedade se inseriu na racionalidade médica. Os indivíduos aprenderam que existem comportamentos que previnem doenças (GUIMARÃES; SOBREIRA; EWALD,

2004). Bauman (2001) diz que o cuidado com a saúde se tornou uma guerra permanente contra a doença. A ideia de doença tende a ser vista como uma permanente companhia da saúde, como se ela fosse seu oposto, que a ameaça constantemente e que, portanto, deve ser cuidada permanentemente. Ao explicar determinadas doenças, a Revista contribui com o processo de medicalização da sociedade, doutrinando as leitoras para raciocinarem de acordo com a lógica da medicina e disseminarem essa lógica entre seus familiares. Na coluna intitulada “*Terminos medicos*”, o esclarecimento de algumas enfermidades ilustra tal intenção. Em um dos encartes, a explicação sobre icterícia ensina do que ela se trata: “*Estanciamiento de la bÍlis em el hÍgado, en muchos casos a consecuencia de otras enfermedades*” (ICTERICIA, 1940). Além dessa explicação, citações aos problemas no fígado são mencionadas constantemente na revista, com anúncios prometendo melhorar o funcionamento do órgão. A revista explica e logo oferece soluções para os problemas levantados. Em uma dessas propagandas, a frase que inicia o texto ilustra essa ideia: “*Despierte la bÍlis de su hÍgado!*” (DESPIERTE..., 1940). As explicações sobre o funcionamento do órgão e da medicação ganham mais destaque que o próprio nome do produto, deixando clara a intenção de ensino adotada pela revista:

El hÍgado debe volcar en los intestinos cada dia suficiente bÍlis para que la digestión tenga lugar. De lo contrario los alimentos fermentan en el estÓmago. Su organismo todo se envenena y vd. se siente amargado, deprimido [...] Los laxantes no dan sino un alivio temporÁrio, puesto que no anulan la causa del mal. Se necesitan estas excelentes Pildoritas Carter para el hÍgado, para que la bÍlis fluya libremente y Vd. se sinta ‘un coloso’, capaz de vencer al mundo. (DESPIERTE..., 1940, p. 70).

Podemos observar a preocupação da revista em ensinar suas leitoras sobre doenças, mostrando causas, tratamentos e atitudes preventivas. As doenças devem ser prevenidas, porque quanto menos as pessoas adoecerem, mais saudáveis, eficientes e produtivas elas serão. Em uma coluna cujo título é “*Propensos a los resfrios*” (PROPENSOS..., 1940), o texto alerta sobre o perigo de quem se resfria com frequência, o que poderia estar associado a algum erro higiênico ou a alguma enfermidade. Ainda aborda a importância de procurar o médico: “*Quien se resfrie com facilidad debe acudir a su médico y rogarle le efectúe un examen clínico y radiológico completo. Se evitarán así muchÍsimos inconvenientes y se afirmará el estado de su salud*” (PROPENSOS..., 1940, p. 89). Em uma reportagem intitulada “*Cuidado con la Tifoidea!*” (CUIDADO..., 1940), o texto destaca a gravidade de tal enfermidade. Fala sobre as causas, a época mais frequente e explica suas características.

Enfatiza que o médico deve ser procurado frente ao início dos sintomas e se preocupa em mostrar como pode ser prevenida essa doença:

[...] Pero más conveniente aún es evitar en lo posible el contagio, cosa que no es difícil si se toman algunas precauciones. Es prudente, pues, hervir cuidadosamente la leche antes de tomarla, abstenerse de beber agua que no haya sido previamente filtrada [...]. Em cuanto a las verduras crudas (ensaladas) nunca es demasiado escrupuloso su lavado [...] En cuanto a las personas que tienen en su casa enfermos de tifoidea, deben extremar la higiene hirviendo y desinfectando todo aquello que este en contacto directo con el enfermo. (CUIDADO..., 1940, p. 69).

Em relação às enfermidades que ameaçam a saúde da população, observo que a tuberculose é uma doença comumente citada nas páginas da revista. Existe uma constante preocupação com tal enfermidade, tanto por parte dos profissionais como por parte das leitoras. Em diversos momentos, são dadas explicações sobre a doença, exames que devem ser realizados para seu diagnóstico, tratamentos e atitudes de prevenção. Com as mulheres bem informadas acerca do tema, elas se tornam aptas a identificar sintomas da doença e assim podem auxiliar na prevenção e na condução de seus familiares a tratamentos adequados. Como exemplo, cito uma coluna que exerce a função de ensinar as mulheres algumas maneiras de lidar com tal problema. O título “*Afirmacion*” (AFIRMACION, 1940) ilustra os ensinamentos considerados inquestionáveis pela revista no que concerne a atitudes que facilitam a cura da doença, diminuindo a mortalidade dos enfermos, fazendo com que vivam mais. A valorização da medicina também compõe os mandamentos do texto:

La tuberculosis es una enfermedad curable. La medicina moderna cuenta con valiosos recursos para ello. Pero su eficacia reside en que sean aplicados a tiempo, es decir cuando la enfermedad no há adquirido todavía extensión y gravedad. No espere a que se anuncie [...] Una radiografía cada seis meses puede evitarle a usted años de enfermedad. (AFIRMACION, 1940, p. 31).

Em outro encarte, uma coluna cujo título é “*Las Pruebas Tuberculinicas*” (LAS PRUEBAS..., 1940) menciona o hábito dos médicos pedirem tal exame às crianças, o que causa medo nos pais pela suspeita de se tratar de tuberculose. No entanto, a Revista ensina que essa apreensão não tem fundamento, visto que tal exame facilita o conhecimento do organismo e o controle da saúde da criança (LAS PRUEBAS..., 1940, p. 25). Em semelhante exemplo, outra coluna, “*Temores Infundados*” (TEMORES..., 1940), aborda o assunto, explicando que o fato de o médico solicitar uma radiografia não é motivo de pânico, que tal pedido não significa que o médico suspeite de tuberculose, pois a radiografia é útil para conhecer o funcionamento do aparelho respiratório, facilitando a manutenção do bem-estar geral (TEMORES..., 1940, p. 37). Mais uma vez, percebo que a mensagem de que é preciso

consultar o médico é recorrente nas páginas da Revista, ensinando as leitoras que a saúde delas e de sua família deve ser confiada ao médico. Fica evidente que, quanto mais os médicos conhecerem o organismo de seus pacientes, mais fácil será manter a saúde. A Revista incita as leitoras a confiarem seu corpo a esse profissional, permitindo sua observação detalhada. Podemos observar novamente o uso do *expert* – no caso, o médico. Esse artifício reforça os discursos da Revista e ajuda a convencer a leitora sobre a verdade contida em seus discursos. Existem alguns procedimentos que têm como função fazer dos discursos um conjunto de enunciados dizíveis, possíveis de serem postos em circulação. Exclusividade do sujeito que fala: esse é um dos elementos que compõe a interdição, um dos procedimentos de exclusão que ligam o discurso ao poder, advertindo que o discurso não é simplesmente uma tradução dos sistemas de dominação: é ele o próprio poder que tanto desejamos ter (FOUCAULT, 2007).

Como a principal característica da biopolítica é o enfoque destinado à população, com o poder contínuo e científico de fazer viver, Foucault (2000d) relaciona essa manifestação de poder à desqualificação progressiva da morte. A morte passa a ser aquilo que se esconde, é tida como algo vergonhoso. Ela está do lado de fora em relação ao poder; é o que escapa ao seu domínio. O poder passa a dominar a mortalidade, não a morte. Acredito que a medicalização da população compartilha essa característica da biopolítica. Pensando no meu objeto de estudo como um difusor das táticas em direção ao imperativo da saúde, observo que a morte é um discurso que não existe nas páginas da Revista. A morte, tida então como algo extremamente privado, não é um assunto que deva ser compartilhado entre as leitoras. A regra é viver, com atitudes que nos deixem cada vez mais saudáveis.

Foucault (2010) cita o biopoder como elemento essencial ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido mediante o controle dos corpos no aparelho de produção e pela adequação dos fenômenos da população aos processos econômicos. A biopolítica – como técnica de poder presente em todos os níveis da esfera social – age também no nível desses processos econômicos. Pensando que as práticas de consumo estão inseridas nas dinâmicas socioculturais e econômicas que a cercam, observo que a cultura do consumo se apropriou também da noção de saúde.

Em uma sociedade onde a saúde é o padrão que seus membros devem ter, as pessoas passam a querer mais que isso, ilustrando o que Bauman (2001) tratou como aptidão. Para ele, se a saúde diz respeito às normas, a aptidão quer quebrar essas normas para superar os padrões. Na busca pela superação, o cuidado com a saúde torna-se semelhante à busca pela aptidão. Acredito que a relação entre a saúde e o consumo de medicamentos ilustra essa

semelhança. Essa situação contribuiu para que os medicamentos deixassem de ser apenas instrumentos curativos para se tornarem mercadorias que ajudam a promover o bem-estar individual (GUIMARÃES; SOBREIRA; EWALD, 2004). No anúncio de um laxante, o texto diz: “*El bienestar físico, la voluntad, la energía y la alegría dependen, en gran parte, de la perfecta regularización intestinal*” (MAGNESIA..., 1940, p. 28), associando a ação do produto a uma sensação de bem-estar. Em outro anúncio, a frase de destaque é “*las hemorroides hacen la vida miserable*” (UNGUENTO..., 1940), enfatizando o quanto é difícil para alguém viver com tal enfermidade. A solução está na medicação anunciada: “*Cuando no puede pararse o sentarse o andar con comodidad; cuando las hemorroides sangren, den comezón y casi lo estén volviendo loco, pruebe PAZO – el unguento que há producido alivio completo a infinidad de mártires.*” (UNGUENTO... 1940, p. 71).

Falando na história das propagandas de medicamentos, Bueno (2008) conta que os anúncios já chegaram a afirmar que os remédios teriam o poder de impedir divórcios e até mesmo suicídios. Além disso, incitavam o uso de calmantes, relacionando-os a figuras de divas da beleza. Na década de 1940, a propaganda revelava que, por trás daquele rosto lindo e sereno da atriz, encontrava-se o efeito de tranquilizantes. Em meados do século XX, tais anúncios ganharam muita força, pois os meios de comunicação de massa fizeram com que as mensagens do mercado publicitário causassem impactos avassaladores. Kelner (2001) diz que a mídia coloca em circulação imagens com as quais o público possa se identificar. Nossa identidade vem sendo cada vez mais mediada pelas imagens da mídia, que fornecem modelos para a identidade pessoal. Portanto, temos nossa identidade construída, já que ela é uma questão de escolha, estilo e comportamento. Como exemplo dessa construção, cito um anúncio da década de 30: uma marca de cigarro associou em sua campanha publicitária o tabagismo e o emagrecimento: “pegue um Lucky, em vez de pegar uma bala!” (LUCKY STRIKE, 1930, apud KELLNER, 2001, p. 322). Além disso, a palavra “*light*” na embalagem do produto tenta associar seu uso com a saúde e o bem-estar. Kellner (2001) também conta que a imagem de uma mulher sorrindo ilustrava tal anúncio, vinculando o produto à felicidade e satisfação pessoal.

Na esteira do pensamento que relaciona o consumo de substâncias à promoção da saúde e do bem-estar, podemos encontrar na revista anúncios de medicamentos que prometem promover a calma em quem os consome: “*Es el calmante nervino que restablece la tranquilidad perdida, pues da alegría al corazón y confianza al espíritu*” (BROMURAL, 1940b, p. 27). Em outro anúncio da mesma medicação, a frase em destaque é: “*contra tristeza, irritación y mal humor*” (BROMURAL, 1940c, p. 31). Outra referência ao produto

menciona a timidez como algo ridículo ao homem, indicando a medicação para curar tal característica: *“La timidez y la nervosidad le hacen ridículo al hombre. Para curarle, hay un remedio infalible: BROMURAL”* (BROMURAL, 1940a, p. 33). A divulgação de tantos produtos destinados à obtenção de um corpo saudável, agora também calmo e feliz, passa a incentivar cada vez mais o anseio pela saúde perfeita. A propaganda molda a sociedade de acordo com seus interesses, contribuindo para a discriminação da medicalização em termos de uso de remédios (GUIMARÃES; SOBREIRA; EWALD, 2004).

A partir da década de 1940, as propagandas de medicamentos anunciaram seus efeitos vinculados à comprovação científica, devido ao aperfeiçoamento tecnológico da indústria farmacêutica que passa a se apoiar no discurso científico (GUIMARÃES; SOBREIRA; EWALD, 2004). Percebo diversos exemplos de anúncios vinculados ao discurso científico nas páginas da Revista. Em um anúncio sobre modeladores corporais, o texto indica o produto para meninas e adolescentes que têm o mau hábito de andar “encurvadas”. Para o convencimento de sua eficácia, o produto se une à ciência: *“El ‘JUVENIL’ es, no obstante, su hermosa apariencia, una prenda de acción eminentemente científica, pues endereza al busto y la espalda sin opresión ni molestia”* (JUVENIL, 1940, p. 88). Em outro encarte, um tônico promete ajudar a repor as energias perdidas e fortificar o organismo com uma fórmula comprovada cientificamente: *“El tónico Bayer contiene vitaminas y combina científicamente en su fórmula moderna y completa principios activos de gran poder tónico”* (TÓNICO..., 1940, p. 17). Em outro anúncio sobre fortificantes, a *“Emulsión de Scott”* cita que é uma preparação agradável que fortifica rapidamente. Para embasar sua afirmação, ela aponta: *“Aprobada por 4 generaciones. Comprobada por la Ciencia”* (EMULSIÓN..., 1940, p. 79). É o discurso da medicação associado à ciência e à tradição, enfatizando assim seus benefícios e então convencendo suas leitoras de sua eficácia.

Em uma sociedade como a que vivemos, a ideia da saúde associada ao consumo estimula a busca incessante a uma vida saudável. As práticas disseminadas pela Revista, que compõem os diversos mandamentos acerca da saúde, contemplam diferentes setores da vida social. Quando as leitoras correspondem a essas doutrinas, entram na ordem do discurso da saúde. Isso faz com que se tornem pessoas saudáveis, aptas a casar, felizes e com uma vida repleta de prazer.

6 COMO NOS TORNAMOS O QUE SOMOS

O homem de que nos falam e que nos convidam a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma “alma” o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo. (FOUCAULT, 2009, p. 32).

Foucault (2009) pensava na alma como algo produzido no interior, na superfície e ao redor do corpo, por meio do funcionamento de um poder que se exerce aos que são punidos, vigiados, controlados. Uma alma que funciona como uma engrenagem onde as relações de poder dão lugar a um saber possível e esse saber reforça os efeitos de tal poder. Início minhas considerações finais com esse pensamento porque acredito que somos levados a pensar de determinada maneira, através de diferentes táticas. Penso que os ensinamentos da Revista compõem tais táticas, e o que aprendemos sobre saúde é resultado das tecnologias de poder sobre o corpo, sendo que as tecnologias de poder sobre a alma fazem parte de seus instrumentos.

Após analisar os ensinamentos de saúde na *Revista Para Ti*, observo que as técnicas utilizadas pela Revista para fazer de suas leitoras mulheres saudáveis e responsáveis pela saúde de seus familiares fazem parte do que Foucault tratou como processos de subjetivação. Rose (2001) propôs em seus estudos uma análise da subjetivação que explica como viemos a nos tornar o que somos. Nas práticas da medicina e da saúde, dentre outras, os seres humanos são interpelados como se possuíssem uma subjetividade individualizada e são motivados pela busca da autorrealização. Para o autor, a subjetivação compõe os efeitos de forças, práticas e relações que operam para tornar os seres humanos sujeitos de certo tipo – que acreditam ser responsáveis por suas próprias práticas. Sendo assim, os ensinamentos de saúde são direcionados ao estímulo de atitudes que cada um deve ter em benefício de sua própria saúde, responsabilizando-se pelo cuidado com seu corpo, mantendo-o saudável de acordo com os cuidados prescritos. No caso das mulheres, em 1940, a incitação se dava em torno da adoção de comportamentos saudáveis em relação a si mesmas e com sua família. Manter a saúde do lar era o mote da mulher.

A mídia é uma das instâncias que tomam para si a responsabilidade de educar a população. Por isso trago o conceito de dispositivo pedagógico da mídia, no qual Fischer (1997) relaciona os meios de comunicação com a produção de sujeitos sociais. Observo que a *Revista Para Ti* dissemina maneiras de ser mulher. Tais maneiras englobariam questões

acerca de comportamentos, atitudes e a conquista de determinada aparência tida como correta, que contempla a saúde e a beleza. O estímulo ao casamento, à procriação, à amamentação, ao cuidado com as crianças e com a família é constantemente mencionado nas páginas da Revista. Entre bordados, receitas, moldes de roupas e fotonovelas, a mensagem da mulher cuidadora de seu lar era difundida entre as leitoras. A Revista também ensina sobre ventilação, estilos de vida, cuidados com suas casas, seu sono, com a cidade em que vivem. Propondo subjetivar as mulheres, ela ensina coisas que serão progressivamente disseminadas nos lares, promovendo determinados modos de controle da população. Ao conduzir suas condutas em diferentes esferas da vida, a revista vai governando as mulheres e suas famílias, tendo como objetivo o governo da população, onde todos e todas aprenderão a ser saudáveis.

Ao comentar sobre a implantação do médico no interior da família, Donzelot (1986) salienta a aliança entre o profissional e a mãe. Tal aliança permitiu uma espécie de reconhecimento da mulher como educadora auxiliar médica. Isso esboça a importância dada à saúde e a sua difusão entre a população. Pensando sobre a súbita autoridade que a medicina ganha no século XVIII, Foucault (2005a) a relaciona à emergência do cuidado com a saúde da população. A incitação ao casamento, a natalidade e a medição das taxas de mortalidade são alguns elementos pertinentes dos traços biológicos da população, auxiliando na gestão econômica para aumentar constantemente a utilidade dessa população. A partir disso, o privilégio da infância e a medicalização da família passam a compor as características da nosopolítica da época. Percebo, nas páginas da Revista, que a família deixa de ser apenas um sistema de parentesco: o importante é o cultivo de um meio físico permanente, contínuo, que favoreça o corpo da criança. Nas melhores condições possíveis, é preciso fabricar um ser humano disciplinado.

Ao olharmos para o passado, podemos entender as relações que mantemos com a imagem de um corpo saudável hoje, conectando-o ao médico, à magreza, à beleza, a uma alimentação balanceada, à prática de exercícios, à normalidade, ao consumo de medicamentos, à distância da morte. Folheando as páginas da Revista, observo que, em 1940, já existiam tais relações. Dentre elas, a presença constante de um “imperativo da beleza” permeava os discursos da Revista, com dicas destinadas às leitoras para que possuíssem o ideal de beleza disseminado. Prática de exercícios físicos e alimentação balanceada compõem os ensinamentos que pretendem disseminar a ideia de que o corpo belo e saudável é o corpo magro. Andrade (2002) comenta que, no século XX, a representação da gordura sofreu uma inversão em relação aos séculos anteriores, em que era associada à beleza e à saúde. A magreza se torna o novo ideal de beleza, e a gordura passa a ser vinculada à falta de controle

sobre o corpo. Pensando nas modificações dos padrões de beleza, trago a ideia de Sant'Anna (1995a), que se refere ao corpo como uma realidade multifacetada, um objeto heterogêneo e histórico. Justamente devido a esse caráter histórico, o corpo é constantemente (re)fabricado ao longo do tempo, pertencente mais à história do que à natureza. Ele pode ser pensado como um resultado provisório das relações na sociedade, sendo ele próprio um processo.

Ao tratar da história do sujeito moderno, Foucault não deixou de fazer uma história política do corpo. O autor comenta que o corpo está inserido em um campo político, já que é alvo de relações de poder, que dirigem suas condutas. O saber sobre o corpo não corresponde necessariamente à ciência de seu funcionamento, e o controle sobre suas forças vai além da capacidade de conter essas forças. Foucault tratou esse saber e essa força como uma “tecnologia política do corpo”. Tal tecnologia não pode ser localizada em uma instituição específica ou no Estado; ela se encontra em um nível totalmente diferente, como uma microfísica do poder. Nela, o poder se exerce não como uma propriedade, mas como uma estratégia; com técnicas e táticas que atribuem seus efeitos de dominação. Suas relações se dão dentro da sociedade (FOUCAULT, 2009). Tomo a *Revista Para Ti* como elemento dessa estratégia, integrante no processo de disseminação da saúde na população. A partir do que é ensinado às mulheres, atitudes de vida consideradas saudáveis vão sendo difundidas em cada lar, ocasionando uma progressiva disseminação das prescrições de saúde.

Para Foucault, o corpo é tido como moldável e transformável por técnicas disciplinares e de biopolítica. Enquanto a biopolítica pensa na regulação da população, a disciplina trata do corpo, torna-o mais eficiente, mostrando o que pode e o que não pode ser feito, produzindo algum tipo de exercício sobre esse corpo. Percebo que os discursos da Revista fazem uso da disciplina para moldar as atitudes de suas leitoras, difundindo um “imperativo da saúde”, já que estabelece procedimentos de adestramento progressivo e controle permanente. A partir de tais processos, o poder disciplinar estabelece a definição entre os que são considerados normais e anormais. A normalização disciplinar primeiro estabelece um modelo considerado ótimo, construído em função de certo resultado, para então tornar as pessoas, os gestos e os atos conformes a esse modelo (FOUCAULT, 2008, 2010). Bauman (2001) relaciona a saúde com os diversos conceitos normativos da sociedade. Ser saudável é uma condição que oscila entre os limites da norma e da anormalidade. A saúde é o estado desejável do corpo, é a condição corporal e psíquica que corresponde ao padrão, à normalidade. Como Fischer (1997), acredito que a Revista não apenas veicula o discurso que ensina o padrão saudável, como também constrói esses discursos, ao selecionar reportagens, anúncios, imagens que serão divulgados. Com um material destinado à extensa circulação,

seus discursos atingiam boa parte da população, fazendo com que fosse disseminada a imagem das pessoas consideradas saudáveis e normais.

Ao difundir ensinamentos em torno do que chamei de “imperativo da saúde”, encontro na Revista um investimento sobre a ideia de higiene, já que ela aborda hábitos considerados desejáveis quanto aos cuidados com o corpo individual, a casa, a cidade. Dentre tais abordagens, o médico aparece como aquele que deverá ensinar regras de higiene que servirão para beneficiar a saúde dos indivíduos. O privilégio da higiene e o funcionamento da medicina também compõem as características da nosopolítica. Um regime de saúde das populações que implica em intervenções autoritárias e medidas de controle marca a política de saúde que se delineava no século XVIII. Higiene no lar, cuidados com a alimentação, orientação de procedimentos em caso de doença – uma série de prescrições que dizem respeito às formas gerais da existência e do comportamento: “o médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o ‘corpo’ social e mantê-lo em um permanente estado de saúde” (FOUCAULT, 2005a, p. 112). É justamente essa ideia que a Revista transmite. Constantes abordagens acerca de hábitos de higiene, onipresença do discurso médico nos ensinamentos de saúde. A *Para Ti* participa do discurso que insere o médico em diferentes instâncias sociais: ela também promove a medicalização da sociedade. Nos discursos de saúde da Revista, é o médico quem deve estar presente, é ele o responsável pela melhoria da saúde da população.

Ao falar de uma microfísica do poder, Foucault (2009) salienta que todo acontecimento é inscrito na história através dos efeitos induzidos por essa microfísica. Sei que o olhar que lancei sobre os ensinamentos de saúde da *Revista Para Ti* não pode ser dissociado desses efeitos, já que não existe um sujeito de conhecimento livre em relação a esse poder. Tudo o que li na Revista, que analisei e que escrevi em minha dissertação são frutos desses “micropoderes”: “[...] é preciso considerar [...] que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas” (FOUCAULT, 2009, p. 30). No entanto, acredito que, quando nos permitimos pensar nesses mandamentos como intrincados nessa microfísica do poder, quando problematizamos tais ensinamentos a partir desse olhar, podemos pensar de diferentes formas e exercer novas maneiras de pensar sobre a saúde.

Ao propor escrever a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, não pretendi definir conceitos, fazer novas prescrições ou apontar uma época como melhor ou pior do que outra, mas observar como as coisas emergem, a maneira como funcionam, pensando na

possibilidade de que poderiam acontecer de maneira diferente. Quando busquei os modos como aprendemos a ser saudáveis, não tive a intenção de colocá-los em xeque, questionando sua veracidade. Ao olhar para o passado, procurei entender como viemos a pensar na saúde da maneira como pensamos. Não me compete panfletar a favor de determinadas causas, defendendo ou acusando as atitudes que tomamos em busca da saúde; se assim o fizesse, estaria dando respostas prévias, esquecendo que escrevemos para aprender, para buscar algum sentido. Procurei manter uma postura atenta em relação ao que é dado como natural, às verdades inquestionáveis e poderosas que tomam conta de todos nós. O que é escrever dentro de uma perspectiva pós-estruturalista senão lançar perguntas e mais perguntas acerca das ideias herdadas? Estranhar o que é dado como normal, questionar o que é dado como inquestionável. Pode parecer simples, mas penso que é mais desafiador do que seguir determinadas prescrições dadas como verdadeiras e acabadas.

REFERÊNCIAS

AFIRMACION. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.927, p.31, fev. 1940.

AIRE viciado. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.922, p.68, jan. 1940.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Nos destinos da fronteira: a invenção do nordeste. **Revista de Ciências Sociais e Econômica**, Campina Grande, v.12, p. 139-146, 1996. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/nos_destinos_da_fronteira.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2012.

_____. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO Vera; BRANCO Guilherme Castelo (Org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000. p.117-137.

_____. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. **Anos 90**, Porto Alegre, v.11, n.19/20, p.79-100, jan./dez. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6352/3803>>. Acesso em: 12 jan.2012.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Uma boa forma de ser feliz**: representações de corpo feminino na boa forma. 2002. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1623/000353790.pdf?sequence>>. Acesso em: 28 jul. 2011.

_____. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar Esterman; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p.106-120.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BIOFORINA Líquida de Ruxell. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 936, p.89, abr. 1940a.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 941, p.88, mai.1940b.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 945, p.84, jun.1940c.

BROMURAL. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 931, p.33, mar.1940a.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 936, p.27, abr.1940b.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 938, p.31, abr.1940c.

BUENO, Eduardo. Vendendo saúde: a história da propaganda de medicamentos no Brasil. In: **Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/vendendo_saude.pdf>. Acesso em: 8 fev 2012.

CANDIOTTO, Cesar. Governo e direção de consciência em Foucault. **Natureza Humana**, São Paulo, v.10, n.2, p. 1-15, dez.2008.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

CONSEJO del medico. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 934, p.37, abr. 1940.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: _____. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, Literatura, cinema....** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000, p.13–36.

_____. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: _____. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.143-156.

_____. SILVA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.23, p.36-61, mai.- ago. 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.81-120.

CREMA DE ORIENTE Vindobona. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 934, p. 30, abr. 1940.

CREMA DENTIFRICA Colgate. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 942, p. 13, mai. 1940.

CREMA Sanacutis. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 934, p.36, abr. 1940.

CUADRITOS de la ciudad. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.926, p.17, fev. 1940.

CUANDO estamos enfermos. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 934, p.36, abr. 1940.

CUIDADO con la Tifoidea!. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 927, p.69, fev.1940.

CUIDE de su salud. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 935, p.16, abr.1940.

CURAS milagrosas. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.931, p.16, mar. 1940.

CUTIS lustroso. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 937, p.66, abr.1940.

DECALOGO del Doctor Decoret. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.928, p.20, fev. 1940.

DESPIERTE la bÍlis de su higado. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 921, p.70, jan.1940.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das FamÍlias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

EJERCICIOS para afinar la silueta. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 944, p.66, jun.1940.

EL EJÉRCITO sanitario. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.940, p16, mai. 1940.

EL SUEÑO y la salud. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 940, p.69, mai.1940.

EMULSIÓN de Scott. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 940, p.79, mai.1940.

FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____.; DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Representações de corpo adolescente feminino na Revista Capricho: saúde, beleza e moda**. 2002. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2856/000377260.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 jul.2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1. jan/jun.2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 04 maio 2011.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forem Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de Epistemologia. In: MOTTA, Manuel Barros (Org.). **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000^a. p. 82-118.

_____. Sobre as maneiras de escrever a história. In: MOTTA, Manuel Barros (Org.). **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b. p. 62-77.

_____. Nietzsche, a Genealogia, a História. In: MOTTA, Manuel Barros (Org.). **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000c, p. 260-281.

_____. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes: 2000d.

_____. **A Palavra Nua de Foucault**. Entrevista inédita de Michel Foucault ao Le Monde, após a publicação de *As Palavras e as Coisas*, em 1966. 2004a. Disponível em:

<<http://www.oestrangeiro.net/michel-foucault/61-a-palavra-nua-de-foucault>>. Acesso em: 02 set. 2011.

_____. A ética do cuidado de si como práticas de liberdade. In: _____. **Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p 264 – 287.

_____. A Política da Saúde no Século XVIII. In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005a, p.107-114.

_____. Genealogia e Poder. In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005b. p.94-99.

_____. Não ao sexo rei. In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005c. p. 126-136.

_____. O nascimento da medicina social. In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005d. p.46-56.

_____. O Nascimento do Hospital. In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005e. p.57-64.

_____. Poder-Corpo. In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005f. p.81-85.

_____. Verdade e Poder. In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005g. p. 4-11.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2010.

FRESCURA y belleza, **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 935, p.17, abr. 1940.

FROW, John; MORRIS, Meaghan. Estudos Culturais. In: DENZIN, Normank. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.315-344.

GUIMARÃES, Aurea Domingues; SOBREIRA, Carolina Bragança; EWALD, Ariane. **Propaganda de medicamentos: a medicalização da sociedade através do consumo**, Pernambuco, Encipecom. 2004. Disponível em: < http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Propaganda_de_medicamentos:_a_medicaliza%C3%A7%C3%A3o_da_sociedade_atrav%C3%A9s_do_consumo >. Acesso em: 20 fev.2012.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HISTERISMO. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.926, p.27, fev. 1940.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ICTERICIA. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 928, p.27, fev. 1940.

INFORMACIONES femeninas. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 923, p.90, jan.1940a.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 934, p.90, abr.1940b.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 936, p.94, abr. 1940c.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 938, p.90, abr.1940d.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.942, p.90, mai. 1940e.

JUVENIL. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 938, p.88, abr.1940.

KELLNER, Douglas. Televisão, propaganda e construção da identidade pós-moderna. In: _____. **A Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001. p. 295-334.

KRUSE, Felipe Luce. **A propaganda moldando o corpo da mulher: uma análise da revista Para Ti na década de 40**. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

KRUSE, Maria Henriqueta Luce. **Os poderes dos corpos frios: das coisas que ensinam às enfermeiras**. Brasília: Aben, 2004.

LA BUENA esposa. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 924, p. 63, jan. 1940.

LA CURA de uvas. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.922, p.61, abr. 1940.

LA ESBELTEZ requiere um regimen, **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 934, p.66, abr.1940.

LA MEJOR profesión. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.934, p.25, abr.1940.

LA MUJER duerme demasiado. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 923, p.36, jan. 1940.

LA OBESIDAD y la mesa. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.933, p.71, mar. 1940.

LARROSA, Jorge. Agamenon e seu porquero. In: _____. **Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas**. Rio de Janeiro: Contra-Bando, 1998. p.187-207.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, 2002.

LAS PRUEBAS tuberculínicas. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.933, p.25, mar. 1940.

LASTA, Leticia Lorenzoni. **Entre leis e decretos sobre inclusão: a produção de sujeitos**. 2009. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Cruz do

Sul, Santa Cruz do Sul. 2009. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=165642>. Acesso em: 20 mar. 2012.

LATOUR, Bruno. **A Esperança de Pandora**: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/51555048/Bruno-Latour-A-Esperanca-de-Pandora>>. Acesso em: 20 ago 2010.

LO QUE ABARCA la guerra. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.925, p.16, jan.1940.

LO QUE NO DEBE prestarse. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 945, p.85, jul.1940.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

LYSOFORM. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 939, p.85, mai.1940.

MADRES que fumam. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 934, p.61, abr. 1940.

MAGNESIA erba. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 942, p.28, mai.1940.

MAIA, Antonio C. Sobre a analítica do poder em Foucault. **Tempo Social**, Revista Sociol., USP, São Paulo, v.7, n.1-2, out.1995. p. 83-103. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0712/analise1.pdf>>. Acesso em: 20 nov 2011.

MALTA BIECKERT. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 935, p.61, abr.1940.

MARTINS, Luiz Alberto Moreira; JÚNIOR, Carlos Augusto Peixoto. Genealogia do Biopoder. **Psicologia & Sociedade**. Florianópolis, v.21, n.2, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 22 jan. 2012.

MARSHALL, James. Governamentalidade e educação liberal. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação**: Estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p.21-34.

MAS SALUD cuanto mas aire. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.922, p.36, jan. 1940.

MEYER, Dagmar Estermann. As mamãs como constituintes da maternidade: uma história do passado? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n.2, p. 117-132, jul./dez. 2000.

_____. et al. Você aprende, a gente ensina? Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.6, jun. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n6/22.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

MINEO, Mariana; VILLAR, Rocío. Detrás de cada mujer ¿ una gran revista? Matéria postada em site. **Ilustrados**. Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.ilustrados.com/tema/5865/Detras-cada-mujer--gran-revista.html>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca da revista**: o caso da editora abril. 366 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000122361>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

MONTERO, Rosa. **A Louca da Casa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p.7-38.

NETO, João Leite Ferreira. Subjetividades Contemporâneas: Algumas contribuições de Deleuze. **Caderno de debates Plural**, Belo Horizonte, n.13, p. 105-112, mar.2000.

NIETZSCHE, Friedrich. Verdade e mentira no sentido extramoral. **Comum**, Rio de Janeiro, v.6, n.17, p.5-23, jul.-dez. 2001.

NUCLEODYNE. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 924, p.15, jan.1940.

OBSERVACIONES de Mamá Isidora. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 941, p.31, mai. 1940.

OCACIA. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.937, p.60, abr. 1940.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PARA TENER buena vista. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 946, p.85, jul.1940.

PARA TI, Buenos Aires, n. 934, p.3 abr. 1940.

PASTILLAS McCOY. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 936, p.80, abr.1940.

PETTERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença** [uma introdução]. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PILDORAS Ross. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 944, p.83, jun.1940.

PROPENSOS a los resfrios. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 937, p.89, abr.1940.

RAGO, Margareth. As marcas da pantera: Foucault para historiadores. **Revista Resgate**, Campinas, n.5, p. 22-32, 1993. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/55/60>>. Acesso em: 8 jan. 2012.

RIBEIRO, Rúbia Guimarães; KRUSE, Maria Henriqueta Luce. **O corpo ideal**: a pedagogia da mídia. 2007. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RIBEIRO, Rúbia Guimarães; SILVA, Karen Schein; KRUSE, Maria Henriqueta Luce. O corpo ideal: a pedagogia da mídia. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.30, n.1, p.71-76, 2009.

ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.26, n.1, p. 33-57, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Apresentação. In: _____. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995a. p. 11-18.

_____. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____. (Org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995b. p. 121-139.

_____. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.14, p.235-249, 2000. Disponível em: < [http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2000\(14\)/SantAnna.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2000(14)/SantAnna.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2011.

_____. Notas sobre peso e velocidade dos corpos. In: _____. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. Campinas: Estação Liberdade, 2001. p.13-26.

_____. É Possível Realizar uma História do Corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2004. p.3-23.

SANTIN, Silvino. Ciência, Cientificidade e Cientista. In _____. **Textos Malditos**. Porto Alegre: Edições Est, 2002. p.29-38.

SANTOS, Rone Eleandro dos. **Genealogia da Governamentalidade em Michel Foucault**. 2010. 242f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: < http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARBZ-88TM66/1/disserta__o__vers_o_final.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si?** Educação dos corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos. 192f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8937/000591456.pdf?sequence=1>> Acesso em: 27 jul. 2011.

SECRETO de una buena respiracion. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 921, p.64, jan. 1940.

SI QUIERES estar sano, **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 935, p.36, abr.1940.

SILENCIO! Hospital. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 921, p.16, jan.1940.

SILVA, Ana Márcia. O corpo do mundo: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual. In: GRANDO, José Carlos (Org.). **A (des)construção do corpo**. Blumenau: Edifurb, 2001. p.13-33.

SILVA, Karen Schein. **Em defesa da sociedade: a invenção dos cuidados paliativos**. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26391/000758424.pdf?sequence=1>> Acesso em: 28 nov. 2011.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

STRIM, Cíntia. **Educando o corpo feminino: saúde como um mais, corpo molecular e otimização da beleza na Revista Claudia**. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29935/000778536.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

TEMORES INFUNDADOS. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.36, p.37, abr. 1940.

TIENE usted presión?. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n.935, p.69, abr. 1940.

TÓNICO Bayer. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 939, p.17, mai.1940.

TRAVERSINI, Clarice Salete; BELLO, Samuel Edmundo López. O Numerável, o Mensurável e o Auditável: estatística como tecnologia para governar. **Educação e Realidade**. v.34, n.2, p. 135-152, maio-ago. 2009.

UN AUXILIAR seguro. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 923, p.25, jan.1940.

UNGUENTO Pazzo. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 941, p.71, jun.1940.

UNIVERSIDAD popular de la mujer. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 922, p.83, jan. 1940a.

_____. **Revista Para Ti**, Buenos Aires, n. 935, p.35, abr.1940b.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? In: _____. (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 9-56.

_____. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 37-69.

_____. Na oficina de Foucault. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter Omar (Org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.79-91.

_____. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.